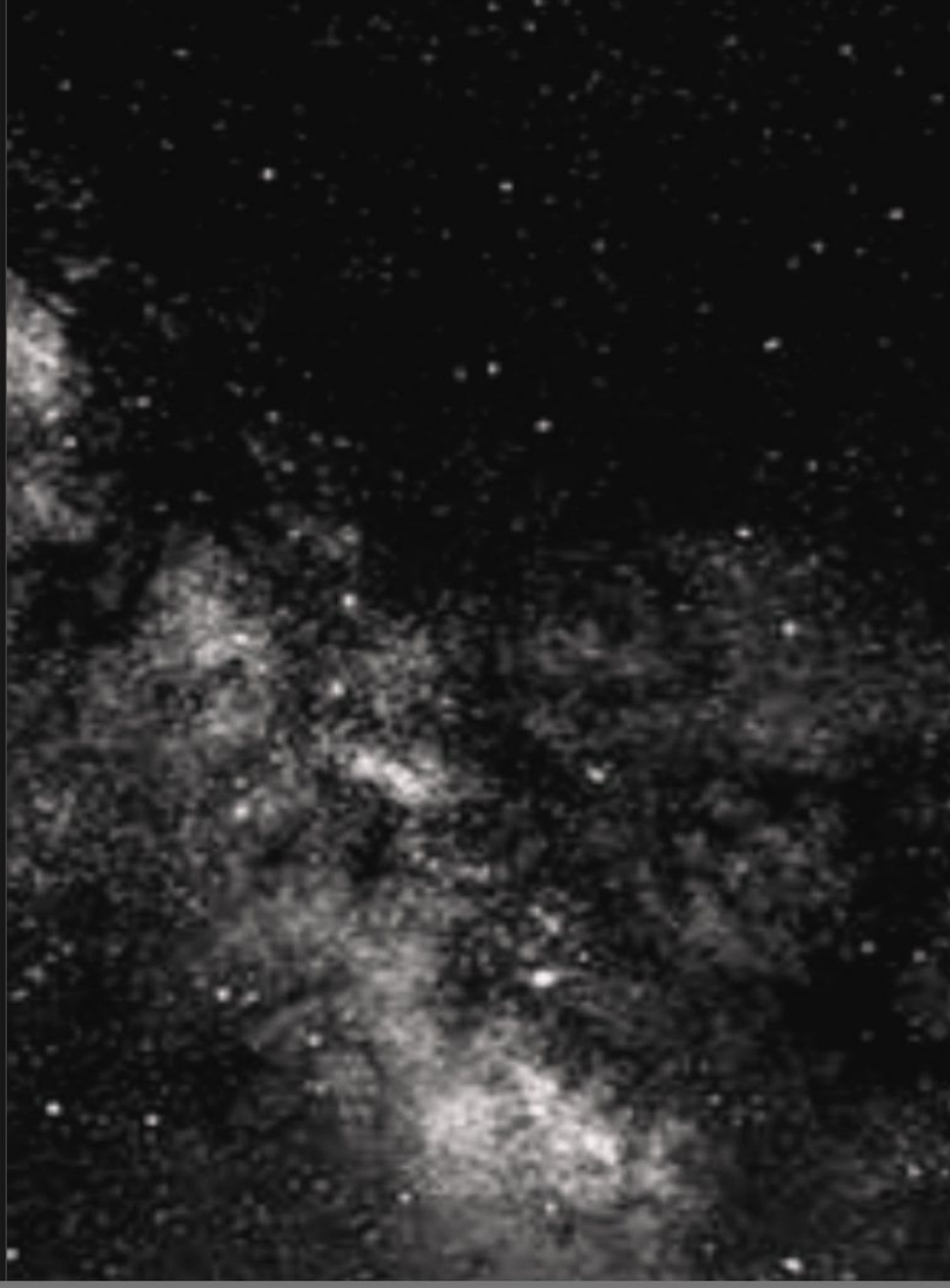

INTRODUÇÃO À ASTROLOGIA OCIDENTAL

Marcos Monteiro

Edição Revista e Aumentada

Introdução à Astrologia Ocidental

Marcos Vinicius Monteiro

Barra Velha, SC, Brasil, 2015. Todos os direitos reservados.

O autor pode ser contatado por e-mail (marcos@marcos-monteiro.com)

Índice

Agradecimentos
Prefácio
Parte I: Limpando o terreno
Capítulo 1: Astrologia “tradicional” e “moderna”
Capítulo 2: Que astrologia é esta?
Capítulo 3: Astrologia funciona? Como?
Capítulo 4: Astrologia e religião
Capítulo 5: Astrologia e ciência
Parte II: O Modelo
Capítulo 6: O céu que nos envolve; mecânica celeste básica
Capítulo 7: As Esferas Celestes – um resumo da cosmologia antiga
Capítulo 8: O céu no papel (ou na tela); os mapas, a representação do céu visível
Capítulo 9: Abram os olhos; dicas de observação celeste
Capítulo 10: Símbolos e analogias
Capítulo 11: Números e simbolismo
Capítulo 12: Os signos
Capítulo 13: Aspectos, parte I – Fundamentos
Capítulo 14: Planetas, os agentes cósmicos
Capítulo 15: Dignidade essencial; os planetas nos signos
Capítulo 16: Aspectos, parte II – Os planetas se movem
Capítulo 17: Antiscion
Capítulo 18: As casas e suas significações
Capítulo 19: As estrelas fixas
Capítulo 20: Urano, Netuno, Plutão
Capítulo 21: Dignidade acidental
Capítulo 22: O Mapa Natal não pára: Introdução aos Conceitos de Progressões e Direções; o que é uma Revolução Solar.
Apêndices
Apêndice I: Níveis da análise astrológica
Apêndice II: Cálculo dos ângulos
Apêndice III: As Horas planetárias
Bibliografia resumida

Agradecimentos

Este livro só existe graças à tradição astrológica que me precedeu.

Antes de falar das pessoas que me ajudaram diretamente, quero mencionar as que, ao longo dos últimos milênios, tornaram nosso ofício possível.

Entre muitos outros astrólogos do passado, faço questão de agradecer a Cláudio Ptolomeu, William Lilly, Nicholas Culpeper e Abraham Ibn Ezra (e pedir que Deus tenha misericórdia deles, onde quer que estejam), não só por sua relevância para a astrologia em geral, mas por sua importância na minha formação.

Os falecidos notáveis não precisam ser astrólogos: sem as orientações de autores como Aristóteles, Santo Tomás de Aquino, Santo Ambrósio e Mario Ferreira dos Santos, eu teria me perdido há muito tempo.

Outros agradecimentos não avançam tanto no passado, nem perturbam o descanso dos nossos predecessores.

Olavo de Carvalho foi a primeira pessoa que me fez pensar que talvez astrologia não fosse só enrolação.

Pedro Sette Câmara foi meu primeiro professor e quem me vez ver que astrologia funciona.

As aulas gravadas de Luiz Gonzaga de Carvalho Neto me ajudaram muito a entender melhor alguns pontos sobre simbolismo, cosmologia e religiões comparadas.

John Frawley, meu eterno professor, merece uma menção especial. Sua sabedoria, simplicidade, espírito prático e grandeza de coração nunca serão louvados o quanto merecem. É uma honra poder chamá-lo de mestre.

É difícil avançar no aprendizado de qualquer ofício sem interlocutores com quem discutir, comparar experiências, a quem pedir ajuda nos momentos de necessidade e com quem dividir vitórias e derrotas. Aos colegas Goritza Svortzan, Felipe Oliveira,

Teresa Alfonso, Tania Penna, Kathryn Pintar-Silvestre e Fotini Christodopolous, entre outros, meu muito obrigado.

Não posso esquecer dos meus alunos, que são o motivo destes textos existirem. Liana Calixto, aluna, cliente e amiga, foi quem me convenceu a escrevê-lo; Eddie Trevizano, Livio Nakano e Rodrigo Lacroix se destacam entre diversos outros, corrigindo meus erros, me forçando a reescrever e reapresentar partes obscuras e também elogiando as partes menos ruins.

Agradeço também à minha família. Meus pais, que me já me apoiaram em empreitadas muito mais duvidosas que um livro sobre astrologia; minha esposa, por passar junto comigo os momentos bons e maus que envolvem viver do assunto deste livro; e meus filhos, que são o motivo para eu levantar da cama, todos os dias.

Acima de tudo, agradeço a Deus por ter me permitido chegar até aqui e a Maria Santíssima por interceder por mim.

Prefácio

Este texto vem das lições do meu curso de Introdução ao Simbolismo Astrológico e foi pensado, antes de mais nada, para substituí-las na sua função de texto básico.

Os exercícios foram retirados, grande parte do texto foi reorganizado, alguma coisa reescrita, alguma coisa acrescentada, mas nada mudou na essência. As mudanças se devem muito mais à mudança de formato, embora meu entendimento de alguns pontos tenha avançado, espero.

Há poucos livros decentes sobre astrologia em português; fiz o possível para que ele mereça ser incluído entre estes poucos, e não no grupo dos livros dispensáveis ou prejudiciais, que são legião.

A minha ideia foi expor as bases do simbolismo e do pensamento astrológico da forma mais simples e lógica possível para alguém que não tenha tido nenhum contato prévio com o assunto. Evitei o excesso de nomenclatura técnica e tentei ser o mais simples possível sem simplificar a ponto de distorcer o conteúdo.

Há muito poucas citações de autores, antigos ou modernos, e não há (com uma exceção), citações explícitas de suas obras no texto deste livro. Decidi escrever assim para tornar a leitura menos cansativa. Na bibliografia há material para satisfazer os leitores mais ávidos por fontes e garantir que a obra de ninguém tenha sido usada sem o devido crédito.

É claro que outros astrólogos vão discordar de algumas das coisas escritas, mas isso é parte inevitável da tarefa de escrever sobre astrologia. Espero ter conseguido me manter fiel aos princípios da arte; mais que isso não posso prometer. De qualquer forma, como este livro é introdutório, tentei não tocar em pontos mais controversos (que são, em grande parte, pontos técnicos que não mudam o entendimento geral).

Entender como foi o meu encontro com a astrologia talvez ajude o leitor a se situar melhor com relação a esta obra.

Como grande parte das pessoas, eu achava (até uns quinze, vinte anos atrás) que astrologia fosse uma grande bobagem. Certo dia, descobri que um escritor que eu lia com bastante interesse na época, o jornalista e filósofo Olavo de Carvalho, havia sido astrólogo – e através dele, descobri que muita gente boa no passado também havia praticado esta arte, o que me deixou curioso.

Algum tempo depois, Luiz Gonzaga de Carvalho Neto e Pedro Sette Câmara organizaram um curso por correspondência. Comecei a fazer o curso (quando o professor que de fato interagia com os alunos era o Pedro Sette Câmara) e a ler o que o Pedro escrevia na internet, além da bibliografia recomendada. Meu mundo, ou, pelo menos, minha visão do mundo, mudou por completo.

A ideia de que é possível olhar para o céu visível e dele tirar informações sobre o que acontece com as pessoas e as coisas em geral é assombrosa. Mais assustadora ainda é a noção de que isso só acontece porque o mundo faz sentido.

Assustadora, principalmente, para mim. Na época em que essas coisas aconteciam, eu estava na universidade, estudando biologia e confuso sobre a existência ou não de Deus. O ateísmo não me satisfazia, mas a existência de um Criador era algo que, embora eu dissesse já acreditar, ainda não me descia direito. Perceber a ordem do cosmos foi a melhor coisa que a astrologia poderia ter me dado, no melhor momento possível.

Esse assombro inicial, essa sensação de deslumbramento com o céu, é o que tento passar para os meus alunos e, agora, aos leitores.

Esta introdução tem a mesma limitação que o curso de onde ela surgiu: sua intenção não é formar astrólogos, mas explicar o simbolismo celeste básico. Se Deus quiser, ela também vai conseguir demonstrar que astrologia não é (ou, não é só) uma bobagem para encher espaços vagos de jornal.

****

Sobre o título. Quando comecei a escrever, ele era “Introdução ao Simbolismo Astrológico Tradicional”, mas, como discuto mais à frente, a palavra “tradicional” me incomoda. Foi, durante um tempo,

“Introdução ao Simbolismo Astrológico”, que é impreciso, e “Introdução ao Simbolismo Astrológico Ocidental”. Depois resolvi suprimir o “Simbolismo”, porque o livro é uma introdução à astrologia como um todo.

Reconheço que “ocidental” (como em “civilização ocidental”, ou “cultura ocidental”) é um termo problemático, mas não há muito o que fazer; as outras soluções são piores.

Nota da edição revista:

Além de ter revisado o texto (removi todos os erros que encontrei, reescrevi um ou outro trecho que me pareceu confuso), incluí dois capítulos, um sobre o modelo cosmogônico/cosmológico da Esfera e um sobre a mecânica por trás das direções primárias e progressões secundárias. Creio que os dois se encaixam bem no espírito do livro; comecei a escrever dois outros (um sobre a natureza do tempo e sua relação com a astrologia, outro sobre a natureza dos elementos), mas acabei apagando; não caberiam aqui e talvez fossem redundantes.

Parte I: Limpando o terreno

Capítulo 1: Astrologia “tradicional” e “moderna”

A astrologia que aprendo, pratico e tento ensinar é chamada por grande parte dos astrólogos de astrologia “tradicional”.

O motivo para esta nomenclatura está em haver, hoje, no ocidente, outros tipos de astrologia. Vamos ver rapidamente como esses outros tipos apareceram.

O fim do Renascimento (e o início da Idade Moderna) foi uma época bastante complicada para a astrologia ocidental. O número de praticantes diminuiu muito e o público passou a vê-la com descrédito cada vez maior. A arte que já havia sido usada por imperadores e papas (e que era considerada, à mesma época, sagrada em outras partes do mundo) passou a ser considerada como algo entre a superstição e o entretenimento de salão.

O que gerou este estado de coisas?

A visão de mundo antiga, que via o universo como um Cosmos; que aceitava como óbvia a interconexão das criaturas, as analogias e simpatias entre as coisas; que, enfim, via o mundo de um jeito que tornava a astrologia algo fácil de entender, foi substituída por outra, incompatível com o modo de pensar astrológico.

O modelo explicativo do organismo foi substituído pelo do relógio. Noções como forma, ato, os quatro elementos e outras foram descartadas; as técnicas (chamadas de artes ou ciências tradicionais) que se baseavam nela perderam o sentido.

Coisas como astrologia e medicina tradicional passaram a estar no mesmo balaio que a feitiçaria: ou são demônios se metendo na vida humana, ou são superstições sem valor algum. A conexão entre o senso comum e o simbolismo natural foi cortada.

Essa mudança de mentalidade foi gestada antes, no fim da Idade Média, mas seus efeitos começaram a ser sentidos com mais força

nesta época.

Para se adaptar a esta mudança de paradigma, uma nova versão da arte foi aparecendo aos poucos. A objetividade antiga, agora sem nada que a dê respaldo, passa a ser irracional: é preciso considerá-la como uma investigação psicológica que aponte tendências gerais e mudanças nas disposições mentais internas, sem almejar nada muito concreto, nem dizer muita coisa sobre o mundo físico, fora da mente. Os conceitos astrológicos agora são aberrantes: é preciso simplificá-los e adaptá-los à nova sensibilidade. Nasce a astrologia moderna.

Essa tendência nova nunca suplantou de vez a outra, na verdade, mas, por corresponder, de alguma forma, à visão que se tinha do que ela deveria ser, se tornou, para o público em geral, “a astrologia”.

De qualquer forma, já não existia mais só uma astrologia. Existia a astrologia comum, que existia antes (a que se chama hoje em dia de “tradicional”) e a moderna.

Algumas décadas atrás, tivemos uma onda de “redescoberta” e “retomada” do ramo astrológico original tradicional; desde o século passado, começaram a aparecer cursos sobre o assunto, obras antigas foram reeditadas; algumas pessoas começaram a se definir como astrólogos tradicionais (ou clássicos). Isso não foi gratuito; a mentalidade contemporânea, se não é “tradicional”, é bem menos cientificista e mecanicista do que era há dois séculos. Isso gerou uma enorme confusão de novas formas de astrologia, mas também possibilitou que a astrologia conforme à Tradição ocidental voltasse a ter lugar no imaginário, inclusive no dos próprios astrólogos.

Essa retomada teve a aparência, por assim dizer, de uma nova onda dessa astrologia antiga; novas ondas precisam de nomes, logomarcas, slogans; surgiu a astrologia tradicional.

Embora a tenha usado durante muito tempo, hoje em dia acho que essa terminologia é enganadora. A astrologia “tradicional” – ou seja, astrologia normal – é tão moderna quanto qualquer outra coisa que exista hoje. Não estamos falando de uma curiosidade de museu que

foi descoberta por arqueólogos. Mesmo tendo passado por este período de degeneração, ela nunca chegou a desaparecer.

Além disso, o uso dessa denominação faz parecer que ela seja mais uma opção entre outras. É como se estivéssemos numa loja e nas prateleiras houvesse as opções de astrologia moderna, pós-moderna, junguiana, cármica, construtivista e tradicional. Isso não acontece, da mesma forma que não temos astrologia com menta, nem com cobertura de chocolate.

Como falei acima: o que se chama de “astrologia tradicional” é a astrologia ocidental normal; as vertentes modernas é que precisam de qualificação.

É difícil definir com precisão o que é a astrologia moderna, ou o que são as astrologias modernas, porque há muitas variações, dissidências e novidades. No entanto, dessa mudança inicial, consigo identificar dois ramos principais, aos quais o resto parece subordinado.

A primeira é uma limitação brutal da arte tradicional, restringindo-se de forma arbitrária a sua área de atuação (o astrólogo, que antes analisava o mundo inteiro, passa a estar restrito às emoções e pensamentos humanos), ignorando-se sua capacidade de previsão (o que foi revertido em parte nos últimos tempos; mas ainda há muitos astrólogos praticantes que não acreditam que se possa prever nada com astrologia) e se jogando fora todas, ou quase todas, as técnicas antigas.

A segunda cresceu da primeira e da necessidade natural das pessoas por algum tipo de espiritualidade, que foi reintroduzida pela mistura com as mais variadas tendências new age e/ou com versões diluídas e “ocidentalizadas” de astrologias e conceitos espirituais distorcidos de outras civilizações (a Índia é um dos alvos prediletos).

Não é que essa mistura (ou alguma variante dela) não tenha dado certo e, portanto, não funcione. Perguntei a um estudante de astrologia moderna, certa vez, “Você vê a astrologia moderna que você pratica funcionando?”. Recebi como resposta outra pergunta: “O que é ‘funcionar’ para você?”.

Em parte, a astrologia moderna foi feita para não funcionar; para não prever, para escapar das acusações relacionadas à adivinhação e ao charlatanismo que eram bastante comuns no final do século dezoito.

Isso não quer dizer que não haja astrólogos “modernos” que sejam competentes (nem que não haja astrólogos “tradicionais” que estariam melhor fora dos consultórios e dentro de instituições psiquiátricas). Conheço vários. O que percebi, no entanto, pelo meu contato com alguns é que eles têm, como guia à sua prática, uma boa noção dos princípios ou da cosmovisão subjacente à astrologia normal.

De qualquer modo, neste livro não vou tratar de astrologia moderna e vou mencioná-la pouco. Essa diferenciação inicial é necessária simplesmente para que o leitor saiba do que estou falando.

Outro motivo para eu evitar a palavra “tradicional” é a conotação que ela passou a ter em alguns contextos, que poderia ser mais bem descrita como “tradicionalista”.

Não rejeito inovações modernas porque não constam nos “textos clássicos” dos “autores tradicionais” (ou seja, os textos astrológicos antigos que sobreviveram ao tempo). Eu as rejeito porque (e quando) estão em contradição com os princípios astrológicos, ou quando são invenções gratuitas.

Essa mentalidade de reverência a um determinado corpo de escritos do passado, algo mais próximo do fetiche do que de qualquer estudo sério, não é, propriamente, tradicional e não era defendida por nenhum dos autores antigos; muitos deles, na verdade, viam a si mesmos como reformadores e inovadores.

O problema de fundo é uma incompreensão do que seja a Tradição. Na verdade, num certo sentido, a mentalidade moderna e a tradicionalista concordam quanto à Tradição astrológica: ambas acham que ela está morta. A única diferença é que, enquanto uma delas decide enterrá-la, a outra decide venerá-la.

Tradição é transmissão, é um processo vivo. Não é a preservação de um conjunto rígido de técnicas (ou, o que é pior, de um conjunto fixo de livros), mas a transmissão de um conhecimento vivo e das

ferramentas de um ofício real. O astrólogo se insere na tradição astrológica (ou, no caso de astrologias diferentes da ocidental, em uma tradição astrológica) ou não, mas não é transportado para o passado, nem faz uso de relíquias sagradas ou talismãs desencavados de períodos históricos distantes.

Quando se entende isso, também é fácil entender porque gosto ainda menos de divisões como “astrologia clássica”, “astrologia medieval”, “astrologia renascentista”. Como divisões pedagógicas para historiadores, isso é passável; mas não se pode transformá-las em coisas reais.

Se “astrologia medieval” é um termo limitado, mas que pode ter valor pedagógico, “astrólogo medieval” (quando aplicado a alguém vivo nos dias de hoje) não faz o menor sentido. É razoavelmente seguro afirmar que nenhum astrólogo vivo hoje nasceu na Idade Média.

Capítulo 2: Que astrologia é esta?

Astrologia ocidental

Todo povo de que já ouvi falar, desde nômades até construtores de impérios (por exemplo, os babilônios, os persas, os árabes, os indianos, os judeus, os chineses, os índios do Alto Xingu, os gregos antigos), teve algum tipo de astrologia.

Este livro não trata dessas astrologias todas. Nenhum livro seria capaz de falar delas com propriedade; nenhum escrito por mim, pelo menos. Vou falar da astrologia ocidental, a que foi praticada na civilização ocidental durante praticamente toda a sua existência (e a única que conheço o suficiente para achar que o leitor possa ganhar alguma coisa prestando atenção no que tenho a dizer).

Ela tem raízes babilônicas e egípcias, foi bastante influenciada pelos gregos, romanos e árabes, mas parece ter nascido (como algo distinto das outras astrologias) no início da era cristã, sofrendo desenvolvimentos e passando por épocas de florescimento e decadência, até o presente.

Ou seja, a história da astrologia ocidental espelha a história do ocidente cristão.

Há diferenças de técnica entre os babilônios e os gregos, entre os gregos e outros gregos, entre os astrólogos antigos e os medievais, entre os medievais dos diversos países, entre estes e os da(s) Renascença(s)... não há dois astrólogos que trabalhem exatamente igual um ao outro, assim como não há dois mecânicos que mexam exatamente da mesma forma em um carro.

Mas parece haver uma continuidade de princípios e de noção do que seja a arte, e mesmo da técnica em linhas gerais. Ou seja, ao longo desses dois milênios, os astrólogos parecem sempre estar falando sobre a mesma coisa e se referindo ao mesmo quadro geral. Além, é claro, de terem a mesma ideia sobre o que o seu ofício oferece ao público.

Astrologia cristã

A característica fundamental desta astrologia: ela é cristã.

Ela tem raízes e influências pré-cristãs, gregas, árabes e outras, mas é orientada pela visão de mundo cristã, assim como a nossa civilização, como eu disse acima.

Isso não quer dizer que astrólogos e estudantes de astrologia tenham que ser cristãos, da mesma forma que é possível viver dentro da civilização ocidental e ser ateu, ou ser praticante de outra religião, ou de nenhuma, como muitas pessoas fazem. Num exemplo mais grosseiro, mesmo a feitiçaria ocidental pressupõe a civilização (e a religião) cristã.

Esse arcabouço cristão está presente nos nossos valores, na base de como organizamos as coisas, e também está presente no simbolismo.

É importante salientar que não é um problema de valores morais, mas de antropologia e de cosmologia: o ocidental tinha uma ideia cristã do homem e do mundo, e a astrologia fincou raízes entre nós a partir dessas ideias.

A astrologia não é praticada no vácuo. Ela pressupõe uma visão de mundo, uma Tradição. A astrologia ocidental tradicional é tão cristã quanto a sociedade ocidental tradicional (e a deturpação moderna de uma se reflete na deturpação moderna da outra). O simbolismo astrológico brilha com um sentido muito mais claro quando se entende isso, quando se percebe em que ele se sustenta.

O que é astrologia?

Até aqui, falei de astrologia sem defini-la. Todo mundo tem alguma ideia, mesmo que vaga ou errada, do que seja astrologia, o que torna mais fácil primeiro tirar do caminho o que ela não é; mas agora preciso dizer o que ela é.

Definir astrologia é algo relativamente simples, desde que algumas outras coisas estejam claras. Então, vamos iluminá-las.

*1) **Céu**: uma grande esfera, azul-clara de dia e escura com diversos pontos brilhantes de noite, da qual vemos sempre no máximo metade. Ou seja, o céu visível.*

“ Ah, mas isso é uma ilusão, essa esfera não existe de verdade”.

Claro que existe. Eu não disse que ela é um corpo físico. O que vemos (ou, no caso de quem mora em grandes cidades, intuímos) é isso; sua origem – ou existência – física não importa agora.

*2) **Corpos celestes**: estrelas visíveis, planetas, o Sol e a Lua (sobre as nuvens, aviões, etc., veja abaixo).*

*3) **Eventos terrestres**: qualquer coisa que ocorra no mundo, que não seja no céu (pássaros e morcegos, neste sentido, são terrestres; o clima não é céu, muito menos as nuvens; quem mora em locais montanhosos sabe disso, porque há lugares de onde se podem ver as nuvens abaixo de nós. Os objetos feitos pelo homem também não são celestes. Podemos entrar e sair de aviões, que foram feitos aqui e pousam na terra. Eles não estão no céu que definimos acima e pertencem aos eventos terrestres).*

Ascensão e queda de impérios, dinastias, países, guerras, chuvas, terremotos, nascimento, desenvolvimento e morte de organismos, emoções, sensações, atos humanos, comportamento de máquinas, acidentes, casamentos, divórcios, etc. Tudo isso são eventos terrestres.

Com esses conceitos, é fácil dar uma definição decente de astrologia:

Astrologia é: ***a arte (ou técnica) de observar os corpos celestes e suas relações entre si e com o céu e relacioná-los a eventos terrestres.***

Ou seja, a astrologia é a arte ou técnica de estabelecer relações entre relações.

Isso é importante, porque não é enfatizado suficientemente nos textos astrológicos em geral.

Por exemplo, posso dizer que “o Sol é um símbolo do rei”. Mas, na verdade, o que estou dizendo é que, entre outras relações possíveis, o Sol está para os outros planetas assim como o rei está para os seus súditos (ou seja, o Sol não é o símbolo do rei enquanto inimigo de outro rei, ou na relação dele com sua mãe, por exemplo).

O simbolismo astrológico é, na verdade, o simbolismo natural aplicado aos corpos celestes. Em alquimia, por exemplo, a relação entre os metais (derivada das suas qualidades sensíveis) é análoga à relação entre os planetas (podemos associar cada planeta a um metal).

Na verdade, o simbolismo como um todo (seja dos planetas, dos metais, das fases da vida, dos animais, etc.) é harmônico porque traduz a estrutura do real. Uma dada coisa (ou pessoa, ou país) não se comporta de forma marcial porque Marte “influencia” seu comportamento; mas porque há uma qualidade em ambos, coisa e planeta, que se evidencia no simbolismo associado a Marte (ou ao cabrito montês, ou ao ferro).

Ou seja, as relações entre os planetas, ou entre eles e o céu, expressam relações possíveis do real, e nos ajudam a descobrir estas relações nos eventos terrestres; falo sobre isso mais à frente.

O leitor vai notar que essa definição não fala em influências gravitacionais, nem em modificações da consciência coletiva, porque essas coisas não são astrologia.

Essas explicações pseudocientíficas, que requentam conceitos físicos mal-entendidos, não devem ser levadas a sério. Não são tentativas de entender o fenômeno astrológico, mas de fornecer conforto psicológico às pessoas que, apesar de praticarem astrologia, tenham sido educadas para acreditar que ela seja bobagem.

Resumindo: neste livro vamos estudar as bases simbólicas da técnica que relaciona eventos visíveis no céu com eventos na terra, tomando por base a cosmologia ocidental cristã.

Uma nota sobre as outras astrologias.

Recomendo, no meu curso, que os alunos se afastem, pelo menos no início dos estudos, das outras astrologias.

Pelo que escrevi até agora, é fácil entender porque não aconselho o estudo da astrologia moderna; só que também não aconselho que se estude a astrologia indiana, ou chinesa.

Aqui, o problema não é que elas não funcionem, ou façam mal; é o contrário. Elas funcionam muito bem... dentro do conjunto cultural, filosófico e religioso no qual nasceram.

É possível estudar astrologia indiana e aprendê-la.

É mais fácil se você tiver sido educado na Índia, seguir o Dharma e estiver familiarizado com a cultura, com os textos religiosos e com o pensamento hindu.

É mais difícil se você for um ocidental que se interesse bastante por tudo o que mencionei acima, mas é possível.

É muito mais difícil se você só quiser aprender a astrologia indiana, sem vontade de se inteirar na cultura e na visão de mundo hindu, mas ainda é, imagino, possível.

É muito mais difícil ainda se você quiser aprender duas astrologias, principalmente ao mesmo tempo. São duas visões de mundo diferentes. Do conceito de alma à noção de zodíaco, a pessoa tem que ficar mudando o sistema de coordenadas conforme muda de astrologia.

Por fim, não é possível fazer uma mistura das duas. Pelo menos, misturar as duas de forma produtiva.

Acontece a mesma coisa com a religião. É possível ser um bom cristão, é possível ser um bom muçulmano, é possível ser um bom budista. O sujeito que tentar ser as três coisas ao mesmo tempo vai ficar louco.

É claro que, como a astrologia está num nível diferente da religião, as coisas não são tão drásticas; não é impossível que alguém seja bom em duas, ou mesmo três, astrologias diferentes, só acho que o esforço mental aumenta demais para um ganho pequeno.

Se elas funcionam, basta aprender bem uma delas. Se elas não funcionam, não adianta aprender nenhuma.

Os sistemas astrológicos são orgânicos. Qualquer coisa para ser inserida neles deve se harmonizar com que já existe. Isso já aconteceu na astrologia ocidental diversas vezes; mas uma coisa é um aporte externo que se harmoniza com o sistema, outro é usar

algo externo, com base num sistema diferente, e para o qual o seu próprio sistema tem algo que funciona perfeitamente bem.

Além disso, muita coisa do que se vende como “astrologia védica”, ou “hindu”, e “astrologia chinesa” é só uma salada moderna com alguns temperos exóticos. Não é a opção mais inteligente para quem quer fugir do ocidente.

Capítulo 3: Astrologia funciona? Como?

A resposta mais curta é “Sim, funciona. Já vi funcionar muitas vezes da forma mais impressionante”.

O problema é que, de acordo com a mentalidade moderna, ela não devia funcionar. Falei um pouco disso nos capítulos anteriores, mas é a hora de abordar o assunto mais de perto.

Então, temos que pensar na resposta mais longa e mais complicada.

Antes dela, no entanto, quero defender o estudo do simbolismo astrológico, independente do fato de a técnica astrológica funcionar ou não.

Vale a pena estudá-lo por motivos práticos, de ordem histórica, antropológica, ou mesmo literária.

A maior parte da civilização ocidental acreditou em astrologia durante quase toda a sua existência; sua produção cultural, filosófica e teológica foi, em grande medida, feita sobre este pano de fundo e seu estudo ajuda a entendê-la. A astrologia facilita a compreensão de muitas obras de arte e de passagens de alguns pensadores (essa é uma via de mão dupla. A nossa herança cultural é uma enorme aula de astrologia).

Além disso, o simbolismo astrológico, por ser um simbolismo natural e, portanto, refletir a estrutura (real ou ideal, neste estágio não importa) do universo de uma forma sintética, foi usada por alguns autores como princípio de organização do conhecimento.

Um exemplo é o ordenamento das chamadas sete artes liberais (que não eram só disciplinas escolhidas mais ou menos ao acaso). O *Trivium* (gramática, retórica e lógica) e o *Quadrivium* (aritmética, geometria, música e astrologia) serviam, em primeiro lugar, para orientar e organizar a mente; para ensinar a pessoa a estudar. As sete artes podem ser associadas aos sete planetas tradicionais, o que torna mais claras as diferenças entre elas.

Vale a pena estudá-lo, também, por um motivo espiritual.

A modernidade esqueceu da cosmovisão tradicional. Sem ela, a ideia de que o universo foi criado por Deus passa a ser um conceito abstrato, afastado da realidade cotidiana. O simbolismo astrológico (ou melhor, o simbolismo natural), recordando essa visão de mundo, pode ajudar a entender várias passagens dos textos sagrados e de escritos de santos, por exemplo. O próprio ano litúrgico (ou o equivalente dele nas outras religiões: a percepção de que o tempo muda em qualidade, não só em quantidade) faz mais sentido a partir desta cosmovisão (aos olhos modernos, um instante de tempo é igual a qualquer outro).

É importante lembrar: a Bíblia não é um livro astrológico e não pode ser reduzida a isto. Por outro lado, ela foi escrita por homens (inspirados pelo Espírito Santo, mas homens) que possuíam uma visão do mundo que não era baseada na ciência moderna.

Posto isso, vamos à pergunta do título: astrologia funciona?

Não é meu objetivo provar se funciona, mas posso apontar alguns indícios; algumas evidências circunstanciais, por assim dizer.

Um indício é o testemunho histórico dos seus detratores. Grande parte das críticas astrológicas abordava seus riscos à alma, seus possíveis envolvimentos em heresias, o envolvimento dos astrólogos (ou de supostos astrólogos) com demônios, mas quase nunca duvidavam da sua eficácia; o fenômeno astrológico em si era dado como pressuposto. Ou quase todos os críticos da astrologia ao longo dos séculos eram incrivelmente sugestionáveis, ou havia algo de verdade nas previsões dos astrólogos de sua época.

Por outro lado, havia, é claro, as pessoas que acreditavam na astrologia: astrólogos, professores de astrologia e clientes.

A ideia de que pessoas pagavam a astrólogos que sistematicamente davam respostas erradas é uma mistura de orgulho moderno (“Sou mais esperto que aqueles primitivos”) e desconhecimento de como astrologia era encarada.

Uma figura comum antigamente (e que não desapareceu), por exemplo, é a do astrólogo particular: o astrólogo de um sujeito rico, ou de uma família rica; o astrólogo do papa, de um cardeal, ou do rei;

em suma, alguém pago para responder às dúvidas de alguém poderoso usando astrologia.

Um astrólogo real não era bancado para dizer “Vossa Majestade é inteligente, sensual e vossos pais não vos entendiam; vosso número de sorte é 6 e vossa cor de hoje é azul-turqueza”, mas para prever vitórias ou derrotas em guerras, a saúde ou doença de pessoas ou animais e ajudar a escolher esposas e noras. Ou seja, se esperava que ele fosse útil ao seu empregador.

Quanto tempo duraria um astrólogo que previsse um filho homem no ano seguinte e falhasse, depois aconselhasse o ataque ao reino vizinho e a campanha fosse um desastre, depois sugerisse plantar pepinos e a colheita fosse um fracasso? A história não dá muitos exemplos de monarcas tolerantes com o fracasso alheio continuado.

Sim, é possível ser enganado por charlatães profissionais. Sim, muitos astrólogos foram e são desta classe. O problema é que o modo como se fazia astrologia, embora fosse tão propício a ludibriar clientes novos quanto hoje, era mais desfavorável ao engodo sistemático e continuado da mesma pessoa, porque as respostas eram muito mais objetivas.

Além disso, temos as previsões famosas de astrólogos importantes.

William Lilly previu o incêndio de Londres, em 1666, tendo sido inclusive investigado – e inocentado – sob a acusação de tê-lo ter iniciado.

Luca Gaurico previu a ascensão de três papas e a morte de Henrique II (que ocorreu depois da morte do próprio Gaurico).

John Frawley previu vários resultados de jogos de futebol na tevê inglesa.

É claro que essas previsões não são acima de qualquer dúvida.

Os textos sobre os astrólogos antigos são confusos.

Robert Zoller alega ter previsto o ataque às torres gêmeas em 11 de setembro de 2001; sua análise recebeu algumas críticas por ser aplicável a qualquer problema num período muito maior de tempo, em qualquer ponto da costa leste dos EUA.

Os jogos de Frawley podem, afinal, ter sido sorte.

De qualquer forma, elas estão acessíveis, são verificáveis e o leitor pode tirar suas próprias conclusões.

Um outro fator é o meu depoimento. OK, é enviesado, porque, afinal, sou astrólogo, ensino astrologia e estou escrevendo este livro.

Só que se eu não tivesse testado astrologia horária e não tivesse visto ela funcionar de forma tão impressionante ao longo dos anos, não estaria fazendo nada disso.

Claro que já errei várias vezes (e nunca serei imune ao erro, perfeição não faz parte do pacote astrológico), mas astrologia horária é simples o suficiente para os acertos serem muito mais comuns que os erros – e mais impressionantes. Uma coisa é dizer “seu cachorro vai voltar” e ele voltar, ou não. A outra é dizer “ele aparece daqui a uma hora” e isto acontecer.

A objetividade implícita da horária faz com que seja impossível enrolar o cliente, ou a si mesmo, por muito tempo. Em consultas natais, muitas artimanhas psicológicas são possíveis, conscientes ou inconscientes. Numa pergunta horária, há pouco espaço para isso; as respostas a “Vou conseguir este emprego?”, “Minha doença é grave?”, ou “Onde está minha carteira?”, entre outras perguntas possíveis, têm que ser objetivas.

Como funciona?

A astrologia investiga a qualidade do tempo; ou seja, o astrólogo tenta perceber a qualidade distintiva daquele momento e as repercussões disso, naquele local, para um evento qualquer.

Um exemplo simples: astrologia natal. O astrólogo (usando o que se chama de “mapa astral”, “mapa celeste”, ou neste caso, “mapa natal”; uma representação simplificada do céu) observa o céu no momento exato, e como visto do local exato, do nascimento da pessoa.

Como dito antes, partindo do princípio de que haja uma analogia entre as relações deste céu com o ser humano que nasceu neste momento/local – ou seja, partindo do princípio de que o nascimento e o céu fazem sentido –, analisamos as forças e debilidades dos

planetas, sua posição no céu (com relação ao céu em si e com relação ao local de nascimento) e daí deduzimos características do indivíduo: temperamento, aparência física, aptidões intelectuais, relações com familiares, casamento, filhos, etc.

Como o céu se move, é possível também prever eventos que acontecerão com o indivíduo baseando-se no movimento simbólico do céu a partir do mapa natal (repetindo: o movimento simbólico; algo pode acontecer uma hora depois do nascimento e significar eventos que ocorrerão anos mais tarde).

Pode-se, também, decidir qual é o melhor momento de fazer algo (construir uma cidade, casar-se, começar ou terminar uma guerra, fazer um filho ou realizar um parto) escolhendo-se um céu com qualidades mais propícias (na verdade, menos adversas; nada no mundo é perfeito).

É uma questão, como eu disse antes, de estabelecer relações entre relações. No mapa, há uma relação entre dois corpos celestes, ou entre um deles e o céu. No evento que estamos estudando, há uma relação entre duas coisas.

Se as duas relações tiverem a mesma natureza (e determinar isso é parte do trabalho do astrólogo), elas tendem a se comportar de forma parecida.

Como o que acontece com o céu é muito mais fácil de analisar do que o que acontece na terra (os corpos celestes se movimentam de forma regular), podemos olhar o que acontece em cima para determinar o que pode acontecer embaixo.

Por que há essa sincronia entre o céu e a terra? Ou seja, por que as coisas que aparecem no céu têm a mesma natureza que as coisas da terra? Ou seja, é possível que um determinado mapa celeste seja o reflexo perfeito de uma situação na terra, mas por que o mapa do nascimento da coisa?

Resumindo: por que o que nasce é refletido no céu do mesmo momento, em vez do céu, por exemplo, de meia hora depois?

Porque “*Para tudo há um tempo, para cada coisa há um momento debaixo dos céus”* (Eclesiastes, 3,1).

O tempo não é uniforme e homogêneo. Pode parecer que é, porque o relógio não faz distinção entre os momentos, mas é o relógio que é uma abstração.

Os astrólogos antigos sabiam disso e expressavam essa concepção atribuindo cada dia da semana e cada hora do dia a um planeta (ou seja, cada hora do dia e cada dia da semana tem um teor, um sabor diferente).

Mas a experiência comum também nos mostra isso. Os momentos são diferentes, há horas em que nos sentimos mais dispostos a concordar com os outros, em outros qualquer coisa é motivo para brigar, em alguns momentos o trabalho flui melhor, em outros ele é mais difícil, e por aí vai.

É mais fácil entender essa mudança de qualidade do tempo quando pensamos no espaço.

O sistema de coordenadas parte do princípio que o espaço é homogêneo, sem alterações qualitativas. Ou seja, não há pontos melhores ou piores no espaço, a sua única diferença é quantitativa (distância do centro, dos eixos, etc.).

No entanto, é fácil de ver que isso é uma abstração. Meu quarto é diferente da minha sala, que é diferente da rua. Não posso pegar sol, nem ser atropelado, no meu banheiro; não sinto cheiro de mar no topo do monte Everest. Num sistema abstrato de três eixos, ir numa direção é igual a ir em outra, mas se moro numa ladeira, subi-la e descê-la são duas coisas bem diferentes.

Por isso, disse que o que fazemos é investigar a qualidade do tempo, da mesma forma que perceber essas diferenças é, em alguma medida, investigar a qualidade do espaço.

E as influências dos astros?

O leitor deve ter percebido que, em nenhum momento, mencionei forças astrológicas, ou influências astrais: as forças emanadas pelos astros que modificam ou proíbem os eventos aqui na terra.

Elas não foram mencionadas porque não existem.

Durante muito tempo evitei esse assunto, porque a possibilidade de haver uma explicação de causa-e-efeito para a astrologia me parecia estranha, mas não impossível. Não penso mais assim e tenho a obrigação de explicar meus motivos.

Vamos analisar como seria esta força física astrológica, de acordo com o que sabemos sobre como a astrologia funciona.

Em primeiro lugar, esta influência astral não depende da massa dos planetas nem da distância dos planetas (ou estrelas) à Terra, nem de nenhuma característica física (composição química ou temperatura, por exemplo), mas é extremamente sensível à inclinação dos planetas com relação ao horizonte. Ela também é sensível à aparência visível dos planetas (o que, em termos da física moderna, é um artefato), mesmo quando eles estão abaixo do horizonte (quando estão, na prática, invisíveis). Ou seja, estamos falando de uma força física independente da física.

Além disso, a força teria que ser tão indiferente ao tempo quanto ao espaço. O mapa natal de uma pessoa diz como ela é. Não como ela vai ser aos trinta anos, apenas, mas diz alguma coisa sobre o recém-nascido. Perguntas horárias podem ser sobre o futuro, mas podem ser sobre o presente e até sobre o passado.

Por último, dizer que a influência astral tem como origem um planeta é impreciso. Não é Saturno, ou Vênus, que nos esclarecem a situação num dado mapa. É a posição deles em relação uns aos outros, ao céu (sua posição nos signos) e com relação à coisa em si. Ou seja, no fundo, a origem da influência é o conjunto dos planetas, do céu visível (todos os corpos cuja luz chega até nós), da Terra e da própria coisa analisada (a relação entre o planeta e objeto nos dá a posição a partir do qual observamos o céu).

Juntando isto tudo, esta influência astrológica é independente da física, do tempo, do espaço, viaja para o passado e é produzida pelo universo inteiro, incluindo a coisa influenciada. Ou seja, é uma força física que desrespeita as leis da física e o bom-senso puro e simples.

“ *Mas os autores antigos admitiam a influência dos astros”*

Muitos dos textos antigos falam de influência, ou de causa. Sem entrar em questões de tradução, há um problema conceitual: é difícil determinar o que eles queriam dizer com isso, se a intenção era afirmar que havia uma relação de causa e efeito, ou se eles estavam apenas mostrando a existência de uma relação. Pelos próprios textos, parece inclusive que não havia uma preocupação em diferenciar os tipos de causa.

De qualquer forma, mesmo se alguns dos antigos acreditassem de verdade em causa eficiente (ou numa relação de causa e efeito, no sentido científico moderno) entre o céu e os eventos terrestres, isso não torna essa relação mais real. Se há alguma coisa que a história nos ensina, é que as pessoas que vieram antes de nós também erravam.

Capítulo 4: Astrologia e religião

As relações entre as diversas astrologias e suas tradições religiosas são variadas, bem como os papéis que a arte astrológica exerce dentro da religião e que o astrólogo exerce na sociedade.

Este capítulo é sobre a relação entre a Igreja Católica e a astrologia ocidental, e é bastante resumido, porque é o máximo que consigo fazer e porque é o suficiente para os propósitos deste livro.

Falando rapidamente de forma mais geral, no entanto: a arte de observar o céu e relacioná-lo à terra era uma prática religiosa, ou uma atividade acessória às práticas religiosas (muitas vezes praticada por sacerdotes), para muitos povos, incluindo os babilônios, os caldeus, os chineses e os indianos. Alguns dos astrólogos judeus e muçulmanos mais importantes eram também pessoas importantes para a sua religião.

Na verdade, essa associação íntima com a religião é um dos motivos de algumas das primeiras condenações cristãs à astrologia.

As condenações do Primeiro Concilio de Toledo (do ano 397) e do Concílio de Braga (561), por exemplo, tinham como alvo a seita dos priscilianistas, que utilizavam previsões astrológicas como argumento a seu favor.

O que se condenava não era a prática astrológica, mas a heresia por trás dela (e que os hereges/astrólogos tentavam confirmar usando os astros).

Por exemplo, um dos santos que escreveu com mais virulência contra a astrologia foi Santo Agostinho, que aprendeu sobre ela com os maniqueus (os quais, mais tarde, ele combateria).

Em outras situações, quando não havia tantas heresias a combater, ou quando elas não incluíam práticas ou argumentos astrológicos, santos e religiosos em geral tinham disposições muito mais favoráveis à arte celeste.

Os exemplos são numerosos.

O beato Raimundo Lúlio (Doctor Illuminatus) e o frade franciscano Roger Bacon (Doctor Mirabilis) foram dois grandes, se não astrólogos, pelo menos estudiosos entusiastas da astrologia. A este último foi atribuído, durante algum tempo, o *Speculum Astronomiae*, uma defesa da arte astrológica, cuja autoria hoje em dia é considerada incerta; durante muito tempo, se acreditou que tivesse sido escrito por Santo Alberto, o grande, mas por enquanto há divergência de opinião entre os estudiosos.

O bispo alemão Johannes Müller von Könnisberg, conhecido como Regiomontanus, desenvolveu um dos sistemas mais comuns de divisão do céu em casas; o monge Placidus de Tito popularizou outro dos sistemas mais comuns, que, hoje em dia, leva o seu nome.

Muitos papas tiveram astrólogos particulares, ou pelo menos astrólogos a quem consultavam. Entre eles, Leão X, Clemente VII, Júlio II e Paulo III.

A relação entre o céu e os eventos terrestres era um dado da realidade para Santo Tomás de Aquino, mesmo com todas as restrições que ele fazia à astrologia.

Santa Hildegarda de Bingen parecia conhecer astrologia e usou o simbolismo celeste em seus escritos.

Essa alternância entre maior tolerância e maior perseguição é melhor entendida quando recordamos algumas coisas.

A primeira é que, como vimos antes, o simbolismo celeste, ou o simbolismo natural aplicado ao céu visível, era parte da visão de mundo corrente. Num certo sentido, negar qualquer relação entre o céu e eventos na terra seria negar que o mundo seja inteligível, que ele tenha sentido; negar, em suma, que Deus tenha feito o mundo para o homem.

Outra é que, ao contrário da propaganda recente contrária, o espírito investigativo e a mentalidade cristã nunca foram inimigos – especialmente na Idade Média, durante a qual a especulação científica era uma atividade quase exclusiva de religiosos. Não podemos esquecer que as universidades são uma invenção católica. Descobrir se havia algo de verdadeiro nas alegações dos estudiosos

do céu seria, por assim dizer, uma tentação quase irresistível a pessoas como Roger Bacon ou Santo Alberto.

Decorre destas duas que uma técnica que partisse do senso comum aplicado ao céu e que, dentro de alguns parâmetros e limites, funcionasse, não entraria em conflito com a fé cristã. Ou seja, há espaço para alguma astrologia.

Por outro lado, há riscos claros ligados à astrologia. Vou apresentar os três mais importantes (que chamo de risco apologético, risco teológico e risco antropológico). Eles não são independentes, como é fácil de ver: cada um deles facilita a queda nos outros dois.

O primeiro risco, o apologético, é aceitar o pacote inteiro de práticas e crenças pagãs por causa da astrologia. Este era o problema, por exemplo, do maniqueísmo ou do priscilianismo. Os proponentes usavam astrologia; se ela funcionasse, isso seria "prova" de que eles estavam certos sobre o resto.

O risco que chamo de teológico é a astrolatria, pecado grave (viola o primeiro mandamento). Há a idolatria direta aos astros (rezar a Júpiter, dar oferendas a Vênus, pedir aos planetas que resolvam seus problemas, etc.) e há a idolatria indireta: culpar as influências dos astros pelos nossos erros ("Mercúrio me fez chegar atrasado"; "Eu queria ser fiel, mas a Vênus peregrina do meu mapa não me deixa"; ou "Como é que posso ser calmo tendo esse Marte?"; "Sou colérico, minha mulher não me entende!").

O erro aqui é dar poder, autonomia, aos planetas, como se fossem deuses. Pode parecer que pouca gente os idolatra diretamente, mas a astrolatria indireta é comum, até mesmo hoje em dia: por exemplo, muita gente procura consultas natais ou horárias com uma vaga esperança de que "os astros" possam melhorar a sua vida; ou tentam fazer algo para aplacar a influência nefasta de um planeta sobre alguma coisa. Os planetas são símbolos, as limitações e vantagens mostradas no mapa estão na situação que ele representa. É mais fácil, em alguns casos, dizer "o planeta X influencia a aparência", ou "esse aspecto garante que o evento vá acontecer", mas isto tudo são figuras de linguagem. Eles só simbolizam, não influenciam.

O terceiro risco é negar o livre-arbítrio. A ênfase não é no poder do astro, é na falta de capacidade da pessoa de resistir. O interessante é que, embora negar o livre-arbítrio seja um pecado grave (porque aí a salvação e a condenação não seriam frutos das nossas ações, mas do destino inescapável), negar o livre-arbítrio por causa da astrologia é, antes disso, burrice grave. Se, como vimos antes, os astros não têm influência nenhuma (são apenas símbolos), a discussão não cabe aqui. Se não há livre-arbítrio, a culpa não é do céu; eles são, no máximo, escravos junto conosco.

Este erro (que chamei acima de antropológico) merece uma explicação um pouco maior. Algumas coisas mostradas pelo céu são, sim, irreversíveis (o astrólogo pode errar, mas, se não houver erro de interpretação, a coisa mostrada vai acontecer). Isto não acontece porque os astros determinaram, mas porque a natureza da realidade é assim. Se a previsão for de um terremoto, ou de um temporal, não há muito o que se possa fazer para impedir.

Outras coisas podem ser revertidas, mas com muita dificuldade. Previsões de morte de pessoas ou animais doentes; derrota em eleições, ações em tribunais, resultados de jogos de futebol. Estamos lidando com coisas que admitem intervenção, mas limitada.

Por último, algumas podem ser evitadas, até com facilidade, mas não são. Os exemplos mais comuns são os assuntos amorosos. O ser humano tem o livre-arbítrio que, por definição, pode ser abandonado. Ele sempre envolve a frustração de um desejo: escolher entre carne e peixe pelo sabor não é usar o livre-arbítrio, mas consultar o estômago. Estes desejos podem (por serem disposições psicológicas, influenciáveis pelo exterior, por mudanças biológicas) ser identificados pela astrologia e mostrar um desfecho provável que, em grande parte das vezes, é o que acontece, mesmo quando a pessoa consulta um astrólogo e é avisada dos detalhes da situação.

Uma característica importante do ser humano é que ele tem livre-arbítrio, mas que não o usa com frequência. Uma característica importante da astrologia é que ela pode descrever o estado de coisas, inclusive as disposições internas da pessoa; e que este

estado vai se comportar de forma previsível, de acordo com a sua natureza, se a pessoa não resolver ativamente resistir.

De tudo o que eu disse acima, podemos tirar algumas conclusões.

Em primeiro lugar, não há uma incompatibilidade essencial entre a astrologia e o cristianismo. A técnica que analisa as relações simbólicas da criação e tira conclusões práticas só funciona porque Deus criou o universo para o homem. Ela pode, inclusive, ser um caminho para fortalecer a fé.

Em segundo lugar, os riscos à fé relacionados à astrologia são ou exteriores (o risco apologético) ou frutos de incompreensão de como a astrologia funciona, ou de como o mundo real é (os riscos teológico e antropológico).

Por outro lado, os riscos existem e variam de intensidade. Em algumas épocas (como a nossa), eles são maiores. Num mundo em que heresias como a prisciliana, a maniqueísta, ou a relativista forem abundantes, ou (como hoje em dia), num mundo em que a visão tradicional de mundo tiver sido abandonada e a relação entre o céu e a terra tiver passado a parecer algo mágico ou mal explicado, eles podem ser grandes demais. Pode haver uma incompatibilidade, por assim dizer, acidental.

O mundo hoje em dia é um convite ao desvio do caminho. Talvez por isso, o catecismo atual seja tão rígido (talvez o mais rígido) com a astrologia.

Minha opinião pessoal é que a solução para isso é uma aproximação maior entre a arte astrológica e a Igreja, junto com uma redescoberta do simbolismo natural de forma geral e um estudo sério da astrologia (sem as deturpações e inversões mais comuns), mas preciso dizer que não sou responsável pelas decisões pessoais de ninguém – e peço aos meus leitores religiosos, especialmente cristãos, que parem agora e meditem sobre o assunto antes de prosseguir.

O que é bem claro é que praticar a astrologia como se ela determinasse as escolhas individuais, ou como se os astros fossem forças que devam ser apaziguadas e aduladas, é contrário à fé (e ao bom senso).

Sobre a proibição do Catecismo

Primeiro, vamos mostrar o que o catecismo atual fala sobre a astrologia:

“ **2116.** Todas as formas de *adivinhação* devem ser rejeitadas: recurso a Satanás ou aos demônios, evocação dos mortos ou outras práticas supostamente “reveladoras” do futuro. A consulta dos horóscopos, a astrologia, a quiromancia, a interpretação de presságios e de sortes, os fenômenos de vidência, o recurso aos “médiuns”, tudo isso encerra uma vontade de dominar o tempo, a história e, finalmente, os homens, ao mesmo tempo que é um desejo de conluio com os poderes ocultos. Todas essas práticas estão em contradição com a honra e o respeito, penetrados de temor amoroso, que devemos a Deus e só a Ele.”

Agora, vamos por partes.

“ *Todas as formas de adivinhação devem ser rejeitadas: recurso a Satanás ou aos demônios, evocação dos mortos ou outras práticas supostamente “reveladoras” do futuro.”*

Astrologia é uma arte divinatória (no sentido de que é uma arte que fala sobre o que acontece no futuro), mas acho exagero chamá-la de “adivinhação”. Pelo menos a astrologia de verdade não adivinha o futuro, mas identifica formas e como essas formas se comportam no tempo (adivinhação me sugere bolas de cristal ou visões, mas pode ser preconceito meu). Ela revela coisas sobre o futuro porque mostra o presente e a natureza dos seres.

A analogia simbólica celeste mostra, stricto sensu, o esqueleto do *presente*; mas este esqueleto restringe os possíveis desdobramentos do futuro.

Com certeza, astrologia não é, ou pelo menos não precisa ser, recurso a Satanás ou demônios.

O mais importante, neste trecho, é o “supostamente”. O parágrafo parte do princípio de que astrologia não funciona.

“ *A consulta dos horóscopos, a astrologia, a quiromancia, a interpretação de presságios e de sortes, os fenômenos de vidência, o recurso aos “médiuns”, tudo isso encerra uma vontade de dominar o*

tempo, a história e, finalmente, os homens, ao mesmo tempo que é um desejo de conluio com os poderes ocultos”

Sim e não. Elas podem, ou não, encerrar “uma vontade de dominar o tempo, a história e, finalmente, os homens” ou “um desejo de conluio com os poderes ocultos”; a tentação existe.

“ *Todas essas práticas estão em contradição com a honra e o respeito, penetrados de temor amoroso, que devemos a Deus e só a Ele.”*

Isso só decorre do trecho anterior se houver o tal “desejo de conluio com os poderes ocultos”. Se não, a frase não se segue do que se diz antes. Ele pode ser óbvio em “recurso a médiuns” (porque, por definição, um médium é um ponto de contato entre este mundo e outro, oculto, real ou não), mas não em astrologia.

Para ficar mais claro, basta substituir no trecho “astrologia” por “economia”, “meteorologia”, “análise de mercado”, “medicina” ou qualquer outra técnica moderna de previsão de algum tipo de fenômeno do futuro. Por que prever se vai chover, ou não, estaria em contradição com a honra e o respeito que devemos só a Deus?

Este trecho, como o anterior, é baseado na suposição de que astrologia não funciona (e que não faz sentido; provavelmente vem daí a sugestão de evocação de demônios, porque não haveria outra fonte de “conhecimento astrológico”).

Bom, de qualquer forma, mesmo equivocada, a proibição se restringe à “adivinhação”, ou à previsão do futuro. Desta forma, calcular o temperamento, analisar doenças, ou fazer consultas para saber onde está alguma coisa perdida ou roubada, por exemplo, não estão proibidas, nem consultas para saber o melhor momento para fazer alguma coisa.

Mais uma vez: pessoalmente, não acho que esta proibição, da forma como se coloca, me ponha numa posição contrária à minha fé. Não acho que esteja cometendo pecado; no entanto, não sou diretor espiritual de ninguém e reconheço os problemas da tentação de dominar o tempo e o futuro, e a sensação de “mexer com forças

ocultas”, porque a mentalidade atual não vê o mundo como se via quando astrologia fazia sentido.

Ou seja, não acho que o caminho da astrologia seja uma estrada para o inferno, mas é um caminho árduo, cheio de desvios; e não nego que alguns deles possam dar neste destino terrível.

E os outros cristãos?

A relação do restante da cristandade com a astrologia também varia bastante. Não tenho como me aprofundar neste assunto, mas, com muitas reservas e de forma geral:

Os protestantes históricos vão do uso quase corriqueiro (diversos "Pais da Reforma" estudavam e ensinavam astrologia) até a condenação total (o que é mais comum hoje em dia). Sobre a igreja anglicana, vários reis e rainhas tinham astrólogos particulares, mas não sei qual é a posição atual. Os neopentecostais, de forma geral, condenam, mas já ouvi falar de denominações que utilizam modificações evangelizadas da astrologia (com os nomes dos signos modificados, por exemplo). Parece que a Igreja Ortodoxa tem uma posição relativamente tolerante.

As diferenças teológicas entre os cristãos, embora sejam importantes, não são muito grandes (todos cremos de Deus é uno e trino, que Jesus Cristo é o Filho Encarnado, etc.); então, não é tão arriscado dizer que não há incompatibilidade essencial entre a fé cristã em geral e a astrologia.

Capítulo 5: Astrologia e ciência

Astrologia não é, de forma alguma, ciência no sentido moderno. Ela é diferente nos métodos, no objetivo, na intenção, em quase tudo.

Os textos antigos falam em “ciência”, da mesma forma que falam em “arte”; os sentidos das duas palavras mudaram com o tempo.

Portanto, ela também não pode ser “pseudociência”, porque não se pretende científica no sentido da ciência experimental moderna. É claro que existem versões que se pretendem científicas (e que caem, óbvio, na categoria de pseudociência), mas não fazem parte do universo deste livro.

Em termos modernos, a parte prática da astrologia é uma técnica, como a mecânica, a gastronomia ou a medicina.

Ela pode ser, além disso, um problema científico legítimo: existe o fenômeno astrológico ou não? Ou seja, há uma conexão entre o que acontece no céu e o que acontece na terra? Isso é possível de ser determinado cientificamente?

Eu disse, no capítulo 3, que astrologia funciona. Embora os indícios que mencionei sejam importantes, nenhum deles é fruto de experimentação científica.

Por outro lado, a grande maioria dos experimentos que alegam ter testado a validade da astrologia erraram o alvo.

Estes experimentos são variações de alguns poucos modelos.

O mais comum é juntar um determinado número de astrólogos e submetê-los à comparação com algum outro método, cientificamente aceito, de análise de alguma coisa, por exemplo, testes psicológicos. Ou se compara a análise de astrólogos com a análise de psicólogos, ou se analisa a capacidade de astrólogos de fazer análises personalizadas (trocando os mapas das pessoas, ou pedindo a astrólogos que descubram quem é a pessoa através do mapa).

Esse tipo testa a capacidade do astrólogo, não a existência do fenômeno subjacente à técnica que ele usa. Se todos eles falharem,

isso quer dizer que eles não fazem o que se propõem a fazer (mesmo que haja uma relação entre o céu e os eventos terrestres). Se todos eles acertarem, isso não quer dizer que haja a relação, porque eles podem estar usando outras habilidades.

Outro modelo é testar a identificação de pessoas com a descrição dada pelo próprio mapa, ou verificar se elas se identificam com descrições de outras pessoas ou descrições artificiais.

Este tipo testa a percepção subjetiva do analisado e o efeito Forer[1].

Um terceiro tipo, menos comum, é ver se há relações entre os nativos de um determinado signo e o que os horóscopos (ou alguns astrólogos) dizem sobre eles. Por exemplo, a quantidade de *arianos* (pessoas nascidas quando o Sol estava no signo de Áries) que tenha alguma característica qualquer, comparada com a quantidade de nativos de outro signo solar com essa característica, ou a taxa de divórcio entre casais de “signos compatíveis” com relação a casais nascidos sob outros pares de signos.

Esse tipo (como vai ficar mais claro na seção seguinte) não testa astrologia de verdade, mas incompreensões ou distorções populares. É como se houvesse um medicamento novo, produzido a partir do trevo de quatro folhas, e alguém resolvesse investigar sua eficácia testando o uso de trevos dentro de carteiras.

Nenhum deles testa o que podemos chamar de hipótese astrológica: a hipótese de que haja algum tipo de relação entre o céu visível e eventos terrestres. Primeiro, deve-se determinar se o fenômeno existe de verdade. Depois, tentamos investigar sua origem e dar uma explicação a ele; por último, testamos a técnica que utiliza o fenômeno. Não tem como pular etapas.

Isso prova, no máximo, que o rigor metodológico e a preocupação no desenho do experimento nem sempre são respeitados neste tipo de pesquisa.

O que acontece é que a hipótese astrológica não faz sentido em termos científicos modernos; a explicação dela pode ser complicada (lembrem-se do que escrevi antes a respeito da “influência

astrológica”; encontrar uma explicação causal, física, para a relação entre o céu e a terra não seria algo fácil).

Assim, os investigadores, via de regra, abordam o assunto partindo do pressuposto, implícito ou não, de que ele é uma bobagem descartável. Ou seja, eles estão consciente ou inconscientemente procurando fraudes de charlatões; é quase impossível montar um desenho experimental decente para determinar a existência de uma coisa quando o objetivo profundo é desmascarar alegações de impostores sobre a coisa em questão.

Existem alguns experimentos que investigaram a existência do fenômeno, no entanto.

Um dos mais famosos é o do estatístico francês Michel Gauquelin.

Gauquelin descobriu uma relação estatística significativa entre os planetas que ascendiam (que “apareciam no horizonte”) no momento do nascimento de pessoas na França e a profissão delas.

Ele repetiu seu experimento inicial, ampliando o tamanho amostral, e obteve o mesmo resultado.

Há algumas críticas ao trabalho dele (algumas pueris, outras sensatas), e ele procurou outras relações e não encontrou nada. Mas é um achado interessante – o único membro da comunidade acadêmica que investigou o fenômeno de forma decente encontrou alguma coisa.

Outro experimento interessante é o de Lilly Kolisko.

Ela investigou a relação de sais de metais relacionados aos planetas (por exemplo, um sal de prata representando a Lua, um sal de ferro representando Marte, etc) em soluções coloidais correndo em papel absorvente.

Os padrões visuais das reações mudavam quando os planetas estavam no mesmo ponto no céu (conjunção astrológica) ou em algumas posições especiais (aspectos; os veremos mais à frente).

Isso é interessante e pode ser reproduzido (nunca tentei, antes que alguém resolva me escrever perguntando), mas há um senão.

Kolisko não era uma cientista no sentido comum do termo; ela era aluna de Rudolf Steiner, fundador da Sociedade de Antroposofia; seus experimentos foram todos feitos neste ambiente, não em instituições normais de pesquisa, e publicados em meios ligados a esta Sociedade.

Em resumo, temos um monte de experimentos que não testaram astrologia chegando a diferentes conclusões, todas irrelevantes; e pelo menos dois experimentos que apontam para a existência do fenômeno astrológico, ambos com problemas.

O saldo final é positivo, mas não muito animador.

Isso importa?

Na verdade, não. Este capítulo é necessário só porque essa curiosidade é muito comum.

Em primeiro lugar, se algo não pode ser demonstrado cientificamente, isso não quer dizer que ele não exista, só que não existe dentro dos recortes metodológicos escolhidos para investigá-lo – ou seja, não é um “fato científico”, ou pelo menos um fato para a ciência que o investiga. Isso pode se dar pela natureza da própria coisa, ou por um problema de método, por exemplo.

O fato astrológico pode ser demonstrado de forma aceitável pela comunidade científica, um dia, ou não. Não vai mudar muita coisa para a teoria astrológica. Talvez mude alguma coisa na parte técnica e vai ser um choque, provavelmente, para a comunidade científica.

O importante é que a ciência, em virtude do próprio método, não tem e não pode aspirar a ter o monopólio da autoridade de dizer o que é real. A astrologia é mais antiga que a ideia de ciência moderna e é fácil decidir se ela funciona ou não, estudando seus princípios e aplicando suas técnicas no mundo real, sem ter que recorrer ao resultado de algum experimento controlado para determinar se ela tem algum valor.

Parte II: O Modelo

Capítulo 6: O céu que nos envolve; mecânica celeste básica

Uma dificuldade comum em estudantes de astrologia, independente do nível, é entender o básico da mecânica celeste.

Isso vem, em grande medida, da nossa falta de intimidade com o céu.

Para entender como o céu visível se comporta, a maior dificuldade é livrar-se do excesso de bagagem.

Em primeiro lugar, vamos tentar esquecer as teorias explicativas do céu. Não só a teoria astronômica moderna, mas também as teorias cosmológicas antigas, por enquanto.

Ou seja, neste capítulo não vamos falar do universo infinito, em expansão, das galáxias, das estrelas separadas por distâncias enormes, com seus planetas girando ao seu redor, cada um com seus satélites.

Também não vamos falar das esferas concêntricas dos planetas e das estrelas, com o Inferno no centro e o Paraíso para fora da última esfera, e das suas variações.

Estes modelos são bastante interessantes, cada um tem um objetivo e não estou sugerindo que eles sejam bobagem.

O problema é que eles trazem muitos pressupostos sobre o céu que não precisamos.

Neste capítulo, usando o mínimo possível de conceitos matemáticos (e tomando todas as liberdades de linguagem necessárias para deixar o texto mais claro: não esperem rigor terminológico), vamos tentar ver o céu e entender como ele parece funcionar para quem o observar com atenção. Ou seja, vamos tentar sistematizar a experiência sensível do céu.

O ponto de partida: a Terra.

Em primeiro lugar: vamos considerar que a Terra seja descrita de forma adequada como uma esfera.

“ Ah, mas ela é achatada nos polos”; “Ah, mas ela é irregular” e “Ah, ela é um geóide, aprendi isso no segundo grau” são objeções irrelevantes. Não queremos construir uma réplica perfeita do planeta.

A objeção de que astrologia é da época em que os homens acreditavam que a Terra era plana também não é relevante, por dois motivos.

A astrologia não é “dessa época”, porque não houve uma época histórica em que não tenha havido alguma forma de astrologia. Além disso, “essa época” não existiu no ocidente cristão.

Sim, havia pessoas que acreditavam nisso, sempre; há pessoas que acreditam nisso e em coisas ainda mais fantásticas ainda hoje. Só que a esfericidade da Terra era algo conhecido desde os gregos, ao menos.

Ela era bem conhecida pelos navegantes, uma classe comum de pessoas na Europa desde os tempos pré-cristãos, e sabida das pessoas de alguma educação, desde a antiguidade até a idade moderna.

E a lenda de que Colombo provou, contrariando as afirmações da Igreja e da intelectualidade da época, que a Terra era redonda ao descobrir a América? É só isso mesmo: uma lenda, sem nenhum documento da época que a corrobore[2] (e um pouco sem sentido. Ele não circunavegou a Terra, foi das Canárias ao Caribe).

Voltando ao assunto do capítulo: esferas são figuras geométricas definidas por um ponto (seu centro) e seu raio (a distância invariável entre o centro e a superfície da esfera).

Um círculo desenhado na sua superfície que tenha o centro da esfera como seu centro é chamado de *grande círculo* (cujo raio também é o raio da esfera).

Este grande círculo pode ser definido por dois pontos opostos, que são os pontos em que a superfície da esfera é cortada por uma reta que passe pelo centro do grande círculo e seja perpendicular a ele (ou seja, perpendicular a um raio do círculo).

Esses dois pontos são os polos.

Um grande círculo importante na Terra é o Equador; seus polos são o Polo Norte e o Polo Sul.

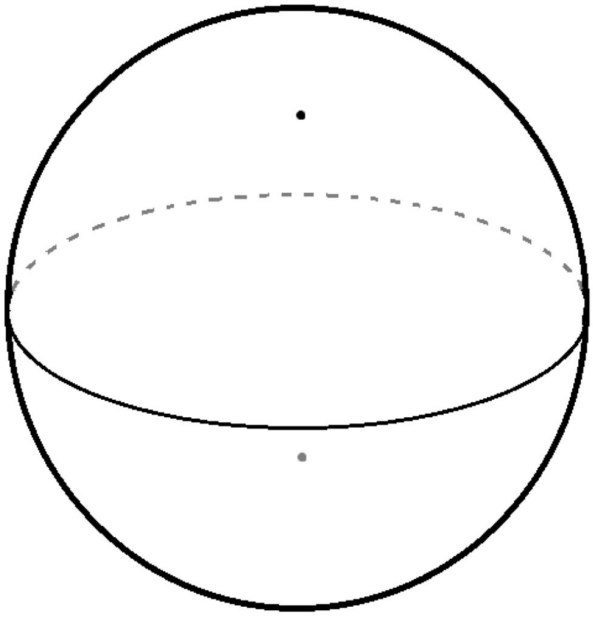

Figura 1: Esquema simplificado da Terra. O equador corta a esfera terrestre em duas metades iguais. Os pontos acima e abaixo, no círculo, representam os polos.

Chegamos ao Céu

Se o leitor olhar um pouco para fora de casa (de preferência, em um lugar sem muitos prédios ou perto do mar), vai perceber que existe um pano de fundo azul acima das nossas cabeças. Vamos chamar este pano de fundo de céu.

Ele parece, para alguém que esteja num descampado ou em alto-mar, uma meia esfera. No entanto, quando o observamos durante alguns dias, podemos perceber que ele é uma esfera que se move. Embora demore mais que alguns dias para se perceber isso, ela gira sempre na mesma direção e com a mesma velocidade.

Essa outra esfera tem o mesmo centro que a esfera terrestre, mas seu raio é muito maior.

Se projetarmos o equador terrestre nela, temos um grande círculo chamado *Equador Celeste*.

Da mesma forma, prolongando a reta que produziu os polos terrestres até a esfera celeste, temos os polos celestes; se pudéssemos observar esta esfera de fora, veríamos algo muito parecido com a figura 1.

Como eu disse acima, essa esfera não está parada. Do nosso ponto de vista, da Terra, ela gira sobre o eixo dos polos celestes, do leste ao oeste (ou seja, o Equador e qualquer outro círculo paralelo a ele giram sobre si mesmos).

Se fosse possível vermos essa esfera de fora e de cima, ela seria algo parecido com a figura 2.

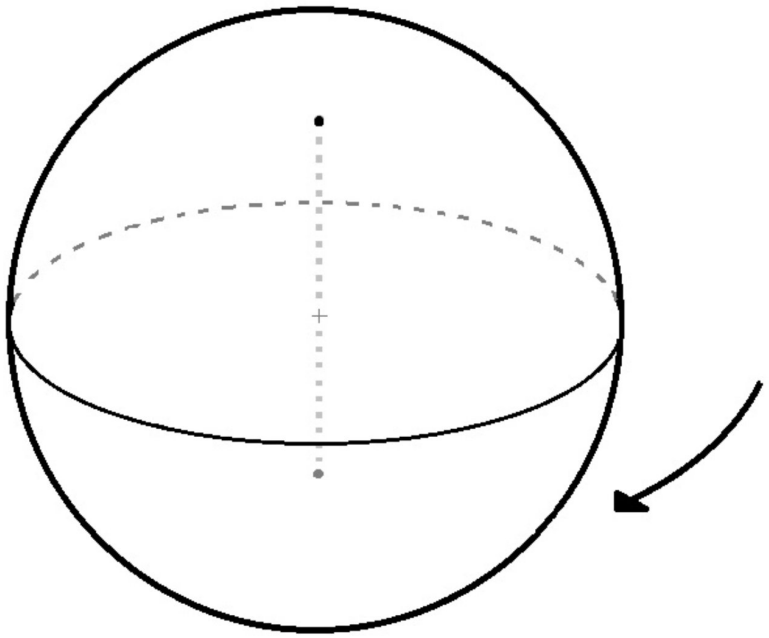

Figura 2: Esfera celeste, vista de fora, mostrando o Equador, os polos e o sentido de rotação.

Essa esfera é repleta de pontos brilhantes, que somem de dia por causa da claridade.

Esses pontos brilhantes são arrastados junto com o pano de fundo azul, girando no mesmo sentido que ele. Na verdade, elas se movem, mas muito devagar, em relação ao fundo e em relação umas às outras, mas são, na prática, fixas no céu.

Por isso são chamadas de estrelas fixas, ou apenas estrelas.

Além delas, há outros sete corpos que se movem de forma mais ou menos regular no céu.

Eles também são arrastados pela esfera e seu movimento resultante, no fim das contas, também é do leste ao oeste, mas também se movem, com relação ao céu, no sentido contrário.

O mais simples de perceber é o Sol.

Ele se move sobre um outro grande círculo, que chamamos de **Eclíptica**. O Equador e a Eclíptica estão em um ângulo um pouco maior que 23º graus entre si (uma propriedade dos grandes círculos é que eles não podem ser paralelos. Na esfera, um círculo só pode ser paralelo a outro se um deles não passar pelo centro ou se eles forem iguais).

O movimento do Sol de que estamos falando não é de nascer de manhã e se pôr no fim da tarde. Este é o movimento do céu que o arrasta.

Ao longo do ano, o Sol se movimenta com relação ao céu. Nós experimentamos isso, ao longo do ano, pela posição do Sol no meio-dia. No inverno, por exemplo, ele está mais baixo que no verão.

É fácil perceber, pelo parágrafo anterior, que ele completa o seu movimento pelo céu em mais ou menos um ano.

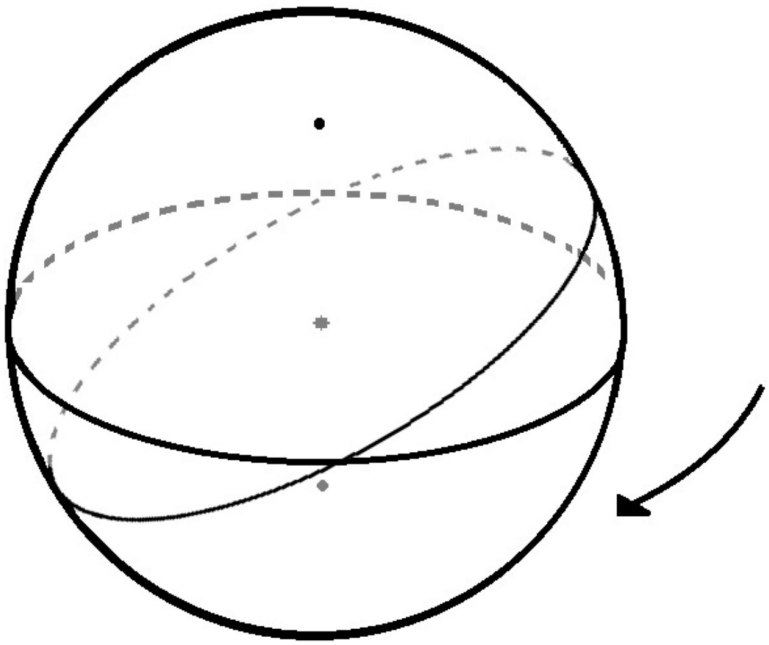

Figura 3. Mesma imagem da figura dois, mas com a eclíptica desenhada. O sentido do movimento do Sol não está marcado para não poluir o desenho, mas ele se move nesta linha, ao longo do ano, da esquerda à direita (ou seja, no trecho voltado ao observador desta imagem, o Sol está indo para cima). É importante ressaltar que o movimento dele ao longo do ano se dá no sentido inverso do movimento ao longo do dia, que é o movimento da esfera celeste.

Outro bastante fácil de reconhecer é a Lua.

Ela se move no mesmo sentido que o Sol, só que muito mais rápido, completando a volta ao céu em mais ou menos um mês.

Na verdade, o ano é que é uma aproximação do tempo em que o Sol completa seu trajeto, e o mês, uma aproximação do tempo em que a Lua completa o seu trajeto.

O Sol e a Lua sempre vão do oeste ao leste; o Sol varia muito pouco seu passo, a Lua muda de velocidade.

Os cinco astros restantes, Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno (não se preocupem, vamos vê-los todos com mais calma depois) às vezes param seu movimento e o revertem durante períodos curtos; depois, param de novo e voltam ao seu movimento normal.

Os sete são chamados de planetas por causa do seu movimento, que contraria o movimento geral do céu; a palavra “planeta” tem origem num termo que quer dizer “errante”.

Enquanto o Sol nunca se desvia da própria trajetória, os outros seis caminham por uma faixa mais larga, cruzando a Eclíptica e se afastando dela ora ao sul, ora ao norte.

Essa faixa, de mais ou menos oito graus ao norte e oito graus ao sul da eclíptica é a faixa do **Zodíaco**.

As doze divisões do Zodíaco (os doze **signos**) são divisões da Eclíptica, feitas da seguinte forma:

O ponto em que o Sol cruza o Equador para passar do hemisfério sul para o hemisfério norte, chamado de ponto vernal ou ponto de Áries, marca o início do Zodíaco (este ponto e seu oposto, o ponto de Libra, dividem a eclíptica e o zodíaco em dois). O círculo é dividido em doze pedaços iguais a partir deste ponto.

Como o Sol sempre cruza o Equador no mesmo ponto, os signos nunca mudam de lugar.

Um modo de se determinar a posição de um ponto qualquer com relação a um círculo é dizendo quantos graus (sabendo que todo

círculo tem 360 graus) existem entre um ponto arbitrário do círculo definido como início ou zero e o ponto em questão. No nosso caso, o zero não é tão arbitrário: é o ponto de Áries.

A menos que se mencione expressamente outro modo de medir, quando se fala em graus em astrologia, sem especificação, é dos graus da Eclíptica que se está falando. Além disso, o comum é dizermos o signo em que o ponto que queremos está e quantos graus existem entre ele e o começo do signo, em vez de dar a quantidade total de graus desde o ponto 0º de Áries.

Ou seja, “o Sol está em 10º de Gêmeos” significa que ele está no signo de Gêmeos, a 10 graus do início do signo, medidos sobre a eclíptica. Por curiosidade, como Gêmeos é o terceiro signo, ele estaria a 70 graus (30 de Áries, mais 30 de Touro, segundo signo, mas os dez dentro de Gêmeos) do início do Zodíaco.

Além disso: a Lua e os demais planetas, ao contrário do Sol, não estão sempre exatamente sobre a Eclíptica, como vimos acima. Quando falamos da posição deles nos signos, queremos dizer a projeção deles sobre a Eclíptica (ou seja, a posição deles se eles estivessem exatamente sobre ela). Tecnicamente, isso se chama **longitude celeste**. A **latitude celeste** é a distância perpendicular entre o ponto e o círculo da Eclíptica.

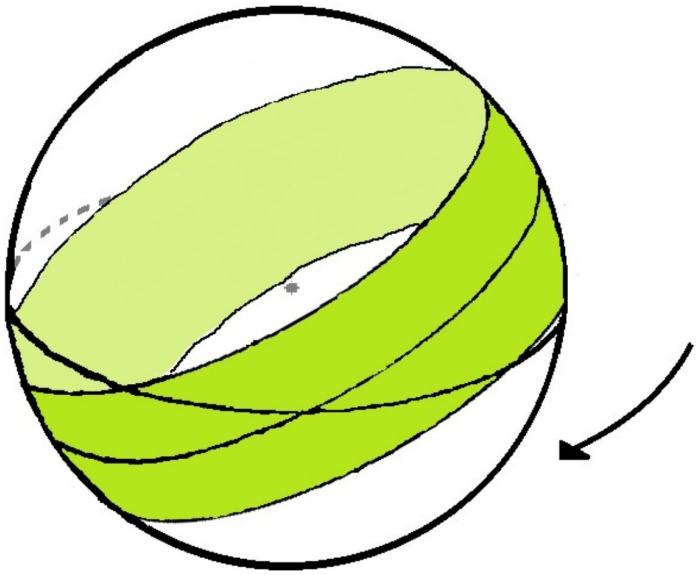

Figura 4: O Zodíaco é esta faixa pintada dos dois lados da Eclíptica. A imagem está fora de escala e ele não está dividido em signos.

O céu visível, em resumo, é como se segue.

Uma enorme esfera, pintada de estrelas, que gira sobre o eixo dos Polos de leste a oeste. Sete astros se movimentam de oeste a leste, por sobre uma faixa de mais ou menos dezesseis graus de largura.

Um deles se move mais ou menos à mesma velocidade o tempo todo e sempre por sobre um caminho no meio dessa faixa: chamamos esse astro de Sol.

Outro deles se move sempre no mesmo sentido, variando a velocidade, mas completando seu trajeto doze vezes mais rápido do que o Sol. Este astro também oscila ao longo da faixa zodiacal (e muda sua própria forma ao longo do tempo). Esta é a Lua.

Dois outros nunca estão muito longe do Sol. Eles parecem parar e se mover no sentido contrário durante um certo tempo, depois param e voltam a se mover no sentido normal. Estes são Mercúrio e Vênus.

Os três restantes, Marte, Júpiter e Saturno, também parecem parar e andar para trás em alguns momentos, mas não estão limitados a ficar perto do Sol, podendo se afastar dele o quanto quiserem.

Esta é a esfera celeste, quando considerada em si mesma. Esse esquema é importante, não só para entendermos o movimento do céu, mas também para entender diversos termos que vão aparecer mais tarde.

O Céu visto da Terra: as casas.

O céu é sempre assim. Mas pessoas em lugares diferentes veem o céu de forma diferente.

O Sol sempre está no céu, mas nem sempre está iluminando o local em que estou. Quando estou vendo o pôr do Sol, em algum outro lugar do mundo, o Sol está nascendo.

Ou seja:

De um certo ponto de vista (vamos chamá-lo de “ponto de vista celeste”), o céu é sempre o mesmo, para qualquer pessoa. Por exemplo, quando o Sol está no ponto de Áries, ele está lá para

qualquer pessoa em qualquer lugar do mundo. Quando ele passa ao hemisfério norte, ele está no hemisfério norte celeste para o mundo todo.

De outro ponto de vista (o “terrestre”), ao contrário, o céu é exclusivo para o observador.

Quando o Sol está exatamente sobre a minha cabeça, ele está no horizonte para alguém longe o suficiente de mim; para outra pessoa, não está nem mais visível.

Essa percepção personalizada do céu é sistematizada pelas casas mundanas, que dividem essa perspectiva individual em doze pedaços ou janelas (chamadas de casas).

NOTA: A explicação abaixo é uma simplificação, uma aproximação inicial, geral, da divisão das casas. O cálculo é mais complicado, e os pontos mencionados abaixo (horizonte leste, horizonte oeste, zênite e nadir), embora estejam relacionados, raramente coincidem com os ângulos; veja o apêndice acerca deste assunto ao final do livro.

Para entendê-las, vamos considerar um ser humano em pé.

O eixo principal do seu corpo pode ser prolongado tanto para cima quando para baixo, indefinidamente, até encontrar com a esfera celeste. O ponto em que este eixo encontra a esfera celeste *acima* da nossa cabeça é o que se chama de **zênite**. O ponto oposto na esfera celeste, *abaixo de nós*, passando pela Terra, se chama **nadir**.

Se esta pessoa estiver olhando para o leste, há um ponto em que seu olhar atinge o horizonte. Se prolongarmos a reta que passa por este ponto e a pessoa (por qualquer ponto da pessoa: a cabeça, o centro de gravidade, ou os pés. O ser humano é pequeno o suficiente para não fazer diferença) na direção contrária vamos encontrar um ponto correspondente e oposto no horizonte oeste.

Se esta pessoa der um passo para a frente, o sistema todo anda com ela. Não só o ponto no alto e o no fundo da esfera, mas os

pontos no horizonte também se movem (o horizonte não é um lugar, então a pessoa não fica um passo mais perto).

Esses pontos-chave (zênite, nadir e os pontos leste e oeste no horizonte) são as origens dos ângulos. É a partir deles que dividimos o céu nas janelas conhecidas como casas mundanas.

Para simplificar o raciocínio, vamos considerar que o horizonte forme um grande círculo (ou seja, que o centro do círculo do horizonte seja o centro da Terra).

Vamos lembrar do ponto acima (zênite) e do ponto abaixo (nadir) da pessoa. Qualquer grande círculo que contenha os dois vai ser perpendicular ao círculo do horizonte.

Chamamos de *círculo horário* um grande círculo que passe pelos polos.

O *meridiano* é um círculo horário que passa pelo zênite e pelo nadir. Ele divide o mundo em um hemisfério a leste e um a oeste da pessoa.

Os dois planos que contêm estes círculos dividem a esfera em quatro pedaços iguais: o pedaço acima do horizonte e a leste da pessoa; o pedaço acima do horizonte e a oeste da pessoa; o pedaço a oeste da pessoa e abaixo do horizonte; e o pedaço abaixo do horizonte e a leste da pessoa.

Estes quatro pedaços são os quatro quadrantes.

Se dividirmos cada um desses quadrantes em três, temos as doze casas do céu. Seis acima do horizonte, seis abaixo. Seis a leste do observador (três acima do horizonte, três abaixo) e seis a oeste (idem).

Os quatro pontos que deram origem a essa divisão têm nomes especiais e acabam dando seu nome às casas que começam neles.

O ponto em que o olhar do observador encontra com o horizonte leste é o Ascendente. Ele é o início da casa um.

O ponto em que o eixo principal do observador encontra com a parte inferior da esfera celeste é o Fundo do Céu. Ele é o início da casa

quatro.

O ponto oposto ao Ascendente no horizonte oeste é o Descendente. Ele é o início da casa sete.

O ponto acima das nossas cabeças é o Meio do Céu (ou zênite). Ele é o início da casa dez.

A contagem das casas começa no ascendente e desce, passando pelas seis casas abaixo do horizonte, para subir pelo descendente; ou seja, ela vai na ordem contrária ao movimento do céu.

Há alguns modos diferentes de dividir os quadrantes. Dois dos mais comuns são o sistema desenvolvido por Regiomontanus (cada casa vale 30 graus contados sobre o Equador celeste) e Placidus (o tamanho de cada casa equivale a quanto o céu andou durante duas horas astrológicas – ver o apêndice ao fim do livro), mas há muitos outros.

Juntando as duas perspectivas:

Vamos imaginar que a Lua esteja no ponto de Áries. Ela está neste ponto para alguém no Japão, na França e em qualquer lugar do Brasil.

Além disso, vamos imaginar que ela esteja bem no meio do céu em Brasília. Ela continua no mesmo ponto de Áries. Ela vai estar invisível para alguém em Tóquio. Pode estar visível para alguém em Paris, mas bem mais baixa no céu.

Podemos comparar o nosso modelo a um sujeito que olhasse um trem de dentro de um restaurante na estação (ou de qualquer lugar em que haja janelas).

Uma pessoa (Mercúrio) que estivesse no terceiro vagão do trem (num signo qualquer; Câncer, por exemplo) continuaria no terceiro vagão, independente de qual seja a janela pela qual a pessoa olhe.

Mas, numa janela, o sujeito vê só a frente do trem; duas janelas à frente, ele consegue ver do terceiro até o quinto vagão; algumas janelas depois, ele vê o fim do trem.

Enfim: nosso modelo celeste é esse pano de fundo esférico e azul, com estrelas paradas e sete astros se movendo, enquanto a esfera

em si também se move, sendo vista por nós a partir de janelas celestes chamadas de casas.

A seguir, uma olhada – rápida – em como esta impressão do céu era organizada na cosmologia antiga.

Capítulo 7: As Esferas Celestes – um resumo da cosmologia antiga

Foge aos propósitos deste livro dar uma explicação detalhada e completa de como o modelo tradicional das esferas concêntricas era estruturado, quando surgiu, como e em que medida se modificou, bem como sua relação com a religião, a ciência e a cultura.

O que vou apresentar é apenas um resumo da versão mais comum.

O Cosmos era pensado como uma superposição de esferas concêntricas.

Por quê esferas? E por que mais de uma?

Parte dos motivos já foi vista anteriormente: o céu se apresenta aos nossos sentidos como uma esfera. Mas há outros.

Em primeiro lugar, ela é o sólido mais perfeito: seu movimento natural é contido em si mesmo, ela pode se mover indefinidamente sem sair de si; não há quinas, excessos ou faltas. Este mesmo movimento é, ainda, simples de definir, e o mesmo pode se dizer da esfera; basta o centro e o raio.

A trajetória sobre uma esfera é, na prática, infinita, porque nunca encontra uma aresta ou algo que marque o fim. Neste sentido, não só ela é infinita, mas todos os círculos inscritos nela o são.

Perfeita, simples, infinita, seu movimento é simples, perfeito, e não sai de si: a esfera é um símbolo de Deus.

Além disso, por seu formato, podemos imaginar infinitas esferas concêntricas, girando umas sobre as outras, sem que sobre espaço entre elas e sem que elas colidam, o que ajuda bastante se precisarmos de mais de uma, o que nos leva à segunda pergunta. Por que precisamos de mais de uma?

Porque a simplicidade era um valor positivo. Deus é sumamente simples. Quanto mais simples a coisa é, mais semelhante a Ele. E a esfera só tem um movimento natural, próprio. Ou seja, para acomodar diferentes movimentos, era preciso imaginarem-se diferentes esferas, uma para cada um.

O Empíreo.

A esfera mais externa não era sempre mencionada nos textos antigos porque não era parte do nosso mundo: o Empíreo era o Céu criado no primeiro dia da Criação, segundo o relato do Gênesis. Era neste céu que os bem-aventurados e os anjos estariam. Ele estava *fora* da "Terra", do Cosmos. Imóvel, perfeito, não participava do movimento das esferas, que eram circundadas por ele.

O Primeiro Móvel.

Esta esfera era a primeira da qual se tinha algum conhecimento sensível. Invisível, perfeita, girava, no sentido leste-oeste, sobre seu próprio eixo (o eixo que passa pelo centro do Cosmos e cujos polos são o Polo Norte e o Sul celestes), fazendo uma Revolução inteira em um dia (24 horas).

Seu movimento – chamado de rapto – arrastava todas as esferas abaixo de si.

O círculo maior perpendicular ao seu eixo é o Equador Celeste.

O Segundo Móvel ou Cristalino.

Esta segunda esfera também era invisível; sua única diferenciação era espacial, geométrica. Seu eixo era inclinado aproximadamente 23º com relação ao eixo do Primeiro Móvel, e seu movimento, no sentido oeste-leste, era extremamente lento (alguns textos diziam que sua revolução durava 36 mil, outros 49 mil anos).

Este era o “Céu dos Signos”; assim como o círculo maior perpendicular ao eixo do Primeiro Móvel é o Equador, o círculo maior perpendicular ao eixo deste círculo é a Eclíptica. É neste céu que o Zodíaco está; os signos, propriamente, são divisões desta esfera.

Se considerava que ele fosse feito de algo transparente, translúcido, mas de certa forma – embora não igual à matéria que conhecemos – análoga à água, por causa do relato do Gênesis, em que o Firmamento – a esfera seguinte – dividiu as águas. Estas são as que ficaram acima dele.

O Firmamento ou Céu das Estrelas.

A primeira esfera em que há diferenciação corpórea. Este é o céu das estrelas fixas. Se acreditava que ele fazia um terceiro movimento, chamado de *trepidação*, cujo ciclo durava 7 mil anos.

Ele, como todas as esferas, possuía espessura – os antigos sabiam que as estrelas têm tamanho.

Os céus planetários

Cada um dos sete planetas tinha sua esfera própria, com suas próprias velocidades.

Saturno ficava na esfera mais externa, em seguida vinha Júpiter, então Marte, o Sol, Vênus, Mercúrio e, por fim, a Lua.

Como podemos ver, há uma progressiva corporalização nas esferas.

Os céus planetários, além de terem espessuras, eram mais complicados que os anteriores, porque os movimentos dos planetas não são tão simples.

Mercúrio e Vênus nunca se afastam muito do Sol; a Lua varia consideravelmente em velocidade; Saturno, Marte, Júpiter, Mercúrio e Vênus têm períodos em que parecem reverter seu movimento (ficar *estacionários* – parados – e em seguida *retrógrados* por um tempo).

Para sanar estes problemas, a trajetória dos planetas dentro de cada esfera era pensada como ocorrendo dentro de um epiciclo (um pequeno círculo) que se deslocava em uma trajetória maior cujo centro não coincidia com o centro do Cosmos.

As esferas sublunares.

O mundo sublunar – o “nosso mundo” também era organizado em esferas, mas que não eram perfeitas, nem perfeitamente isoladas umas das outras, porque tudo nelas estava sujeito à geração e a corrupção.

Havia a esfera do fogo, mais externa; em seguida, a esfera do ar (cada uma delas tinha camadas) e, por último (segundo a maioria dos autores), a esfera em que se misturavam a água e a terra; esta última, por ser mais pesada, mais grosseira, não se movia.

Em resumo, é isto. É este modelo que a deusa Tétis mostra a Vasco da Gama no último Canto d’Os Lusíadas.

Capítulo 8: O céu no papel (ou na tela); os mapas, a representação do céu visível

Não se estuda astrologia no papel (ou, hoje em dia, no computador) com fotos e esquemas representando os 360º da esfera celeste. Seria muito mais bonito, mas muito mais demorado, mais complicado e menos preciso.

Para facilitar as coisas, se usam os chamados mapas celestes, cartas celestes ou mapas astrais (mapas “natais” são os mapas do momento do nascimento de alguém).

Eles são uma representação esquemática das posições dos planetas e dos signos em relação às casas.

Há vários tipos de mapas diferentes; no ocidente, dois são mais comuns.

O primeiro era o usado pelos astrólogos medievais e renascentistas (como William Lilly, Nicholas Culpeper e John Gadbury, de onde o exemplo foi tirado). É o que chamamos hoje de “mapa quadrado”. A figura cinco mostra o mapa natal de Alexandre, o Grande.

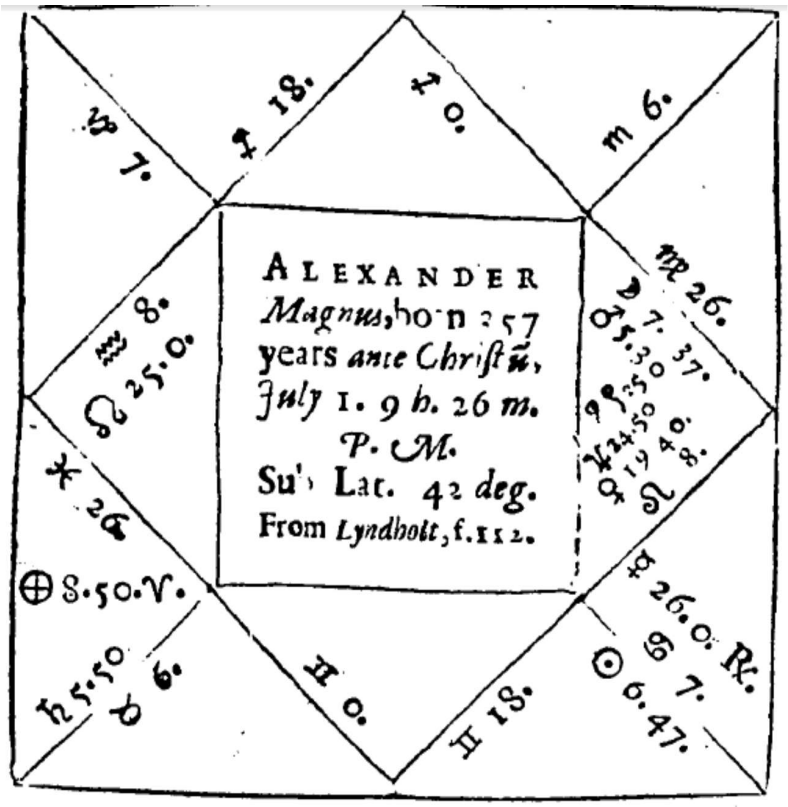

Figura 5: mapa natal de Alexandre o Grande, retirado de "A Collection of Nativities", de John Gadbury.

O quadrado interno era o local onde se escrevia os dados do nativo, da pergunta ou do evento (neste caso o mapa é do nascimento de *Alexander Magnus*, Alexandre o Grande).

Neste mapa, o alto é o alto do céu (e o sul). A esquerda é leste, a direita, oeste, a parte inferior é o fundo do céu (e o norte).

O quadrado menor é envolvido por outro maior, inclinado em 90º. Fora do quadradinho, sobram deste quadrado maior quatro triângulos, alinhados com as quatro direções do espaço.

Cada um desses triângulos é uma das casas angulares: o triângulo da esquerda é a casa um (o Ascendente), o de cima é a casa dez (o Meio-Céu), o triângulo da direita é a casa sete (o Descendente) e o de baixo é a casa quatro (o Fundo do Céu).

Os outros triângulos são as outras casas (elas crescem no sentido anti-horário. Os dois triângulos entre a casa um e a casa quatro são a casa dois e três, a entre a quatro e a sete são a cinco e a seis, etc.).

Sobre (ou sob) cada linha em que o a casa começa (um dos lados de cada triângulo), está o grau e o símbolo do signo do início da casa (a sua **cúspide**).

Ou seja, a primeira casa começa em 08º de Aquário, a segunda em 26º de Peixes, a terceira a 06º de Touro, a quarta a 0º de Gêmeos, e assim por diante (sim, o tamanho das casas, quando medido em graus da Eclíptica, varia, porque elas não são determinadas de acordo com esses graus. Mencionei isso no capítulo 6. É por isso que são chamadas, por alguns de “casas desiguais”, o que não é exato. Elas parecem desiguais quando medidas a partir da Eclíptica, mas são iguais, cada uma segundo uma medida diferente).

Os planetas são assinalados dentro da casa em que se encontram, com suas posições em graus marcadas ao lado (no caso de estarem em um signo diferente do signo da cúspide, o signo também é escrito). Eles também são marcados por seus símbolos.

O mapa também mostra um ponto chamado “Parte da Fortuna” (um círculo com uma cruz dentro) e um par de símbolos, semelhantes a uma ferradura, chamados de “Nodos” (um é a imagem invertida do outro). Veremos o que eles são mais tarde.

Assim, a Parte da Fortuna está dentro da segunda casa, em 08º50’ de Áries; Saturno está em 5º50’ de Touro (na cúspide da terceira casa, porque um planeta a menos de 5º da cúspide de uma casa é considerado como dentro dela) e assim por diante.

O Nodo Norte está em 25º de Aquário, o Nodo Sul em 25º de Leão.

O mapa feito pelos programas de computador atuais normalmente não tem essa aparência (alguns têm a opção de fornecer mapas neste formato, mas não todos).

Eles usam o formato circular, que é o que normalmente se vê em livros editados hoje em dia, pela internet, etc.

Na figura 6 está o mapa de Pedro II, segundo e último imperador do Brasil, no formato circular. Utilizei um software chamado Morinus (versão 2.9; o software é grátis e pode ser baixado pelo site http://sites.google.com/site/pymorinus/).

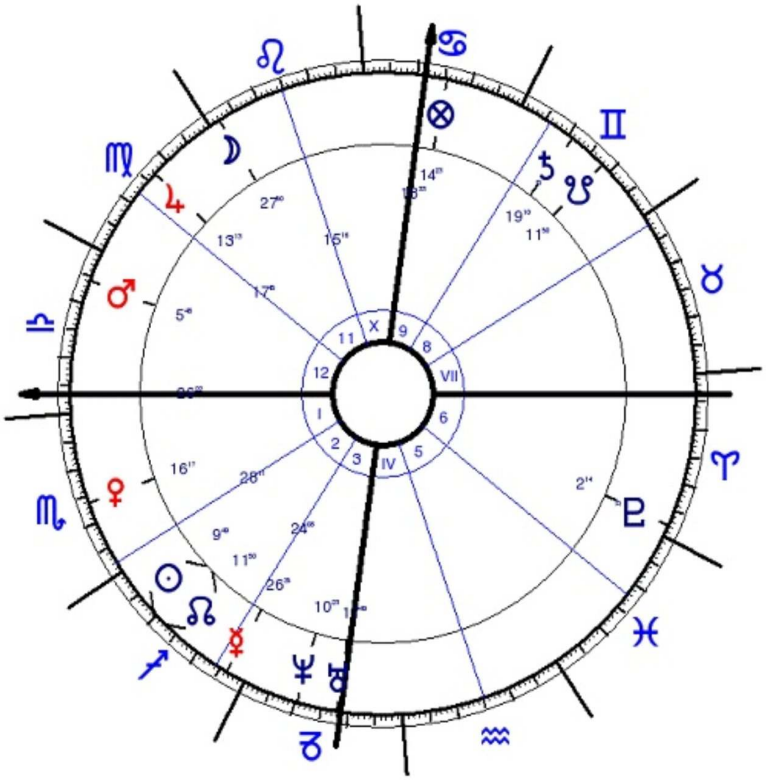

Figura 6: mapa de nascimento de D. Pedro II, calculado usando o sistema de casas Placidus.

Duas setas cortam o círculo. Uma, de baixo para cima, outra, da direita para a esquerda. A cabeça da seta de cima é o começo (como eu disse acima, a cúspide) da casa dez; a da seta da direita é a cúspide do Ascendente. Os outros ângulos são os pontos opostos (ou seja, o começo das setas).

O círculo externo (com os doze divisões grandes e os traços menores: cada traço significa um grau) representa os doze signos, que estão marcados por seus símbolos. O signo que está no ascendente é Libra. Sobre a seta que simboliza o começo da casa um, podemos ler 26º22': este é o grau de Libra no qual o Ascendente começa.

A faixa grande, interior ao círculo externo, é onde se marcam as posições dos planetas. Neste mapa estão os sete planetas tradicionais, os três “planetas modernos” (Urano, Netuno e Plutão), a Parte da Fortuna (desta vez ela está representada por um círculo com um “X”, não uma cruz, dentro) e os Nodos.

Os quatro quadrantes formados pelas duas setas são divididas por quatro linhas mais finas. São as cúspides das outras casas. Neste mapa, os números das casas são marcadas numa pequena faixa ao redor do pequeno círculo interno (que está vazio). As casas angulares estão marcadas com algarismos romanos (I, IV, VII, X) e as outras com algarismos arábicos (2, 3, 5, 6, 8, 9, 11, 12). Esses detalhes variam de programa para programa e de acordo com o modelo selecionado.

Neste mapa, por exemplo, o Sol está próximo do Nodo Norte (estão, respectivamente, em 9º49' e 11º50'). Ambos estão na casa dois, no signo de Sagitário. Mercúrio está no mesmo signo, em 26º25', mas na casa três, logo depois da cúspide.

Em alguns tipos de mapas, é possível vermos linhas coloridas unindo os planetas. Elas representam algo chamado “aspectos” (vamos vê-los mais à frente).

Neste tipo moderno, é mais fácil visualizar as coisas se movendo (o movimento primário, do céu, no sentido horário, e o movimento

secundário, ao longo dos signos, na ordem dos signos e das casas, no sentido anti-horário). Por outro lado, o mapa quadrado desfaz a ilusão de igualdade entre as casas (nele os ângulos são claramente mais importantes). O estilo quadrado se popularizou novamente, mas não há um tipo ideal de mapa.

Não se pode esquecer que esses símbolos no papel ou na tela do computador, em qualquer versão que estejam, não têm autonomia: são apenas representações de corpos ou regiões do céu.

Capítulo 9: Abram os olhos; dicas de observação celeste

Observar o céu é uma atividade prazerosa e indispensável para o estudante do simbolismo astrológico.

Precisamos perceber que o modelo astrológico é baseado em algo real, acessível ao olho nu; essa percepção não se consegue lendo.

Por causa disso, sugiro que este capítulo não seja apenas lido, mas, como seu título sugere, que o leitor tente ver as coisas sobre as quais estou escrevendo.

Apesar dos prédios e das nuvens, o céu está sempre disponível para este exercício.

O Sol – vendo o céu de dia.

Vamos começar pelo astro que ninguém tem dúvidas de como é, nem se está visível no céu.

É interessante perceber o ponto no horizonte em que ele nasce (o Ascendente) e o ponto em que ele se põe (o Descendente).

Observe também o horário em que ele nasce e se põe. Não olhe na internet, note essa mudança ao longo do tempo.

Observe a diferença de altura do Sol, no mesmo horário, ao longo do ano. Veja a altura máxima em que ele chega e compare.

O exercício parece simples demais, mas ajuda a entender o capítulo 6. A mudança de altura do Sol ao longo do ano é a evidência sensível da sua trajetória anual pelo céu. Ele marca as direções do espaço.

A Lua – a dança solar.

Este é outro astro que o leitor não deve ter muita dificuldade em identificar.

Perceba a mudança do tamanho dela ao longo do mês e a relação disso com o momento em que ela nasce e se põe e a distância dela ao Sol (no céu visível, não astronomicamente).

Ela aparece de dia, mas não sempre, e nem sempre no mesmo horário. Primeiro perceba isso; depois veja a relação dessa mudança com a fase e com a distância do Sol.

Acompanhe seu ciclo, desde a Lua nova (quando ela some do céu) até Lua cheia (o disco inteiro) e de volta à Lua nova. Perceba que quanto mais cheia, mais tempo ela fica visível.

A Lua também varia a altura máxima no céu e nasce em pontos diferentes.

Para os outros pontos no céu, um software qualquer de astrologia, ou algum programa de observação astronômica (há um chamado Stellarium, que é bastante bom e grátis[3]; pode ser obtido em www.**stellarium**.org/pt/), pode ser bastante útil para ajudar a localizar a região em que eles estão no céu, antes de tentar observá-los.

Vênus – a estrela d'alva

Vênus surge sempre ou no fim da madrugada /começo da manhã, ou no fim da tarde / começo da noite (ela nunca aparece no meio da noite, porque nunca se afasta muito do Sol no céu).

Depois que se identifica Vênus pela primeira vez, é muito difícil confundi-la com outro corpo, ou deixar de percebê-la. Ela tem um brilho claro, bonito e muito mais forte do que qualquer outra coisa que não seja a Lua ou o Sol.

Os planetas não cintilam, mas é difícil perceber isso para alguns; o brilho de Vênus é constante, inconfundível.

Como ela continua visível até todos os outros terem desaparecido quando está de manhã e fica visível bem antes dos outros de tarde, é fácil identificá-la antes que outras coisas apareçam.

Os outros planetas são mais fáceis de ver quando estão em alguma posição marcada – perto de Vênus ou da Lua, ou (depois que as constelações ficarem mais fáceis de reconhecer) perto de alguma constelação simples. Saturno é fraco como uma vela, amarelado, Júpiter é bem mais bonito e forte (o ponto mais forte depois de Vênus), Marte é de um vermelho agressivo. Mercúrio é faiscante, mas está sempre muito próximo do Sol e, portanto, é mais difícil de se ver.

Qual planeta é mais fácil de ver (com a exceção de Mercúrio) depende, normalmente, da época do ano: quanto mais longe do Sol, mais tempo ficam no céu à noite e mais fáceis são de se observar. Por outro lado, é mais fácil localizá-los quando estiverem perto de alguma outra coisa de fácil identificação, como a Lua, perto do horizonte, ou perto de alguma constelação conhecida.

A constelação mais fácil de se perceber é Escorpião.

É um grande ponto de interrogação deitado, ou um gancho, com uma estrela avermelhada (de uma cor parecida com Marte), Antares, no meio da parte reta (entre um começo de estrelas que parecem estar numa pequena linha perpendicular ao corpo principal e uma parte em curva).

Identificando Escorpião, é fácil ver um quadrado um pouco mais à frente, Libra, e uma massa grande de estrelas com o formato que lembra uma prancha ou uma tábua de passar roupas, que é Virgem.

Elas ajudam bastante a se orientar no céu.

Outras constelações fáceis de observar no céu são o Cruzeiro do Sul (que não tem muita relevância astrológica, mas é uma constelação simples e bonita), Órion (o cinturão de Órion são as Três Marias), Leão (pelo tamanho) e Gêmeos.

Estrelas cujo brilho é fácil de identificar são, além de Antares, Aldebaran (porque muda de cor), Sirius, Procyon, Spica e Regulus (porque são muito brilhantes).

O leitor já deve ter percebido, e falaremos disso mais tarde, mas signos e constelações não são a mesma coisa. Então, busque as constelações nos programas de astronomia (que não mostram os signos) ou pelas estrelas individuais; não é possível localizar os signos em si no céu, porque, como vimos, eles são divisões ideais.

Essa intimidade com o céu é imprescindível.

O simbolismo astrológico é o simbolismo natural do céu visível. Ou seja, ele deriva da aparência dos planetas e estrelas no céu e das relações entre eles. Sem este conhecimento, é difícil perceber porque um planeta significa guerra e o outro o amor; essas

associações não são gratuitas, mas derivam da impressão que eles causam em nós.

Ou seja, metade das discussões sobre porque um planeta significa uma coisa e não outra se resolvem com uma olhada boa para eles, à noite.

Capítulo 10: Símbolos e analogias

Eu disse no início do livro que astrologia é uma comparação entre relações.

Vamos ver isso com mais atenção.

A arte astrológica funciona através de símbolos naturais.

Um símbolo mostra o que há de comum em duas relações. Ele mostra a organização, a estrutura, que as duas relações (ou situações) partilham.

Vamos voltar ao exemplo do Sol.

Há uma relação entre o Sol e céu que é diferente da relação entre qualquer um dos outros planetas e o mesmo conjunto.

A Lua e os outros cinco planetas se movem, por assim dizer, ao longo do caminho do Sol; ele não se desvia, não se detém, é ele que determina se está de dia ou de noite, as coisas somem quando estão perto dele, etc.

A influência do Sol não se limita ao céu. O calor está associado, de forma óbvia, à vida; ele é uma fonte inesgotável e gratuita de vida. Por outro lado, seus efeitos podem ser destrutivos (o Sol de verão, ao meio-dia, é uma boa lembrança disso).

Essas relações que ele tem com a natureza e com o céu são, num certo sentido, as mesmas relações que um rei tem com seu reino e seus súditos.

Isso se repete com o leão macho adulto e as fêmeas, filhotes e a natureza ao seu redor.

Note bem: essa organização não depende da imagem propriamente dita, nem da força física: a estruturação da família ao redor do pai também partilha dessa característica.

Poderíamos dizer que o rei (ou um rei) simboliza o pai (ou a relação de Deus com suas criaturas)? Sim. Poderíamos dizer que o leão simboliza o rei, o pai, etc? Também.

Usamos o Sol, no entanto, como símbolo dessas coisas, por alguns motivos; o mais básico é que ele é mais fácil de visualizar, acompanhar, marcar o movimento, prever a posição futura, etc.

Outro motivo é que sendo uma figura no céu (não sendo influenciável pelos acontecimentos do dia a dia), ele parece mais puro, mais claramente simbólico; parece ter sido posto no Céu para isso.

Além disso, os símbolos naturais, quanto mais puros, mais parecem concentrar essas estruturas de significado. Os símbolos celestes parecem ser mais “simbólicos” que os símbolos naturais terrestres.

O que é um símbolo?

Sem me preocupar com terminologia: um símbolo é qualquer coisa que nos permita captar a forma (ou essência) de outra coisa.

Não há identidade entre a coisa simbolizada e o símbolo. Isso parece óbvio, mas é sempre bom lembrar: o símbolo não é a coisa simbolizada.

Mas por que isso é assim? E o que é que há neles que permite isso?

Bom, a segunda pergunta é mais fácil de responder.

Como falei acima, temos que lembrar dos dois aspectos dos seres de acordo com Platão e Aristóteles (as diferenças de visões entre os dois não nos interessam aqui), aspectos diferentes, mas complementares, que vamos chamar de “*forma”* (ou ideia, ou essência) e “*matéria”.*

Matéria é o material de que são feitas as coisas.

Forma é a organização interna das coisas. “Interna” no sentido de “intrínseca”, ou seja, a organização que faz com que a coisa seja o que é.

Um exemplo simples. Uma xícara de porcelana. A matéria é a porcelana, a forma é não só o formato da xícara, mas as características dela que fazem com que ela seja capaz de receber e guardar líquidos quentes, ser segurada por alguém e que uma pessoa possa beber esse líquido que ela guarda.

Simplificando, a forma é o que faz a xícara ser uma xícara, a matéria é o que “concretiza” a forma em uma coisa real. A matéria pode ser

usada pra fazer outra coisa, a forma pode ser concretizada com outro tipo de matéria, o ente em si é um composto dos dois.

É claro que a semelhança entre a palmeira-real e o ouro não pode ser por causa da matéria.

Então, na organização interna dessas coisas, na forma, há alguma semelhança.

Isso é, há algo nas coisas, que faz sentido e que pode ser lido. E que nos conta não só sobre a essência da coisa em si, mas sobre a essência de outras coisas.

“ Por que isso é assim?” é um pouco mais difícil de responder.

Para um religioso, é claro que é porque Deus é Sentido e Verdade, e a criação depende d’Ele.

O mundo é organizado, interdependente e faz sentido porque a mesma Mão fez tudo, e fez tudo com a mesma intenção.

Não sei explicar porque isso é assim para um ateu ou um agnóstico, por exemplo. Eu teria que dizer ou que esse sentido não existe nas coisas, mas em nós (e aí me veria com o problema de explicar porque esse sentido existe em nós) ou que existe por causa da evolução do universo (e aí teria que admitir que as coisas não faziam sentido antes e que há uma vantagem em termos de sobrevivência no tempo que possa ser conferida por isso).

De qualquer forma, ele é assim (um Cosmos, não um caos), independentemente do motivo. As coisas são “legíveis”, são “organizadas” e fazem sentido.

Um problema que surge é que há coisas num leão – mesmo na essência, na forma do leão ideal – que não estão relacionadas a essa “essência solar”, a essa forma que o leão, o rei, o pai, o mel, a palmeira-real, etc, partilham.

Algumas características do leão existem porque ele é um ser vivo, um animal, um mamífero, etc.

Como é que a gente depura essas coisas?

Como é que apreendemos o que o leão partilha com o sol? Usamos a analogia.

Ela é a operação que compara duas coisas e percebe essa estrutura comum entre elas. É ela que nos dá que há uma proporção entre o Sol e o céu que se repete entre o rei e seus súditos.

Analogias

Analogia não é simplesmente semelhança. O tigre e a onça são semelhantes, mas um não simboliza o outro.

O raciocínio analógico (que usa o “logos”, o sentido de um ser concreto para articulá-lo com outro ser) é a base da astrologia.

Nem sempre esse raciocínio é explícito, e nem sempre ele precisa ser desenvolvido inteiramente numa determinada aplicação. Mas ele sempre está (ou deveria estar) subjacente.

Reforçando um ponto muito importante: os planetas são símbolos. Então, não há exatamente “influência” astral, e não há, falando literalmente, “planetas em nós”, embora isso seja uma metáfora importante (porque há, em diversos níveis, faculdades em nós associáveis aos planetas).

Ou seja, não é o Sol que manda que as coisas aconteçam, mas, observando a relação dele com o céu, entendemos o que há de “solar” em nós. Na verdade, é ainda mais que isso. Há algo em nós que se analoga com algo do Sol, e ambos significam outra coisa, que não é nem gente nem planeta, mas está presente na essência de ambos.

Símbolos artificiais

O símbolo natural é diferente do artificial não só na sua origem, mas na sua natureza. Enquanto a inteligibilidade, a mensagem do símbolo natural, está nele mesmo, ou pode ser apreendida dele de forma espontânea, no símbolo artificial, muitas vezes, não há nada de especial. A relação entre o símbolo e o simbolizado também é artificial.

Veja a diferença: se não houvesse nunca nenhuma propaganda sobre o Mc Donald's, e não houvesse o símbolo deles em todas as lojas, não haveria nenhuma ligação entre uma letra M estilizada e amarela e sanduíches, batatas fritas e refrigerante. Compare com um leão no meio da savana africana. Mesmo que uma pessoa nunca

houvesse visto ou ouvido falar do animal, ao primeiro encontro algumas qualidades ficariam obvias.

Símbolos naturais (não só os celestes) não são abstrações ou convenções arbitrárias. Eles são concretos duplamente, porque são coisas reais e porque refletem uma realidade maior que a própria.

Textos antigos

Vários textos antigos contém características de planetas e signos; nem todas são simbólicas; mas com o tempo é fácil perceber o que é uma associação mais ou menos fortuita, o que é simples semelhança, e o que é analógico. O mesmo vale para os textos mais recentes.

Capítulo 11: Números e simbolismo

Como disse antes, o pensamento astrológico é analógico. Ele capta a essência das coisas, usando o simbolismo natural, e tenta descobrir como elas se comportam e o que vão fazer com base nisso.

O modo mais fácil de entender os símbolos é a partir do simbolismo dos números.

Isso acontece porque parece haver uma hierarquia nas formas, ou nas ideias. Algumas são mais gerais, ou mais abrangentes, que outras; os números parecem estar bem no topo.

Isto é algo que a ciência moderna parece intuir: matematizar um aspecto teórico de uma ciência é sinônimo de formalizá-la.

No entanto, vamos tratar de números num sentido diferente (e mais profundo) do que os cientistas e matemáticos usam.

Então, o leitor não precisa pegar sua calculadora nem apontar o lápis, não vamos somar nem dividir nada. Os conceitos de que vou falar não são difíceis de entender; o problema é esquecer as noções que já temos.

Começando do começo: antes dos números, a noção de quantidade.

Quando falamos de quantidade, pensamos em duas coisas diferentes.

A primeira é quando pensamos em alguma medida de um corpo. O peso de uma pessoa, o tamanho de um terreno, o volume de um determinado líquido, etc. Esta quantidade é sempre comparativa: mesmo quando não pensamos nisso explicitamente, estamos comparando um corpo com as medidas de outro.

A segunda é quando pensamos em conjuntos, em grupos de coisas. O número de pessoas num ônibus, ou a quantidade de canetas numa gaveta, por exemplo.

O primeiro tipo de quantidade é contínua, a segunda é a quantidade discreta.

A quantidade discreta é objetiva. A quantidade contínua, não. Se tenho duas maçãs, não tenho duas maçãs em comparação com meu vizinho. Tenho duas, tendo ele nenhuma, uma, ou milhares. Mas tenho dois litros de água em comparação com uma certa medida, que foi convencionada previamente. Meu tamanho pode ser medido em polegadas, pés, centímetros, côvados, mas tenho um irmão. Não tenho um irmão em uma medida qualquer e dois irmãos em outra.

Ou seja, a quantidade discreta (que vou chamar, daqui para a frente, de “quantidade”, para economizar espaço) é algo, no seu nível próprio, real em si mesma.

Quando temos quatro canecas, além de serem canecas (cada uma com sua forma e sua matéria particular), o fato de elas serem quatro, e não cinco, é um dado da realidade independente da comparação com outro grupo de canecas, enquanto uma pessoa só tem dois metros em comparação a algo ou alguém com um metro. É claro que a altura da pessoa não varia, mas qualquer medida dela é relativa.

Os números “normais” são marcadores dessa quantidade. O dois seria, então, o indicador da quantidade dois, o três indica a quantidade três, etc.

Bertrand Russell dizia que os números são conjuntos de classes: o dois é o conjunto de todas as duplas possíveis, o três é o conjunto de todos os trios, e assim por diante.

Os números de que falamos estão ontologicamente num nível acima destes.

Estamos falando dos números como “forma”; não nos números que indicam a quantidade, mas, num sentido mais profundo, nos números como esquemas das possibilidades de quantidade.

Eles são mais facilmente percebíveis em coisas que só se apresentam numa determinada quantidade, que se estruturam sempre em um determinado número.

Enquanto algumas coisas podem variar de número, outras sempre ocorrem na mesma quantidade. As canecas de que falamos poderiam ser três, ou doze, então sua relação com o quatro é mais tênue; elas realizam o quatro de forma mais fraca. Mas as direções

do espaço são quatro e apenas quatro, por exemplo. Elas partilham, de forma mais evidente e mais forte, das propriedades do quaternário.

Assim, o 3 (ou o ternário) é a “forma”, a essência, dos trios, de tudo o que se manifesta necessariamente como três.

O quatro é a forma de todos quaternários; é a organização que permite o quaternário.

Isso quer dizer que os números são, num certo sentido, as formas das formas; os esquemas que permitem os esquemas.

Vamos dar uma olhada nos quatro primeiros números, que têm uma importância especial.

O um

O um é o primeiro dos números naturais, mas, a rigor, não é um número, porque ele não é forma da quantidade discreta (também chamada de multitude), mas da unidade. Ele é o princípio dos outros números.

Bom, todas as coisas podem ser consideradas como parte de alguma coisa maior (em última análise, do universo) ou como coisas em si. Dito de outra forma: elas podem ser consideradas como unidades ou como partes de uma unidade maior.

Na verdade, sem o um, nada é. Ser é ser um.

Essa ideia de completude que a unidade passa é a chave para entender os outros números, porque, em coisas que são naturalmente medidas por um determinado número (por exemplo, coisas que ocorrem naturalmente em pares), sempre há a ideia de “complementaridade”, ou de “unidade do conjunto”. Ou seja, a ideia de número – de qualquer número – pressupõe a ideia do um.

O dois

O dois é o tipo, ou a forma, do par. De todos os pares, sim, mas principalmente dos pares naturais.

Em primeiro lugar, é bom ter cuidado com a ideia de “oposição”, mas o sentido original da palavra cabe aqui. Um par é sempre uma coisa posta frente a frente com outra.

Um par natural expressa a complementaridade da unidade de uma forma bastante fácil de perceber: eles são polos diferentes, são os dois membros do mesmo casal.

O par por excelência, na verdade, é o casal: homem e mulher. Os outros pares expressam essa complementaridade em outros níveis: o Sol e a Lua, o dia e a noite (como períodos do dia, não como “ausência e presença de luz do Sol”. Os “pares” que incluem um membro inexistente, como bem e mal, luz e trevas, não são pares de verdade, mas uma coisa e nada).

É claro que estamos falando do homem e da mulher ideais, do princípio masculino e do princípio feminino. Essa complementaridade entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo, é bastante importante.

O par “forma” e “matéria”, ou “essência” e “substância”, já foi mencionado. Ele reflete a noção de que há um polo ativo, que determina, que é o princípio da ação (a forma) e um polo passivo, que recebe a ação, que é determinado (a matéria). Em termos aristotélicos, o ato e a potência.

Na cultura chinesa, por exemplo, esses pares se refletem na dualidade yang/yin, no Céu e na Terra, ou nos hexagramas Criativo e Receptivo, do I Ching.

Se o um manifesta o princípio, o dois evidencia a natureza dupla da criação: tudo é, num certo sentido, uma mistura do Céu (das formas) e da Terra (da matéria).

O três

Os trios, ternários ou trindades são estruturados pelo três.

A criação parece ser ternária. Acabamos de ver o par “essência” e “substância”, mas o universo não é composto de pares de essência e substância andando de mãos dadas por aí.

As coisas são entes concretos, compostos por essência e substância. Ou seja, as coisas são trinas (o ente, a forma do ente, a matéria do ente).

As relações humanas são também ternárias; aliás, a ideia mesma de relação – qualquer tipo de relação – implica dois termos e uma conexão entre elas.

Existe mais de um tipo de ternário, mas vamos nos deter aqui no que nos interessa mais, que é o que tem uma aplicação direta na astrologia, e vamos usar os “três movimentos do Espírito” do Islã para explicá-lo.

1 – O primeiro movimento (al-‘umq), o descendente, é o “fertilizante”, é o movimento “inicial”. Está associado aos signos cardinais (vamos ver os modos dos signos – cardinal, fixo e mutável – mais tarde), ao aspecto de “ente”, ou seja, de “unidade” das coisas, chama atenção para elas mesmas.

2 – O segundo movimento (al-‘urd) é o movimento expansivo, “horizontal”. É o movimento da influência do princípio nas outras coisas. Está relacionado à “essência” das coisas e aos signos fixos.

3 – O terceiro movimento (al-‘tul) é o movimento ascendente, de “retorno”. As coisas cumprem sua função, que, no fim das contas, é exaltar a Deus. O fim das coisas não está neste mundo, nem nelas mesmas. Esse movimento está relacionado à “matéria” (tanto no aspecto de determinável, de devoção ao princípio, quanto ao aspecto de mutabilidade extrema) e aos signos mutáveis.

Existe um ternário interessante na filosofia antiga.

Embora ele tenha variado bastante de acordo com os autores, sempre se supôs que haveria um conjunto de propriedades inerentes ao ser; elas eram chamadas de “transcendentais” porque não estavam entre as categorias de Aristóteles.

Uma das formulações mais famosas dos transcendentais é escolástica, que dizia que o ser tem que ser Uno, Bom, e Verdadeiro (*unum, bonum, verum*). Santo Tomás ora usava os três, ora cinco (*res, unum, aliquid, bonum, verum*), mas não é difícil entender que “coisa” (res) e “alguma coisa” (aliquid) podem ser encaradas como ser “um”. Algumas formulações trocam o um pela beleza. Mas o ternário um, bom, verdadeiro nos ajuda a entender outro ternário.

Eu disse que não ia citar nenhuma obra específica no texto, com uma exceção, que é esta, porque o curso no qual vi esse insight pela primeira vez não foi publicado. Aprendi esta associação entre o ternário “Um, Bom, Verdadeiro” e os três aspectos do Ser no curso de Introdução ao Simbolismo Astrológico de Pedro Sette Câmara e Luiz Gonzaga de Carvalho Neto.

A unidade pode ser obviamente relacionada à coisa em si, ao composto de essência e substância que forma o ente. É o ser que é um; como vimos acima, ser alguma coisa é ser um, é ser uma unidade.

A verdade pode ser associada à matéria, àquilo que recebe a forma, a essência, porque é essa recepção que revela o que a coisa é de verdade (ou seja, a coisa é tanto mais ela mesma quanto melhor a matéria for na expressão da forma, como podemos perceber tentando tomar café em xícaras de papel, ou cortando carne com facas de plástico).

A bondade pode ser associada à essência, à forma, ao efeito que a forma tem na matéria, porque essa é a parte ativa, “influente” da coisa. Algo é bom, no sentido ontológico, quando é ele mesmo, ou seja, quando cumpre sua função, quando desempenha sua função; e quem determina a função de algo é sua forma. A parte determinante do ente, a forma, é quem dá sentido a ele.

O quatro

Todas as coisas, nas suas relações com as outras, influenciam e são influenciadas.

Então, enquanto as coisas em si, consideradas nas suas estruturas, são ternárias, o mundo (ou seja, as coisas e sua relação com o que há em torno) é quaternário. Uma coisa age e sofre a ação de outra coisa que sofre a ação e age sobre a primeira coisa. A terceira lei do movimento de Newton é uma formulação particular dessa propriedade quaternária das coisas, a interatuação.

Se o dois significa dois polos, ativo e passivo, podemos imaginar o quatro como duas polarizações, ou dois conjuntos de polos, um não redutível um ao outro. Ou seja, o quatro é dois vezes dois.

Um bom exemplo disso são as quatro causas de Aristóteles.

Resumidamente, podemos chamar de “causa” de um ser a matéria de que ele é feito (a “causa material”), o processo que o originou (a “causa eficiente”), a forma, ou a organização, do ser (a “causa formal”) e seu objetivo, fim ou propósito (a “causa final”).

A causa material, considerada no seu aspecto interno, ou seja, com relação ao ente em si, é determinável. A matéria é potência, é o que recebe a forma. Com relação à influência do mundo, ela também é determinável, passiva. Não é a causa material de um corpo o que faz com que ele determine o entorno.

A causa eficiente é, com relação ao próprio ente, determinante, ativa, porque é o gatilho, é o “pontapé inicial” do ente. No entanto, com relação ao entorno, é passiva, determinável. Não é a origem de uma coisa que influencia o seu entorno, mesmo que a propaganda no mundo todo tente nos convencer do contrário.

A causa formal é determinante com relação ao ser e com relação ao entorno: é a forma que é o “sentido” do ser, por definição. Então, não só e ela que determina “o que” ele é, mas também como ele se comporta, ou seja, qual é a influência que ele pode ter nos outros.

A causa final é determinável com relação ao ser e determinante com relação ao entorno. O fim, o objetivo do ser, não está atingido desde o início, não é algo já em ato. No entanto, para cumprir seu propósito, atingir seu fim, o ser tem que influenciar o entorno.

Outro quaternário óbvio é o dos quatro elementos.

Um corpo qualquer pode ser visto de duas formas diferentes.

A primeira está relacionada à capacidade de expansão. Um corpo pode ter tendência a se expandir ou permanecer em si mesmo. Há uma boa chance do leitor ter a mesma impressão errada que tive, na primeira vez que pensei nisso, e achar que o contrário da expansão é a contração.

Não é: contração é a resposta a uma expansão forçada, ou expansão na direção contrária para preencher uma ausência. Corpos com tendência natural a se contraírem indefinidamente não existem.

Vamos chamar a tendência a se expandir de calor e a tendência oposta, de frio.

É fácil de perceber que, em grande parte dos casos, estes princípios coincidem com o calor e o frio físicos; no entanto, não é deles que estamos falando. Não podemos confundi-los.

Não há corpo real completamente frio ou completamente quente. Os dois princípios estão presentes em todas as coisas existentes, embora em proporções diferentes.

Outra forma de ver um corpo é na sua relação com o seu entorno, na sua interação com o mundo. Quando um agente externo tenta modificá-lo, ele pode resistir a essa modificação ou não.

Aqui, temos um contínuo que não pode ser reduzido ao anterior. Num polo, a resistência total, a manutenção total da própria integridade sem ceder. No outro, a maleabilidade total, a total falta de resistência às influências externas.

Vamos chamar a resistência máxima às influências externas de secura. Seu oposto, a maleabilidade extrema, vai ser chamado de umidade.

Frio, calor, umidade e secura são as quatro qualidades sensíveis que todos os entes apresentam. São dois polos não redutíveis um ao outro.

Combinadas duas a duas, essas qualidades formam o que chamamos de os quatro elementos.

O elemento quente e seco é chamado de fogo.

O elemento quente e úmido é chamado de ar.

O elemento frio e úmido é chamado de água.

O elemento frio e seco é chamado de terra.

Agora, podemos ver que os quatro elementos não são as coisas materiais que têm o mesmo nome, mas princípios ideais, qualidades máximas que a matéria pode atingir; ao contrário, eles tomam os nomes das coisas porque elas representam de forma simples o que eles são.

A medicina tradicional acreditava que o corpo humano era composto pelos quatro elementos (ou que quatro humores, associados as quatro elementos, fluíam no corpo humano) e que, por causa do desequilíbrio entre eles, os seres humanos poderiam ser agrupados em torno de quatro tipos, os quatro temperamentos básicos: colérico (fogo), sanguíneo (ar), fleumático (água), melancólico (terra). Falo mais sobre isso nos próximos capítulos.

Os elementos são um bom exemplo de que o quatro não pode ser reduzido ao dois: os membros de um par não são redutíveis aos do outro. Usando uma imagem para facilitar o entendimento, se um dos pares estiver em um eixo, o outro estará num eixo perpendicular ao primeiro.

Produzindo os números

Os quatro primeiros números eram considerados pelos pitagóricos como mais importantes que os demais (a tétrada sagrada) porque deles se produziam os outros (os dez primeiros, a década sagrada. Eles diziam que a década estava contida na tétrada).

Um exercício interessante é produzir um número a partir do anterior.

Em primeiro lugar, ser é ser um, é ser uma unidade. Então, o um está, necessariamente, presente em todas as formas.

Todas as coisas são unidades de coisas, senão não seriam coisas, seriam nada. Aliás, é assim que vemos alguma consistência em conjuntos. Um grupo de pessoas só é um grupo porque pensamos nele como uma unidade formada de partes – as pessoas. Se não, seriam apenas diversas unidades.

Da mesma forma, nada está sozinho, isolado no mundo. Assim como tudo, sob um aspecto, é um, todas as coisas têm tudo o que é não-elas fora de si. Sempre há o outro. Um e o outro: dois.

Mas o outro não está isolado do ser. Quando há dois seres, há algo entre eles; a relação entre eles. Um, o outro e a relação entre eles: três.

O três (um-outro-relação) implica mudança em ambos. Agir é, em alguma medida, sofrer a ação. Então, temos sujeito/objeto se

relacionando com objeto/sujeito. Um, o outro, a ação de um sobre o outro e a do outro sobre o um: quatro.

Os quatro primeiros números são importantes porque estão presentes de forma mais básica nos seres. Todas as coisas são um conjunto de partes que agem e sofrem ação umas das outras (4), se relacionam entre si e com o exterior (3), são compostas de matéria e forma (2) e são unidades (1).

Além disso, são muito importantes no simbolismo astrológico. O um (a unidade) e o dois (a oposição: no caso da astrologia, a oposição entre diurno e noturno, masculino e feminino, etc.) aparecem o tempo todo, e fundamentam os outros números. Do três e o quatro fazemos o sete (3 + 4 = 7), o número de planetas, e o doze (3 X 4 = 12), os signos. São estes últimos que vamos ver agora.

Capítulo 12: Os signos

No capítulo anterior, falei dos números; neste, preciso falar mais um pouco sobre dois deles.

Nós vimos que o três está associado ao ternário Unidade-Bondade-Verdade, que pode ser associado por sua vez ao ternário ente-essência-matéria.

Diversos outros ternários, de origens diversas, parecem expressar, de forma recorrente, uma divisão da realidade em três extratos.

Alguns parecem unir uma origem do alto (Céu, espírito, forma, essência), um termo médio (o homem, a alma, o ente concreto) e uma recepção inferior (Terra, corpo, matéria).

Outros ternários dividem as coisas em três estágios (vigília, sono, sonho; passado, presente, futuro; início, meio, fim; ou os três movimentos do Espírito no Islã, que mencionei no capítulo anterior).

Todos eles parecem sugerir origem, movimento, estados ou posições diferentes.

Essa divisão ternária da realidade parece estar ligada à forma do movimento, do devir, ao modo com que as coisas se comportam; ela nunca se refere à divisão da matéria enquanto tal. Parece haver, por trás disso, uma diferenciação fundamental dos modos de desenrolar possíveis: o início da ação, sua expansão ou duração, seu fim.

Esses modos correspondem aos três modos dos signos astrológicos: cardinal ou móvel (início), fixo (duração), mutável (fim).

A ação, no entanto, não ocorre no éter, ou no vácuo. Todo tipo de atividade, de modificação, ocorre na matéria.

Como vimos no capítulo anterior, a matéria se organiza em quatro polos distintos, os elementos: fogo, água, terra e ar.

Multiplicando os três modos (de atividade, ou três origens da ação, ou três movimentos do Espírito; o Tempo) pelos quatro elementos (ou pelas quatro possibilidades da matéria; o Espaço), temos as doze possibilidades gerais de manifestação: os doze signos.

Tecnicamente, um signo é cada uma das doze divisões do Zodíaco (a faixa no céu de mais ou menos 8 graus de cada lado da eclíptica); a divisão começa no ponto de Áries.

Só que eles também são divisões do caminho do Sol. O Sol simboliza, entre outras coisas, o Criador, o Pai, a Origem; o céu do Zodíaco é o encontro, por assim dizer, da Criação com o que há além dela (simbolicamente, não há nada criado além do Céu). Então, o caminho do Sol ao longo da Eclíptica relembra a criação do mundo; e cada uma dessas divisões simboliza uma das doze possibilidades máximas de manifestação.

A partir do ponto de Áries, os termos do ternário (cardinal, fixo, mutável) e do quaternário (fogo, terra, ar, água) se sucedem sempre na mesma ordem.

Essa derivação dos signos a partir do ternário e do quaternário dá uma base mais segura sobre a qual determinar o que cada signo simboliza.

Vamos ver cada um deles e mencionar algumas das características associadas a eles.

A maior parte das indicações relacionadas ao clima e à época do ano em que o Sol passa pelo signo são baseadas no hemisfério norte. É possível captar mudanças no hemisfério sul, é claro, mas as observações e a literatura disponíveis no hemisfério norte são muito maiores.

Há uma discussão antiga sobre se devemos ou não inverter as estações para o hemisfério sul. A mudança não seria tão radical e a questão é muito extensa para entrar no livro, mas, em resumo, não se deve fazê-lo. Nós sentimos efeitos climáticos, físicos, diferentes, mas o Sol está na mesma posição para nós e para as pessoas do hemisfério norte. Ou seja, na essência, que é o que nos interessa, o verão começa quando o Sol entra em Câncer no mundo todo, só que, do Equador para o sul, os verões são estranhamente frios.

Se repararmos nas qualidades dos signos, elas não batem exatamente com o clima em lugar nenhum do mundo (o início do verão, no hemisfério norte, é Câncer, signo de água, seguido por um

de fogo, quente e seco, por exemplo. Em nenhum lugar do mundo o verão é frio e chuvoso no primeiro mês, quente e seco no segundo, frio e seco no terceiro).

Essa diferença entre as estações essenciais e as estações climáticas pode ser notada no ano litúrgico; a Páscoa – o primeiro domingo depois da primeira Lua cheia após o Sol passar pelo ponto de Áries; ou seja, o primeiro domingo depois da primeira Lua cheia da primavera – é na mesma época do ano para os fiéis dos dois hemisférios.

Uma coisa que preciso reforçar. Até aqui, tratei dos signos como divisões de um círculo, como direções do espaço, como possibilidades de manifestação, nunca como objetos ou pessoas, nunca como sujeitos com personalidades.

Fiz isso porque é isso que eles são: direções, possibilidades, divisões do espaço. Eles não são coisas, não são objetos, muito menos sujeitos com vontades, personalidades, ou gostos. Frases como “Leão é muito orgulhoso”, ou “Sabe como é Virgem, né? Gosta de tudo sempre no lugar” não fazem sentido.

1 – Áries

Signo Cardinal de fogo.

Áries é o signo no qual o ano astrológico começa. É o início da primavera no hemisfério norte e o início do outono no hemisfério sul.

O início de Áries é um dos pontos nos quais a Eclíptica (o trajeto do Sol pelo céu) corta o Equador. É o ponto, no hemisfério norte, em que o Sol volta a aparecer. Tudo muda, o inverno acaba, a natureza volta a dar sinais de vida.

Signos cardinais inauguram estações, são novidades, mas é bom ter cuidado com isso. Áries é o começo da primavera (estação associada ao ar, quente e úmida), mas ele não é o signo cardinal do ar – ele é o signo cardinal do fogo. A "novidade", aqui, é o Sol. É a volta do astro quente e seco.

Áries é o modo cardinal (unidade entre forma e matéria, novidade, inauguração) do fogo (quente – se expande – e seco – resiste à influência do meio).

Como é que o fogo mantém a sua própria unidade? Movendo-se, se expandindo, consumindo as coisas, queimando.

Então, Áries está sempre relacionado a coisas ativas, energéticas, rápidas; à ausência de reflexão, de consideração pelas consequências, ou contemporização, à velocidade, à novidade.

O símbolo de Áries são os chifres do cabrito-montês. É um animal arisco e energético, e perigoso para quem atravessar o seu caminho.

Os signos se alternam em masculinos (diurnos) e femininos (noturnos). Áries é um signo masculino.

As descrições de "arianos" na astrologia moderna sempre são de pessoas ativas, extrovertidas, decididas, inconsequentes, etc. Embora arianos (ou seja, pessoas nascidas quando o Sol estava em Áries) nem sempre sejam assim, o signo de Áries simboliza essas qualidades.

Dos quatro elementos, o fogo está associado à energia, à atividade. Então, a qualidade primária de Áries, da qual as outras derivam, é impulso (fogo) inicial (cardinal): velocidade, fagulha inicial.

Imagens arianas: o relâmpago (rápido, quente e seco, inconsequente: num momento não está lá, de repente ilumina o céu inteiro, depois não está de novo); a corrida de 100 metros rasos, o guerreiro, uma Ferrari.

2 – Touro

Signo fixo de terra, feminino.

Touro é o segundo mês da primavera no hemisfério norte. O medo do gelo já foi, a novidade do sol já foi, a primavera se mostra de forma mais completa.

No hemisfério Sul, é uma das épocas mais agradáveis do ano, sem muito calor nem muito frio.

Sendo um signo fixo, ele simboliza a produção de um efeito. Qual?

Repouso, conforto. Essa é a imagem que o Touro passa. Mas não "preguiça". O touro fica parado, até que algo o faça se mexer, e aí ele se move até matar ou morrer (o touro é o animal das touradas, dos rodeios, etc.). A inércia aqui é tanto para começar a fazer algo quanto para parar. A fixidez da terra faz com que este seja o signo que mais transmite repouso, parada; é o signo mais lento (assim como o anterior, Áries, é o mais rápido).

O signo da estabilização da primavera no hemisfério norte (e daquela época agradável do final de março/começo de abril no hemisfério sul), Touro simboliza coisas agradáveis, bonitas, que transmitem uma sensação de fruição, de conforto.

A terra é o elemento associado à permanência, ao sustento material. A qualidade primária de Touro é a exploração (signo fixo) do sustento material (terra), ou, em outros termos, o efeito (fixo) da matéria (terra). Daí vem a associação com o conforto, a fruição, o repouso, a contemplação.

Imagens taurinas: poltronas, comidas gostosas e bonitas, estátuas, o público no teatro, o ato de comer.

3 – Gêmeos

Signo mutável do ar; masculino.

Primeira transição. Gêmeos é a transição entre duas estações ativas (a primeira estação é quente e úmida, a segunda é quente e seca), é o fechamento da primavera no hemisfério norte, a soma das experiências do novo ano.

Sendo um signo mutável do ar (quente e úmido), Gêmeos significa coisas agitadas, mas não “influentes”, no sentido de modificar o mundo. O signo mutável é da conformidade da matéria à forma, da verdade, do movimento ascendente, da soma das experiências. Além disso, é um signo do ar, quente (se expande) e úmido (não resiste a mudanças).

Então, Gêmeos é o signo da leveza, ligeireza, inconstância, mutabilidade, das mudanças de opinião, do aluno, das conversas leves, da comédia ligeira.

O símbolo de Gêmeos são duas linhas unidas e o mito associado a eles é o dos gêmeos Castor e Pólux. Irmãos gêmeos, mas diferentes: um mortal, o outro imortal. A duplicidade, a mudança, são coisas associadas ao signo.

Geminianos não são mais mentirosos do que o resto da humanidade, mas o signo está associado à mentira inconsequente, à falta de compromisso com a verdade.

O ar é o elemento associado ao pensamento. A qualidade primária de Gêmeos é a transição (signo mutável) do pensamento (ar), ou, dito de outra forma, o fim da ação (mutável) do ar. É por isso que ele está associado ao início do aprendizado, que é a chegada das informações do exterior.

Os três primeiros signos estão na primeira estação do ano, e portanto, estão ligados à primeira fase da vida. Na primeira fase da vida, a atividade é cardinal (começamos a agir), mas a fruição é fixa (somos sustentados, alimentados) e o pensamento é mutável (recebemos informações dos outros).

Imagens geminianas: o bobo da corte, o papagaio, a pizza, a fofoca, micos (ou qualquer tipo de macaco que ande em bando e se movimente o tempo todo).

4 – Câncer

Signo cardinal da água, feminino.

Câncer inicia outra estação, começa outra sucessão de cardinal/fixo/mutável. Ao mesmo tempo, introduz o último elemento, a água.

É mais um signo de início de estação, é quando o verão começa no hemisfério norte (e o inverno no hemisfério sul). Ou seja, é mais um signo de novidade, de unidade.

Ao contrário de Áries (cardinal do fogo), Câncer é o cardinal da água (fria e úmida). Ou seja, é o signo da unidade de algo que não se expande nem resiste às mudanças.

Como é que se mantém uma unidade na água? Separando a água de dentro (as coisas de que gostamos) da água de fora (as coisas de que não gostamos) – é por isso que o símbolo de Câncer é um caranguejo (mole por dentro, vive na água, que é mole, mas sua casca dura protege o que está dentro do que está fora).

Câncer então é o signo da intimidade, da proteção, de tudo o que é maternal e caseiro. É o signo da Lua, o símbolo por excelência da mãe.

Câncer é o primeiro signo da água. A água está ligada aos desejos, às emoções. Então, assim como o primeiro signo de atividade é cardinal, o primeiro signo do desejo é cardinal – começamos a vida desejando.

Ele é o signo dos desejos comuns, necessários à vida – o desejo de proteção, alimento, carinho, água, etc.

A qualidade básica de Câncer é o início (signo cardinal) dos desejos.

Imagens cancerianas (além da Lua e do caranguejo): lagos, mulheres grávidas, casas confortáveis, a noite, os caracóis, as ostras. O alface, a abóbora.

5 – Leão

Signo fixo do fogo, masculino.

Leão é um signo de fogo, então é quente e seco. No hemisfério norte, é o meio do verão, a época em que sentimos a estação de forma mais intensa (não porque o calor seja maior, mas porque já está calor há tempos). No hemisfério sul, são as épocas do frio mais cortante, que mais incomoda.

Sendo um signo fixo, ele produz um efeito que se espalha. Que efeito é esse? Bom, ele se expande (calor) e não cede (secura).

O efeito é o de domínio. Essa é a diferença do efeito do rei com relação ao guerreiro (Áries), por exemplo. O guerreiro é perigoso só se desafiado, ou se você se puser no caminho dele. O rei é perigoso sempre, a menos que você esteja muito longe, porque ele não é algo que ameaça de “frente”, mas “de cima”.

É por isso que o leão é o rei dos animais.

Leão é o signo do poder, da dominação, do reinado, do comando, da vaidade.

A qualidade básica é energia (fogo) permanente (signo fixo), ou influência (signo fixo) da atividade (fogo). É o fogo adulto; em vez do impulso inicial de Áries, é o fogo que queima de forma constante, modificando o entorno.

É por isso que o signo está associado ao orgulho, à vaidade, porque está relacionado à ação continuada (e, portanto, grandiosa) sem condescendência ou contemporização.

Imagens leoninas: além das óbvias (o Sol, o leão, o rei), a palmeira-real, o mel, o ouro, o gengibre, o âmbar, o dourado, a capital de uma cidade, o juiz.

6 – Virgem

Signo mutável da terra, feminino.

Mais um signo mutável, representando o final de outra estação.

Sendo um signo da conformidade da matéria com relação à forma (da verdade), é um signo também relacionado ao funcionamento das coisas, mas não ao aprendizado de tudo, como Gêmeos.

Aqui, se trata de um signo mutável da terra. Então, não há a expansão nem a maleabilidade do ar. Aqui, a mudança não é contato rápido e inconsequente com coisas novas, como em Gêmeos, mas a constante revisão da mesma coisa.

Virgem é o signo dos detalhes, do perfeccionismo, de repetição do mesmo conjunto de ações até a perfeição.

A qualidade primária de Virgem é a verdade (signo mutável) do sustento material (terra): o cálculo, a experiência das coisas concretas, a divisão dos frutos. É a última parte do verão, hora de separar, calcular, dividir e guardar os grãos, decidir quais vão ser semeados, quais vão para os animais, quais vão ser comidos.

Ele contrasta com Touro. O sustento material fixo causa a sensação de fruição, de conforto; o fim do sustento material gera instabilidade. Gera também perfeccionismo (não se pode desperdiçar).

Imagens virginianas: relógios, calculadores, contadores, aranhas (especialmente as que fazem teia; a própria teia), aparelhos de medição em geral.

7 – Libra

Signo cardinal do ar, masculino.

A entrada de uma nova estação é marcada por Libra. No hemisfério norte, o outono; no hemisfério sul, a primavera.

Sendo o signo cardinal do ar, ele também é um signo da unidade, da novidade, que chama atenção sobre si, mas ao contrário de Áries (seu signo oposto), ele é úmido, se adapta.

Libra mantém a unidade adaptando-se ao ambiente, conformando-se. Ao contrário de Áries, ele não entra em conflito, mas, ao contrário de Câncer, ele não se isola.

Enquanto Gêmeos é o signo de ar juvenil, do aprendizado inconsequente (e da mentira por descaso com o significado das palavras), Libra é o signo da comunicação, do uso do aprendizado para se relacionar com o mundo, para agradar (e da mentira para contemporizar, para acalmar os ânimos, para deixar todos contentes).

O símbolo de Libra é a balança, o instrumento que pesa e compensa diversas medidas, que se conforma e muda de acordo com o que é posto nela. É o signo da diplomacia, das relações humanas.

A qualidade primária de Libra é o início (signo cardinal) do pensamento (ar). É o pensamento, a mente, a palavra, se movendo para interagir. Apesar de ser o modo cardinal, é o ar adulto, porque é o início do diálogo, que é coisa de adultos.

Imagens librianas: o pavão, a balança, as leis (não o julgamento).

8 – Escorpião

Signo fixo da água, feminino.

Signos fixos exercem um efeito. Qual é o efeito que Escorpião exerce?

Sendo fria, a água não pode se expandir e dominar, como o fogo. Sendo úmida, ela não pode permanecer em si mesma e transmitir repouso.

O efeito, a impressão da água é tensão. Pensemos na água material. Em Câncer, ela está reunida em si, parada. Para algo frio exercer algum efeito, tem que ser provocado – algo faz pressão na água. Ela espirra.

A água representa o desejo. Em Câncer, o que você gosta está perto, o que você não gosta está longe. Em Escorpião, o desejo se projeta.

Touro e Escorpião são opostos. Touro significa satisfação, relaxamento, repouso. Escorpião, ao contrário, significa tensão.

Isto justifica o animal-símbolo do signo, o escorpião. Ele é a imagem viva do acúmulo de tensão até um máximo insuportável, do alívio momentâneo dessa tensão (o ataque) e da reacúmulo da tensão.

É daí, também, que vem a associação moderna de Escorpião com o sexo – uma associação mais precisa seria com o orgasmo, o êxtase sexual, com sair de si.

A qualidade básica: exploração ou permanência (signo fixo) dos desejos (água).

Imagens escorpioninas: o tigre, o arco-e-flecha, a água-viva, as cobras, o atirador de elite.

9 – Sagitário

O signo mutável do fogo, masculino.

Último signo do fogo – e último signo do outono (no hemisfério sul, da primavera).

Sagitário é o signo mutável (da conformidade da matéria à forma), da verdade, do fogo (quente e seco).

Então, aqui não é mais conhecer uma diversidade de coisas, nem revisar uma coisa à perfeição. Aqui, não há concessões nem maleabilidades. A verdade é A VERDADE, sem nuanças.

O símbolo de Sagitário é o centauro prestes a disparar uma flecha. A flecha é algo tipicamente sagitariano – depois que foi disparada, a flecha não se desvia nem pára até atingir o alvo.

A qualidade básica de Sagitário é o fim (signo mutável) da atividade (fogo); a experiência obtida, o resultado da atividade. É o fogo que se apaga, mostrando a verdade: separando a forma da matéria que sobra da queima (as cinzas). Enquanto o fogo de Áries desce para o mundo, e o fogo de Leão se espalha dominando o mundo, o de Sagitário sobe, leva de volta o que não é material.

Imagens sagitarianas: a sentença (o julgamento), o juiz, o sacerdote, locomotivas, provas. Paisagens limpas, harmônicas. Templos.

10 – Capricórnio

Signo cardinal da terra, feminino.

É o signo da unidade da terra (fria e seca). Como é que a terra preserva sua unidade?

Permanecendo, suportando. Capricórnio não se adapta como Libra, não combate como Áries, não se recolhe e seleciona o que gosta como Câncer. Capricórnio sustenta, permanece em si.

É o primeiro signo do inverno no hemisfério norte. É preciso manter o sustento, suportar as adversidades; é o início do frio, do rigor, da dureza da vida. É a época de maior escuridão, em que o dia é menor.

A qualidade básica de Capricórnio é início (signo cardinal) do sustento material (terra). É a época mais escura, mas por isso mesmo, é quando as sementes são plantadas. É aqui, na aparente morte de tudo, quando a Luz Divina que o Sol simboliza parece estar mais longe, é que nasce Jesus, o Salvador; mas ele nasce humilde, entre os animais de carga e numa manjedoura: não é época da explosão de vida, mas de gestação.

Duas entidades bastante obviamente relacionadas com esse signo são o mundo dos negócios (frio, objetivo, organizado, impessoal, mas cujo objetivo é a abundância posterior) e o exército (organização do movimento; atividade hierarquizada e seca, sem improviso).

Imagens capricornianas: as estruturas em todas as organizações, as fundações/o esqueleto de um prédio, a Torre Eiffel, a cabra, o burro de carga; como disse acima, o mundo dos negócios, o executivo; treinamentos militares.

11 – Aquário

Signo fixo do ar, masculino.

Último dos signos fixos.

O efeito do ar é a orientação. O ar é quente mas é úmido, envolve, não expulsa. Aquário é tão dominante quanto Leão, mas não é direto.

A dominação de Aquário é sutil, “oblíqua”. É por isso que Aquário está relacionado ao engodo, à sedução, à dominação pela fraude.

Aquário é o signo humano por excelência. O maestro é a profissão aquariana por excelência: enquanto cada um dos músicos executa uma parte, só ele sabe para onde está dirigindo a orquestra.

O professor também é uma profissão aquariana, num certo sentido.

A qualidade básica é efeito (signo fixo) do pensamento (ar), ou exploração das possibilidades mentais. É o espalhamento horizontal do pensamento, dos planos, das estratégias.

O símbolo de Aquário é um homem derramando água de um jarro. O jarro representa a cabeça do homem (está, inclusive, na mesma altura) e a água (que é doce, ao contrário dos signos de água, que são marinhos), o seu pensamento. De forma sutil, se inserindo no fluxo, o pensamento do homem influencia o resto.

Outra imagem aquariana: as ideologias: o efeito de um discurso, de um conjunto de ideias, decididas antes da sua divulgação.

12- Peixes

Signo mutável da água, feminino.

Último signo mutável, último signo da água e último do zodíaco, encerrando as possibilidades de manifestação.

Ele não “resume” os outros signos, no entanto. Além de ser um contra-senso uma possibilidade ser um resumo ou uma recapitulação de outras, os signos podem ser pensados como direções do espaço, e uma direção não resume as outras.

Enquanto Gêmeos simboliza o aprendizado, conhecer todas as verdades que estiverem à mão (mutável do ar), Virgem simboliza a realização da mesma coisa até a perfeição, até atingir a verdade daquilo (mutável da terra) e Sagitário simboliza se conformar à única Verdade (mutável do fogo), Peixes simboliza o sentimento da verdade, ou a verdade dos desejos. A primeira que aparecer, qualquer uma.

A água é fria e úmida, não é estável. Se conforma ao recipiente em que for depositado e muda conforme muda o recipiente.

Da mesma forma, a verdade de Peixes, o seu ideal, muda. Se Touro é o signo mais fixo (fixo da terra, fria e seca), Peixes é o mais mutável (mutável da água, fria e úmida).

O animal símbolo de Peixes exemplifica isso de forma bastante boa. Os peixes nadam conforme a correnteza e mudam – o cardume todo – de direção sem muito esforço.

Peixes é o signo da indecisão, da intuição, da inspiração. Ao contrário de Virgem, ele não quer aprender uma única coisa, mas sentir o que estiver mais próximo.

É um signo extremamente fértil; é o último signo antes da explosão de vida da primavera, é quando as sementes plantadas em Capricórnio e que estavam dormentes em Aquário começam a se nutrir e se preparam para nascer.

A qualidade básica de Peixes é, como disse acima, a verdade dos desejos (água). Enquanto Câncer é o início dos desejos, os desejos

básicos e necessários à vida, Escorpião simboliza os desejos adultos, a exploração das possibilidades do desejo, o êxtase, Peixe é a recepção da experiência dos desejos, é a recepção do conhecimento não racional da exploração dos desejos, são os desejos menos carnais, menos ligados ao corpo.

Coisas piscianas: o estereótipo mais comum do Rio de Janeiro (onde as coisas acontecem “por acaso”, devido a afinidades imediatas, sem explicações racionais) e, por associação, a imagem mais turística do Brasil no estrangeiro; os peixes de forma geral (porque cada espécie é diferente da outra – ou seja, cada ideia é diferente da outra – mas os peixes de uma mesma espécie são muito parecidos uns com os outros – conformidade total a uma ideia); o improviso musical, a intuição. Por ser o fim do ciclo, renovação, batismo, renascimento.

Há algumas qualidades gerais, relacionadas aos modos e aos elementos, que vale a pena mencionar.

Os modos se relacionam com as fases das estações da seguinte forma: cardinais são o início (a mudança do clima, a inauguração da nova estação); fixos são o meio (a estabilização – a gente sente mais o clima da estação do que nas outras, porque já está nela há mais tempo) e mutáveis, o fim (a transição para a outra estação, a mudança na temperatura).

Os signos cardinais traduzem essa ideia de novidade, inauguração, chegada, aparição, nascimento, surgimento – as ideias que podem ser sintetizadas no conceito de “unidade”, daquilo que se nota como “ente”, como destacado do fundo.

Os signos fixos denotam estabilidade, duração, fixidez, solidez. É por isso que os Evangelhos estão associados a eles – a novidade, a “unidade”, é o nascimento de Jesus, que é o mesmo: a cristalização disso, o levar essa notícia a todas as pessoas é o papel dos quatro. Como há quatro tipos básicos de pessoas, há quatro Evangelhos.

Os signos mutáveis são os signos de transição entre um fixo e um cardinal. São chamados também de “bicorpóreos”, mas não porque seus símbolos sejam de dois corpos (o que até é verdade: Gêmeos são dois gêmeos, Peixes são dois peixes, Sagitário é meio cavalo, meio gente, e Virgem já foi representada por duas gêmeas e por uma mãe e um menino, em alusão à Santa Virgem e seu Filho; no entanto, outros signos têm imagens duplas, como Capricórnio –meio cabra, meio peixe – e Aquário – o homem e o jarro), mas porque, sendo mutáveis, podem querer dizer “mais de um”, ou muitos.

Quando falamos no quaternário, temos quatro elementos e quatro triplicidades (quatro “trincas” de signos com o mesmo elemento).

Os signos de fogo são quentes e secos. São signos masculinos, ativos, diurnos. No clima, significam tempo quente e seco, Sol, calor. Não são férteis (variam entre estéreis – Leão – e pouco férteis – Sagitário e Áries). O fogo não se mistura, não conecta – os signos de fogo não significam conexão, comunicação, nem compensação.

Áries é o signo de fogo infantil, ou jovem. Leão é fogo adulto ou maduro. Sagitário é o fogo velho.

Os signos de Terra são femininos, noturnos, frios e secos. Significam frio, mas sem chuva. Também não são férteis (Virgem é um dos três signos completamente estéreis do Zodíaco, junto com Leão e Virgem); a “terra” não é a terra preta adubada, o elemento terra é frio e seco, não é propício para coisas crescerem – é mais fácil pensar em uma pedra. Significam recolhimento, separação, quebra de conexões, repouso.

Touro é o signo fixo da Terra, é a terra jovem, porque é na juventude que gozamos a vida sem preocupações, que fruímos a vida. Virgem é o signo adulto ou maduro da terra, porque esse repouso, esse debruçar-se sobre uma ideia para extrair tudo dela, é típico da maturidade. Capricórnio é a terra velha. É hora de recolher as coisas, de entrar em casa e manter-se aquecido. É o signo que traz a “novidade” final – a velhice, o repouso do fim da vida, suportando as dificuldades.

Os signos do ar são masculinos, diurnos, ativos, quentes e úmidos. No clima, significam vento – são úmidos, mas dificilmente significam água. São signos vocais – Aquário é de voz fraca, Libra e Gêmeos, de voz alta (Virgem também, apesar de não ser signo de ar, é de voz alta, pela influência de Mercúrio). São signos humanos (mais uma vez, junto com Virgem). São signos de conexão, socialização, atividades humanas – uma imagem (simplificada) seria: Gêmeos é uma escola infantil, Libra uma reunião diplomática, Aquário uma reunião de cúpula.

Gêmeos é o signo infantil do ar. Libra é o ar adulto; chama a atenção para si mesmo – as ideias, impressões e experiências aprendidas em Gêmeos são articuladas num discurso coerente. Aquário é o ar velho. Signo fixo, da influência do pensamento no mundo. Aqui, tudo já foi aprendido, confrontado, pesado e medido: o plano está pronto.

Essa é, no fundo, a ideia da “Era de Aquário”. Embora a noção de “eras” seja uma coisa estranha (se baseia na precessão dos equinócios, é um negócio muito mal definido), a era de Aquário até combina com a nossa época – a era das ideologias, da

desinformação, do excesso de informações inúteis, dos governantes inacessíveis, etc.

Os signos de água são frios e úmidos, femininos, noturnos e férteis. Significam chuva, umidade, tempo frio e úmido. A água, aqui, não é a das garrafas na geladeira, mas a do oceano – frio, úmido, inconstante, incontrolável: o desejo humano, as emoções. Os três são signos férteis e mudos.

Câncer é a água jovem. É quando a água chama a atenção para si – o choro da criança, a visão de uma mulher grávida. Escorpião é a influência da água sobre o mundo, a água adulta: o adulto já tem discernimento sobre seus desejos e sabe o que quer. É o signo oposto a Touro, porque Touro é fruição, repouso, enquanto Escorpião é êxtase e tensão. Touro quer permanecer em si, Escorpião quer sair de si. Peixes é a água velha – é o signo que fecha o ano (astrológico); depois que as emoções nasceram, foram testadas no confronto com o mundo, Peixes é o signo no qual elas são lembradas, saboreadas e realizadas. É o signo oposto a Virgem, aqui ninguém ensaia e pratica a mesma coisa até a exaustão, até a perfeição.

Existem outras divisões dos signos (entre os signos que não são nem estéreis nem férteis, há uma graduação entre moderadamente férteis e moderadamente estéreis; Áries, Touro, Leão e Peixes são chamados de mutilados ou aleijados, Áries, Touro, Leão, Sagitário e Capricórnio são bestiais, etc), que não são tão básicas. O fundamento da maior parte dessas outras divisões são, no fundo, o que expliquei acima.

A caracterização dos signos é extremamente importante para se entender o resto do modelo astrológico – os aspectos, os planetas, etc.

O mais importante, por outro lado, é entender o que são os signos. É imprescindível ter em mente que a atribuição de personalidades aos signos é, no melhor caso, um exagero didático. Leão não é vaidoso, Touro não é tranquilo, Gêmeos não é falante – signos não são pessoas, nem seres animados de qualquer forma.

Os signos têm relações – chamadas de dignidades e debilidades – com os planetas, que serão explicadas quando eu tratar destes astros.

Vamos ver, antes, um tipo de relações que os signos têm entre si que se refletem nas relações que os planetas podem ter entre si: os aspectos.

Capítulo 13: Aspectos, parte I – Fundamentos

Este é um assunto que normalmente é tratado junto com os planetas, o que causa algumas confusões. O fundamento dos aspectos está na relação entre os signos, que é o que vamos ver, ou rever, agora.

Os signos não se sucedem no Zodíaco de forma aleatória. O frio e o calor se alternam a cada signo (ou seja, Áries é quente, Touro é frio, Gêmeos quente, Câncer, frio, etc.). A umidade e a secura se alternam a cada dois signos (Áries e Touro são secos, Gêmeos e Câncer são úmidos, Leão e Virgem secos, etc.).

Essa alternância em dois passos diferentes faz com que os elementos sempre se alternem na sequência fogo-terra-ar-água. Além disso, ela faz com que os signos do mesmo elemento estejam sempre em distâncias de 120º entre si, ou seja, os elementos estão dispostos em triângulos equiláteros. É por isso que os signos de um mesmo elemento são chamados de triplicidades: Áries, Leão, Sagitário são a triplicidade do fogo, Touro, Virgem e Capricórnio a triplicidade da terra, Gêmeos, Libra e Aquário, a triplicidade do ar, e Câncer, Escorpião e Peixes, a triplicidade da água.

Ou seja, para qualquer signo, os outros signos que têm mais afinidade elementar com ele são sempre os quintos signos, nas duas direções, a partir dele. Ele partilha a mesma qualidade ativa (calor ou frio), com os outros membros da sua triplicidade, com os terceiros signos nas duas direções a partir dele e com o signo que está oposto a ele no zodíaco.

Por exemplo, os signos com maior afinidade elementar com Áries (primeiro signo do Zodíaco) são Leão (o quinto signo) e Sagitário (o nono; na ordem inversa ao dos signos do Zodíaco, o quinto a partir de Áries, ou, o quinto na ordem correta a partir de Leão).

Ele é quente, assim como, além de Leão e Sagitário, Gêmeos (o terceiro signo a partir dele), Aquário (o terceiro signo na ordem inversa) e Libra (signo oposto a ele).

Os signos adjacentes a ele, ao contrário, são frios (Peixes e Touro); os adjacentes ao signo oposto a ele, também (Virgem e Escorpião) são frios. Esses signos não têm afinidade com ele.

Se inserirmos os modos, as coisas ficam mais interessantes.

As triplicidades são complementares.

Áries é cardinal, Leão é fixo e Sagitário mutável. A triplicidade do fogo esgota os três modos.

Isso também acontece com um signo e os terceiros signos a partir dele em qualquer direção, embora o elemento mude. Áries é cardinal, Aquário é fixo, Gêmeos é mutável.

Ainda há alguma complementaridade da qualidade ativa.

Os signos adjacentes não se complementam porque embora cada um seja de um modo (Áries cardinal, Touro fixo, Peixes mutável), não há uma qualidade que seja partilhada pelos três. A mesma coisa acontece se agrupamos o signo com os adjacentes ao signo oposto.

Com os signos opostos, no entanto, não há complementaridade. Eles têm a mesma qualidade ativa e o mesmo modo, sempre (Áries e Libra são quentes e cardinais. Touro e Escorpião, frios e fixos; Gêmeos e Sagitário, quentes e mutáveis, etc.).

Como cada modo aparece quatro vezes, ele une dois pares de signos opostos, com uma particularidade. Qualquer signo tem a qualidade ativa oposta ao dos signos em ângulos retos a ele.

Por exemplo, Áries e Libra (quentes) têm o mesmo modo que Câncer (frio) e Capricórnio (frio).

Os signos opostos, além disso, estão sempre em situações opostas no céu. Quando um surge no céu, o outro está se pondo. Quando um está no Meio-Céu, o outro está no Fundo do Céu. Se um está acima do horizonte, o outro está abaixo, e por aí vai.

Essas relações não são da mesma natureza.

Os signos do mesmo elemento parecem ter uma relação fácil e forte.

Os signos distantes entre si dois signos (60 graus) parecem ter uma relação também fácil, mas bem menos forte.

Os signos em ângulos retos parecem ter uma relação forte, mas difícil, são estranhos um ao outro.

Os signos em oposição parecem ter uma relação extremamente ruim, complicada, difícil.

Signos adjacentes ou signos e os signos adjacentes ao oposto parecem não ter relação nenhuma.

À relação entre signos do mesmo elemento, distantes entre si 120º, chamamos de trígono. Os signos estão em trígono e qualquer coisa dentro de um deles está em trígono com qualquer coisa em um dos outros (isto é verdade para todas as relações que vou mencionar).

À relação entre os signos distantes 60º entre si chamamos de sextil.

Chamamos de quadratura a relação entre os signos em ângulo reto, distantes 90º entre si.

Chamamos de oposição a relação entre os signos opostos, distantes 180º.

Estas relações são chamadas de aspectos, que vem de “aspectare”, observar, em latim. Vamos ver isso mais tarde, mas os planetas, simbolicamente, emitem luz (não estamos falando da luz física): emitem a sua essência. Essa luz é filtrada, ou modificada, pela natureza dos signos em que estão. Então, os planetas só captam a luz um dos outros – só se observam – se estiverem nos signos corretos, que tenham essas relações, esses aspectos.

Vou voltar aos aspectos depois que virmos os planetas, mas isto tem que estar claro: aspectos são, antes de serem entre planetas, entre signos. Não há aspectos se os signos não tiverem alguma relação.

Desde o Renascimento, se fala de outros aspectos além desses, que usam outros ângulos. Quando temos em mente esta noção das qualidades dos signos, vemos que esses aspectos novos não são aspectos de verdade, mas divisões arbitrárias da eclíptica; são exercícios de geometria.

Uma coisa chamada conjunção é normalmente estudada junto com os aspectos, mas tecnicamente não é um deles. Vamos vê-la com mais detalhes no outro capítulo sobre o assunto.

Capítulo 14: Planetas, os agentes cósmicos

Os signos são as possibilidades máximas de manifestação no mundo; são as direções do espaço, os esquemas de possibilidades.

Num sentido, são a parte mais real do céu, porque são a parte imutável, incorpórea, perfeita.

No entanto, visto aqui de baixo, eles são o pano de fundo, o cenário, os lugares ou as qualidades do céu. São passivos, inativos, desde a nossa perspectiva.

Os agentes astrológicos, que se movem e se influenciam, são os planetas.

Eles são, por assim dizer, cristalizações, ou versões concretas, dos signos num outro plano, mais próximo de nós.

Isso vai ficar claro mais tarde, mas podemos dizer que os planetas são os signos realizados, ou corporificados.

É mais fácil de entender isso se recorrermos mais uma vez ao simbolismo numérico. O número doze está associado às tribos de Israel (as possibilidades de manifestação do homem, da vida humana), aos trabalhos de Hércules (o herói solar que atualiza todas as possibilidades do homem para ascender ao céu), os doze apóstolos (para anunciar a Boa Nova a toda a Terra, a todos os tipos de gente).

O número associado a coisas inteiras, a conjuntos reais completos, no entanto, é o sete. Ele está associado a divisões internas da mente ou da alma. As sete notas musicais, as sete artes liberais, os sete pecados capitais, as sete virtudes, etc.

Sete é a soma de três e quatro (enquanto doze é a sua multiplicação), porque não se trata de mostrar o panorama completo da criação, mas mostrar as coisas criadas, tais como existem. São os aglomerados de faculdades, ou de partes, que encontramos no mundo: as pessoas, os animais, as coisas, etc.

Dou uma lista abaixo com os sete, descrevendo suas qualidades mais evidentes, seus significados mais comuns e algumas associações mais óbvias.

Antes disso, vamos lembrar de algumas coisas.

Os planetas em astrologia são: Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter e Saturno.

Astronomicamente, a Lua é um satélite da Terra e o Sol é a estrela central do sistema solar. Isso não invalida o que está dito antes. Os dois são em vários sentidos mais importantes que os outros cinco, mas, astrologicamente, também são planetas.

Menciono primeiro as qualidades visíveis, porque é a partir delas que as associações são feitas, como expliquei nos capítulos anteriores. Este é um dos problemas com corpos (como planetas astronômicos) que não são visíveis a olho nu, asteroides e outros corpos reais e fictícios. Falo um pouco deles mais tarde, mas desde já fica claro: eles não precisam ser ignorados, seu uso não é impossível, mas astrologicamente não são planetas.

NOTA: As associações mencionadas abaixo não são perfeitas – tudo neste mundo de geração e corrupção é composto pelas sete "facetas" da luz primordial que são simbolizadas pelos planetas. A lesma é desagradável, escura e lenta, como Saturno, mas é fria, úmida e mole como a Lua. O cão é corajoso como Marte e fiel como Júpiter. Além disso, autores diferentes têm propriedades diferentes em mente (um autor classifica uma planta como de Vênus porque é bela, outro como de Marte porque é espinhenta, outro como de Júpiter porque cura doenças do fígado, etc). Mas, quando as reunimos, tendo em mente a aparência visual deles, os planetas ficam mais claros.

Não podemos esquecer o que já vimos. Os planetas simbolizam estas coisas sempre tendo como pano de fundo suas relações uns com os outros. Saturno é lento porque os outros são muito mais rápidos que ele; Marte é agressivo porque sua cor é a mais vermelha dos sete, etc.

Lua

Não é preciso descrevê-la, mesmo para os leitores que vivem em cidades grandes. Se você consegue ler isso, já viu a Lua e provavelmente já leu algum romance, conto ou poema que a mencione.

Sua cor prata/branca é conhecida. Ela é um dos dois únicos planetas cuja imagem tem extensão óbvia. Seu ciclo ao redor do Zodíaco dura aproximadamente 28 dias, sendo o corpo mais rápido do céu.

Ela também é o único astro que tem fases contínuas. Da conjunção com o Sol (Lua nova), na qual ela some no céu, a Lua vai lentamente retomando seu formato até formar um disco perfeito (Lua cheia), na oposição ao Sol; isso não dura, no entanto, porque assim que ela atinge o ponto máximo, volta a diminuir até sumir de novo, no fim do ciclo.

A Lua nunca fica retrógrada – ou seja, ela nunca parece se mover no sentido contrário ao do céu, mas varia bastante de velocidade.

Sua “dança” com o Sol é bastante óbvia. Ela muda de forma de acordo com a sua posição com relação a ele; o ciclo do Sol marca o ano, o da Lua os meses (que são doze; o Sol passa por um signo enquanto a Lua passa pelo Zodíaco); assim, ela é considerada a consorte do Sol. Ou seja, sempre que o contexto permitir, ela significa a esposa do que o Sol significar (a mulher, a mãe, a rainha). A prata é associada à Lua – além da coloração igual, a Lua tem associação com os lagos e espelhos d’água; a prata era o metal feito para fabricar espelhos.

A associação da Lua à mulher e ao ciclo menstrual é clara, como também à água e ao ciclo das chuvas e às marés – a Lua é o único planeta fluido, que se esvazia e enche continuamente.

A Lua também (por ser o planeta que “nasce” todo mês) é associada aos bebês. Também significa nutrição (por ser o planeta que cresce) e, assim, a mãe. Bebês e mães: lar, família, nutrição, carinho, aconchego, proteção.

Ela é fria e úmida (fleumática), como a água. É um planeta noturno e feminino.

Os alimentos associados à Lua são os com sabor fraco (aguados) e suculentos (pepinos, tomates, sopas em geral), com muita água, ou que vieram da água (ostras, caranguejos), ou aqueles cujo formato é “lunar” (abóboras e repolhos).

Animais lunares são os aquáticos, relacionados à água, ou redondos.

As plantas lunares são as redondas, suculentas, ou as plantas aquáticas.

A Lua é o planeta mais próximo da Terra, então ela é considerada a “ligação” entre os demais planetas e o nosso mundo. Ela é considerada o “fluxo dos eventos” e é normalmente o co-significador da pessoa que faz a pergunta em astrologia horária.

Como ela é a esposa do Sol, é o significador natural da mente (como a esposa, ou o espelho, do Sol, o Espírito, a Luz divina), da poesia (como expressão das verdades do Sol).

Das sete artes liberais, ela está ligada à gramática, à arte da oração, da expressão. Das virtudes, é dela a esperança, a virtude que sempre se renova. Dos pecados, o associado com o planeta mais rápido é a preguiça.

Mercúrio

Mercúrio completa sua volta ao zodíaco em mais ou menos um ano, assim como o Sol, mas de forma diferente. Ele nunca se afasta mais de um signo do astro-rei (seu afastamento máximo é de 28 graus); antes de chegar a esta distância, ele diminui sua velocidade, pára e reverte o movimento, acelerando até se afastar em mais ou menos a mesma distância no sentido contrário e fazer a mesma coisa.

Por causa disso, é um dos planetas mais difíceis de perceber, o Sol o ofusca grande parte do tempo. Seu brilho é claro.

Ele é fugaz; aparece logo antes do Sol e desaparece quando o dia nasce, ou aparece um pouco depois que o Sol se pôs, para se pôr em seguida. Ele é faiscante, como se estivesse sempre em movimento; só aparece perto do horizonte e no crepúsculo. Tudo isso o fez ser identificado à dualidade, à multiplicidade, à comunicação, à articulação.

Depois da Lua, é o planeta que mais passa pelo Sol. Ao contrário dela, no entanto, ele não vai diminuindo, até sumir de um lado e aparecer do outro. Ele faísca de um lado, some, brilha do outro. Ele foi associado aos deuses e entidades que fazem a comunicação entre este mundo e o outro mundo, como Hermes e seu correspondente romano, Mercúrio. Não como mediador entre os outros planetas e a terra, como a Lua, mas como ponte entre a matéria e o espírito, entre o Sol e o não-Sol. Entre o Céu e a Terra – é o planeta do horizonte.

Mercúrio simboliza a razão, aquele movimento faiscante e rápido que classifica as coisas, mas não consegue, por si só, guiar a ação – coisa feita pelo Intelecto, pelo Sol. Ele simboliza também a comunicação, a troca de informações básicas, o comércio.

Ao contrário do que se poderia pensar à primeira vista, ele é frio e seco. Mercúrio não se conecta de verdade, não tem umidade nenhuma. Ele troca, compra e vende, pergunta e responde. Pense no mordomo, figura mercurial por excelência – ele parece não se mover, mas faz tudo acontecer e cair no lugar certo.

O metal associado ao Mercúrio é, logicamente, o mercúrio, o único metal líquido à temperatura ambiente. É o metal que “lava” os outros, se misturando, mas sem se unir.

Animais relacionados a Mercúrio são os que lembram de alguma forma o ser humano, seja “falando” ou “rindo” (hiena, papagaio, melro), seja construindo coisas (joão-de-barro, castor, aranha).

Os alimentos relacionados a mercúrio são os que vêm em grande quantidade, como grãos, que tenham muitos sabores (pizza, comidas agridoce, tutti-frutti, etc) ou que pareçam com o cérebro (nozes).

Plantas relacionadas a Mercúrio, além das anteriores, são todas as plantas multicoloridas, as relacionadas com rituais religiosos, com o cérebro, as de folhas pequenas com várias cores.

Como ele é o planeta da comunicação, ele é melancólico (frio e seco) por natureza, mas sanguíneo por analogia.

Ele está sempre ligado à dualidade, a multiplicidade, e, portanto, não é nem masculino, nem feminino, nem diurno, nem noturno, nem maléfico, nem benéfico. É estéril – inconsequente demais para a fecundação e nutrição.

Ele significa os servos (por sua utilidade), os palhaços, os bobos da corte, os porta-vozes, os substitutos, os dublês. Está associado à inconsequência da juventude. Hermes era o deus dos ladrões, de quem não tem firmeza moral para evitar a tentação de pegar o que está à mão: Mercúrio é amoral como a razão.

Ele significa mudanças no tempo, em geral, e em particular ventos, que são um tipo de mudança, de deslocamento; gases (ventos dentro da barriga) e terremotos (ventos no ventre da terra).

Ele está associado à arte liberal da lógica, à virtude da fé (a virtude mais próxima do Sol, que aparece subitamente, mas que também é a mais fugaz, some fácil) e ao pecado da inveja. Da mesma forma que a preguiça é a falha do planeta mais rápido, a inveja – que é um erro de avaliação – é o pecado do planeta das classificações.

Vênus

É o único astro que permite a leitura em noites sem Lua.

É de um brilho claro, bonito, cativante. Só aparece no começo ou no fim da noite, porque também nunca se afasta muito do Sol, fazendo o mesmo movimento que Mercúrio, mas de forma mais lenta (e se afastando mais, pouco mais que um signo e meio: 48 graus). Assim, ela não só se afasta mais do Sol, como também está, normalmente, mais lenta que Mercúrio. No fim das contas, no entanto, também percorre o Zodíaco em um ano.

Seu brilho doce, sua dependência do Sol, sua força no céu, o fato de ser a luz mais resistente ao dia além da Lua (ela permanece visível no começo do dia, ou aparece ainda antes do fim da tarde), o fato de estar sempre presente no encontro do dia e da noite, tudo isso concorre para a sua significação como o planeta do amor, da concórdia, da união, em sentido amplo – as forças que comandavam os átomos, para os gregos, eram o amor (que os une) e o ódio (que os separa): Eros e Tânatos (neste contexto, Vênus e Marte, se a mitologia me permitir esta licença poética). É este o amor de Vênus; o amor romântico é só uma particularização do princípio geral.

É um planeta noturno e feminino, frio e úmido (ela é fleumática).

Os alimentos associados a Vênus são os de sabor doce e cheiro agradável, os alimentos belos e arrumados.

Vênus também significa a mulher, mas a ênfase é na mulher enquanto sexo feminino, não enquanto mãe. É a esposa, a concubina, a amante, a cortesã, a prostituta, a musa, a modelo, a beleza, o amor romântico, o desejo sexual, o desejo de união.

As doenças venéreas (“venéreo” quer dizer “de Vênus”), o açúcar, a diversão, os jogos, os restaurantes (bares, como locais onde se ingerem líquidos, estão mais associados à Lua), tudo isto está relacionado a Vênus.

As plantas de Vênus são as bonitas, com flores grandes e de cheiro bom, claras, agradáveis, com flores brancas, rosas, amarelas. O lírio,

a rosa, a violeta, a macieira.

Os animais associados a Vênus são os belos e mansos, como o coelho, a pomba, o pavão, o boto, o cisne, o golfinho, ou que têm o canto bonito, como o rouxinol.

O metal relacionado a Vênus é o cobre, o metal dos ornamentos e da decoração. Era usado em objetos de arte e, pela sua sonoridade, na fabricação de instrumentos. Até sua ferrugem (verde, uma cor associada a Vênus) é bonita.

Está ligada à retórica, a arte de convencer, de ganhar as simpatias, nas sete artes liberais. A caridade é a virtude associada a ela; a luxúria é o pecado capital correspondente.

Sol

O outro astro cuja descrição é supérflua. Brilho amarelo/avermelhado quente, ele determina o começo e o fim do dia pela sua presença; sua luz dá vida às plantas e gera as condições para os animais viverem. No entanto, é também o que seca os lagos e esturrica as plantas, causa câncer na pele e mata animais e pessoas.

Ele dá e tira a vida, é benéfico de longe, mas sua proximidade excessiva mata. É ele quem decide o formato da Lua, se está de dia e de noite – e, assim, se os outros astros aparecem. Ninguém aparece muito perto dele, seu brilho ofusca os outros corpos – e queima os nossos olhos.

Essa sua importância, essa superioridade óbvia o fez ser associado com tudo o que é real, superior, ao chefe, ao juiz, ao rei, ao imperador, a Deus, a Nosso Senhor Jesus Cristo, ao leão, ao ouro (o rei dos metais), ao mel (embora ele também esteja relacionado a Vênus, pela doçura, e a Mercúrio, por causa das abelhas), aos anjos (principalmente São Miguel), ao pai, ao presidente, à palmeira-real, ao urubu-rei, ao galo, ao marido, ao consorte, ao homem (em oposição à mulher). Está associado à vida adulta. A rainha, quando chefe, é representada pelo Sol (a Lua é a rainha no sentido de esposa do rei).

É solar tudo o que tem proeminência, é o “rei” ou “chefe” ou “pai”, dependendo do contexto. O Espírito, o intelecto, o número um.

É, como já seria de se esperar, um planeta masculino, diurno, quente e seco (colérico).

Como símbolo do Um, é o planeta associado à aritmética nas sete artes liberais. Seu pecado é o orgulho, sua virtude é a justiça.

Completa o Zodíaco em mais ou menos um ano (na verdade, o ano é mais ou menos uma volta completa do Sol), sem mudar muito sua velocidade, nem se desviar da Eclíptica, arrastando consigo Mercúrio e Vênus, modificando o formato da Lua e influenciando no movimento dos outros planetas.

Agora vamos para os planetas com trajetória relativamente independente do Sol (eles ficam retrógrados por causa dele, mas percorrem todo o Zodíaco, podendo fazer qualquer aspecto com ele, ao contrário de Mercúrio e Vênus. Também não mudam de forma de acordo com sua distância, como a Lua). São os chamados planetas superiores.

Esta diferença entre inferiores e superiores pode ser significativa em alguns contextos, mas o significado nem sempre é simples – os planetas “inferiores”, dependentes, são associados às virtudes “teologais”, que são mais “elevadas”, por exemplo. De qualquer forma, estes planetas significam qualidades mais “dominantes”, ou, pelo menos, que, ao dominar o ser humano, fazem menos estrago a ele. Pode parecer estranho Marte ser menos deletério que a Lua, mas é verdade; estamos falando do planeta em si, das suas qualidades essenciais, não seus defeitos.

Marte

O primeiro dos planetas superiores é quase tão rápido quanto o Sol. Vermelho agressivo, da cor do sangue quando jorra, ou de carne vermelha fresca. Bem mais rápido que os outros dois planetas restantes (termina a volta no Zodíaco em pouco menos de dois anos), sua cor o destaca dos outros corpos. Ele sugere ação, agressividade, movimento.

Marte parece incapaz de ser associado a algo tranquilo. Entendo muito pouco das outras astrologias, mas em todas as referências a ele que já vi, ele é o símbolo do deus da guerra da mitologia local, ou de algo equivalente.

Ele é um planeta masculino, quente e seco – mas noturno.

Está associado à energia (inclusive energia elétrica: o raio é marcial), à força, à violência, à guerra, à separação, à divisão, à discussão, à espada. Ele está também associado à valentia, à coragem, ao valor, à resistência. Marte é o saqueador (o ladrão que surrupia as coisas sem que o dono saiba é Mercúrio), mas também o soldado, o guerreiro, o militar, o policial, o marinheiro, o espadachim, o lutador.

Marte não significa sangue – só quando ele é derramado, ou seja, está fora do corpo. Mas a cor vermelha, a agressão e a rapidez são atributos deste planeta.

Os alimentos relacionados a Marte são os temperos picantes, os pratos apimentados e quentes. A pimenta, o alho, o curry, etc.

As plantas espinhentas, com folhas recortadas e pontudas, ou de coloração avermelhada, são marciais.

Os animais relacionados a Marte (além do cabrito-montês e do escorpião, é lógico) são os animais ativos, indomáveis, agressivos, reativos e/ou peçonhentos (especialmente quando a peçonha ou o veneno doem e ardem, em vez de entorpecer). O cavalo, o tigre, o falcão, as aves de rapina em geral, o tubarão.

O metal associado a ele é o ferro, o metal das espadas e lanças.

Como o planeta que simboliza a energia, a organização marcial e o movimento, ele está associado obviamente com a música, entre as artes liberais. Sua virtude é a coragem, seu pecado capital é a ira.

Júpiter

Júpiter é o mais brilhante dos planetas superiores. Ele é mais brilhante que Mercúrio, embora não chegue a ser tão brilhante quanto Vênus.

Ele é bonito, cor azul-celeste ou amarelo bem claro (depende do céu, da altura, mas é sempre muito claro), mas lento – demora doze anos para percorrer o Zodíaco. Seu movimento no céu sugere elevação, calma, ponderação.

Júpiter é o planeta da graça, das bênçãos, das coisas que vêm do alto, da religião, do clero – mas também dos aristocratas, da nobreza, das pessoas elevadas, dos protetores, dos mecenas, do Papai Noel, da magnanimidade, da generosidade, da misericórdia, da abundância.

É o planeta da chuva, que cai do céu.

É o planeta da expansão, e significa tudo o que é grande, o crescimento.

Os animais e plantas relacionados a Júpiter são aqueles que fazem o bem, que beneficiam – plantas frutíferas em geral (principalmente as que derramam as frutas no chão), a romã, bestas domésticas como a vaca, a ovelha, o cervo, o faisão, a cegonha.

É um planeta masculino, quente e úmido e diurno.

Os alimentos relacionados a ele são os quentes e úmidos, normalmente (ele é o único planeta sanguíneo): leite, queijos moles e novos, cerveja, azeite, azeitonas, pão, vinho branco. Frutos que caiam em abundância da árvore, como cerejas.

Júpiter significa o fígado e o sangue, a circulação.

O metal associado a Júpiter é o estanho, um dos mais usados para utensílios na humanidade antiga. É maleável e “auxilia” diversos outros metais em ligas; era usado para conservar alimentos.

A arte liberal associada a Júpiter é a geometria, a arte de medir o espaço, porque ele é o planeta da expansão. A virtude associada a

ele é a prudência, a *fronesis*, o agir maduro de acordo com a sabedoria do alto, e seu pecado capital é a gula.

Saturno

O último dos planetas e o mais afastado da Terra também é o mais lento. Ele demora vinte e nove anos e meio para dar a volta no Zodíaco. Sua luz é fraca, vários autores já a compararam a uma vela no escuro, amarelada e apagada.

Ele é o planeta da contração, do fim, da morte. Da velhice, dos limites, das portas. É o planeta associado ao tempo, à cor preta. É frio e seco, masculino e diurno.

O metal associado a ele é o chumbo – pesado, opaco.

Também é o planeta da perseverança, da disciplina, da organização. É o planeta da paciência, do estudo metódico, da rotina.

E dos mortos, dos cadáveres, dos carniceiros, do couro, do carvão, das cavernas e dos cemitérios.

Ele também pode significar o pai, como o Sol; mas, enquanto o pai é o Sol por ser o líder e o modelo, Saturno são os limites.

Os alimentos associados a ele são as raízes (porque crescem embaixo da terra), alimentos fermentados ou fungados, vinagre, endívias, alimentos azedos ou amargos, alimentos escuros e frios.

Plantas saturninas crescem na sombra, em pedras ou em cemitérios, ou nascem de coisas mortas, por exemplo samambaias, fungos, são venenosas ou causam torpor, como a papoula e a cicuta. Animais saturninos são negros e repulsivos, ou vivem à noite, ou comem carniça, são lentos e de couro grosso, ou vivem sob a terra, ou rastejam: a toupeira, o burro, o rato e o camundongo, o morcego, o crocodilo. Ou sugerem estudo, introspecção, ponderação, como o corvo (que, além disso, também é escuro).

Das artes liberais, a associada a Saturno é a astrologia, a arte que “sintetiza” em si as outras três do quadrivium (ritmo: música; número: aritmética; espaço: geometria) – e a que está associada à qualidade do tempo. A virtude associada é a temperança, impor limites aos próprios excessos; a temperança é o velho resmungão interior, o

estraga-prazeres que nos salva. O pecado capital associado é a avareza.

Existem algumas relações interessantes entre os planetas; uma delas é entre Júpiter, o planeta da expansão e da abundância, e Saturno, o planeta da contração e da escassez. Eles indicam princípios opostos; além disso, a virtude de um é remédio contra o pecado do outro. Sua lenta dança no céu serve de marcador de eventos em escalas grandes de tempo.

Outro planeta oposto a Júpiter é Mercúrio. Enquanto Júpiter significa ação grandiosa, expansão, grande, Mercúrio é fazer pequeno, articulação. Júpiter é o planeta sanguíneo, quente e úmido, ele significa conexão, umidade, enquanto Mercúrio é o planeta da troca sem conexão real.

Saturno, como o planeta da morte, do fim, dos limites, é oposto naturalmente ao casal real, o Sol, senhor da vida (o orgulho real não respeita limites), e a Lua, a mãe (a água lava e borra os limites).

Marte e Vênus simbolizam, como dito anteriormente, duas tendências opostas, o amor (no sentido de que o ímã ama o ferro, a atração) e o ódio (no sentido de que a água odeia o óleo; repulsão). É a repetição da relação entre Júpiter e Saturno, só que num nível menos geral.

Vênus (o princípio da união, atração; o amor borra as barreiras que separam) e Mercúrio (o princípio da classificação; classificar é reforçar diferenças) também são tendências incompatíveis. É só pensar em relacionamentos amorosos para entender isto; Vênus tende a dar o tom no começo dos relacionamentos, e Mercúrio nas suas crises.

Além das classificações em masculinos e femininos, noturnos e diurnos, os planetas são classificados em benéficos, maléficos, e neutros.

Saturno é o grande maléfico, Marte, o pequeno maléfico.

Júpiter é o grande benéfico, Vênus a pequena benéfica.

Os outros são neutros: Mercúrio é maléfico nos textos médicos; alguns autores consideram a Lua é benéfica quando crescente e

maléfica quando minguante; e o Sol é benéfico em trígono e sextil, e maléfico em quadratura, oposição ou conjunção.

Essa classificação é imprecisa.

Vamos ver mais à frente, que os planetas se comportam bem ou mal de acordo com o signo em que estão; mas, considerando que eles estejam todos se comportando como deveriam, é fácil ver que os maléficos são os que simbolizam qualidades desagradáveis.

Ninguém gosta da ideia da morte, mas ela é necessária. Da mesma forma, a separação é necessária à vida, o filhote não pode ficar sempre com a mãe.

Falando em qualidades humanas, disciplina, perseverança, sobriedade, temperança, coragem, valor, resistência ao inimigo são virtudes que exigem esforço, podem causar dor. São boas, mas não são agradáveis.

Por outro lado, as coisas significadas por Júpiter e Vênus podem ser ruins. Açúcar demais, comida demais, gordura, sexo, diversão em excesso, essas coisas são sempre agradáveis, mas podem matar.

O simbolismo astrológico deriva da cosmovisão cristã: para o cristão, nada criado é mau ou ruim, porque Deus, o Bem infinito, criou todas as coisas. O mal é o uso errado ou abusivo de coisas boas. Vamos ver melhor as implicações disso à frente.

Capítulo 15: Dignidade essencial; os planetas nos signos

Já vimos os signos e os planetas.

Vimos que eles não estão no mesmo plano e que podem até mesmo serem vistos como sendo manifestações dos mesmos princípios em níveis diferentes; os planetas podem ser considerados como versões concretas, ou manifestações, dos signos, num nível de realidade mais próximo de nós, mais corporal.

Agora, vamos ver as interações entre eles.

Os planetas estão sempre em um dos doze signos (nunca em dois, nunca em transição, é importante ressaltar).

O que acontece é que, como dito no fim do capítulo passado, todos os planetas são bons; na sua ordem de existência, são perfeitos; simbolizam qualidades essenciais que todos os seres têm. No entanto, nem sempre agem de acordo com a melhor versão destas qualidades.

Algumas vezes podem estar prejudicados por algum entrave: num local do céu que signifique obstrução de ação, ou sob a influência de outro planeta, ou lentos demais, etc. Esse tipo de problema é chamado de debilidade acidental; está relacionado à força para agir. Trataremos desse assunto (e do seu oposto, dignidade acidental) à frente.

Existe outro tipo de desvio: o planeta pode estar corrompido, pode estar funcionando de forma contrária à sua essência. Isso se chama debilidade essencial.

Os signos são como lugares em que os planetas entram, que podem ser propícios ou não para o tipo de atividade que é da natureza do planeta realizar.

De forma geral, quando um planeta está num signo em que sua qualidade essencial pode se manifestar livremente, se diz que ele

está dignificado, ou com dignidade. Vamos ver os tipos diferentes de dignidade (que variam em natureza e em intensidade) abaixo.

Quando o planeta está num signo cujas qualidades não têm afinidade nenhuma com a sua, ele é chamado de peregrino.

Quando o planeta está num signo que degrada ou deforma sua qualidade essencial, o impedindo de se manifestar, ele é chamado de debilitado. Vamos ver os dois tipos de debilidade essencial depois das dignidades.

Dignidades essenciais:

1 – Domicílio

A primeira dignidade é a que chamamos de domicílio. É isso que parece: é quando o planeta está no signo que é a sua casa, ou uma das suas casas. Entre o planeta e o signo de seu domicílio, há uma correspondência perfeita.

Estar em casa significa exercer as qualidades da melhor forma possível, agir plenamente conforme à sua essência. É a dignidade mais forte.

Dizemos que o planeta rege, ou é o regente, do signo de seu domicílio (e que é o regente ou o dispositor de qualquer coisa que estiver dentro dele).

Como estamos falando em mudança de nível, nem sempre a qualidade elementar do planeta (frio ou quente, seco ou úmido) corresponde ao elemento do signo.

Vamos começar com os luminares, o casal real, o Sol e a Lua.

O signo mais adequado ao domicílio do Astro-Rei é Leão, o signo do efeito da ação no mundo, do domínio, do orgulho. As características do signo e do planeta são tão parecidas que há pouco o que comentar.

Além disso, é o signo em que, no hemisfério norte, o Sol está mais evidente, em que o verão se faz sentir com mais força.

O domicílio da Lua é o signo anterior, adjacente, a Leão. Assim como o Sol e a Lua têm características totalmente opostas, Leão (fixo, quente e seco) e Câncer (cardinal, frio e úmido) também são

completamente diferentes. Assim como eles são o casal real, os dois signos estão juntos.

Câncer é o signo cardinal da água, do início dos desejos, dos desejos necessários à manutenção da vida, é o signo da maternidade, da família, o signo do início da fertilidade. A Lua, o planeta-mãe, cujo ciclo está ligado ao ciclo menstrual, que, como a mulher grávida, muda de forma e incha, é o planeta mais adequado para reger este signo.

Nos dois casos, ao contrário do que dito acima, as qualidades elementares concordam.

Se imaginarmos o Zodíaco iniciando pelo par Câncer/Leão, os outros domicílios (são dois para cada um dos outros astros) se dispõem de forma simétrica e de acordo com a distância aparente dos planetas ao Sol (veja a figura 7).

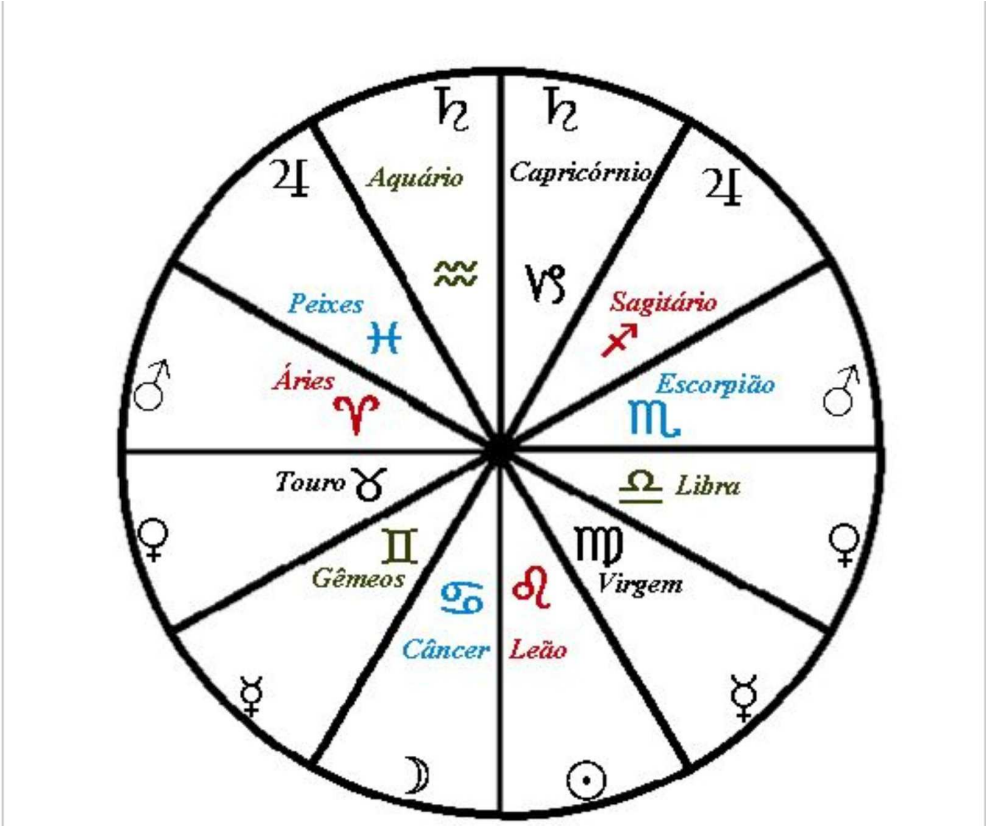

Figura 7 – Os signos do Zodíaco e seus planetas regentes. Dizemos que o domicílio do planeta é o signo que ele rege. Para economizar espaço, só apresentei os símbolos dos planetas (Sol,☉; Lua,☽; Mercúrio,☿; Vênus, ♀; Marte,♂; Júpiter, ♃; Saturno,♄), enquanto os signos estão marcados por seu nome e seu símbolo.

Ou seja, os domicílios de Mercúrio são Gêmeos e Virgem, os signos adjacentes a Câncer e Leão. Os domicílios de Vênus são Touro e Libra, os signos seguintes; os de Marte, Áries e Escorpião; os de Júpiter, Peixes e Sagitário; e os de Saturno, Aquário e Capricórnio.

Com um pouco de paciência, é possível fazer a mudança de nível entre os planetas e os signos que eles regem.

Vejamos, por exemplo, Vênus. O tipo de atividade tipicamente relacionada a este planeta pode ser relacionada a algumas qualidades que podem ser agrupadas em dois conjuntos, um relacionado a atividades públicas, externas, no mundo, “diurnas” (Libra é seu domicílio diurno) e outro relacionado a qualidades internas, privadas, íntimas, “noturnas” (Touro é seu domicílio noturno). E assim é com todos os planetas e signos, Gêmeos é “Mercúrio diurno” num outro plano.

O significado da dignidade do domicílio é, como está dito acima, que o planeta é exatamente ele mesmo, como deveria ser.

2– Exaltação

A outra dignidade forte é chamada de exaltação.

Todo planeta tem apenas um signo no qual está exaltado; assim, há cinco signos que não são a exaltação de planeta nenhum.

A impressão que os textos antigos passam é que a exaltação era algo análogo ao domicílio em alguma outra tradição astrológica que foi absorvido.

Vários textos antigos dizem que ela é menos forte que o domicílio, mas isso é enfatizado de forma exagerada. Realmente, o domicílio pode, via de rega, ser considerado como mais forte, mas a diferença é sempre pequena; eles se distinguem, na verdade, pelo tipo de dignidade.

Enquanto o domicílio torna o planeta nobre como se fosse um rei no próprio castelo, a exaltação pode ser comparada a um hóspede de honra. Ela é forte, o planeta está num signo que lhe permite exercer bem suas qualidades, mas ele parece mais nobre, mais forte, mais

perfeito do que, na verdade, é. A significação mais comum da exaltação é o exagero das qualidades. É como no caso do hóspede: nós o tratamos como um ser perfeito, esquecendo que ele também tem seus defeitos.

Vejam as exaltações esquematizadas na figura 8.

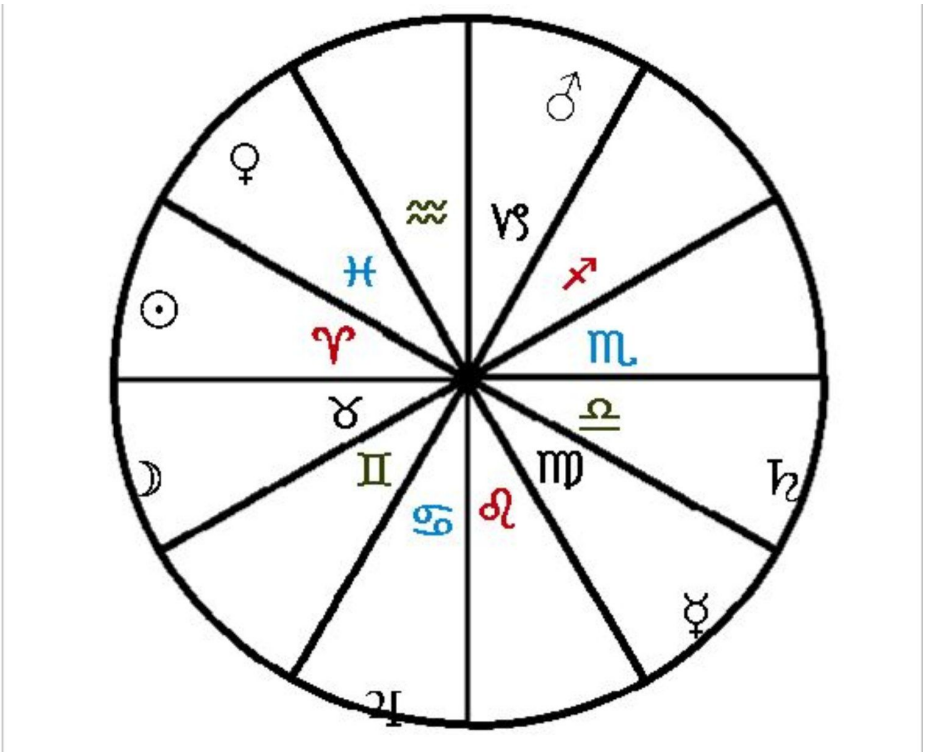

Figura 8 – Os planetas nos signos em que estão exaltados.

Nem sempre é muito clara a relação entre o signo e o planeta exaltado nele, mas ela sempre existe.

O Sol é exaltado no signo de início da primavera, quando o gelo derrete e tudo começa a florir e se movimentar no hemisfério norte. O Sol é benéfico à vida, ele realmente está mais forte, e tudo está mudando por causa dele, mas a reação da natureza à sua presença parece desproporcional à sua força real. Ele não está absurdamente mais forte do que estava um mês antes, mas a natureza se comporta como se ele fosse mágico. O mundo vivo parece cantar “Here Comes the Sun”, dos Beatles, na primavera.

Além disso, Áries é o primeiro signo do ano astrológico, é a novidade do fogo. O Sol é a fagulha divina que inicia o movimento de tudo, e é muito bem-vista aqui.

No signo oposto do Zodíaco, Libra, o signo da diplomacia e da balança, do equilíbrio, a organização, a temperança, o chão firme, a estabilidade são coisas extremamente bem-vindas.

Mais que isso, embora os dias sejam exatamente iguais às noites, embora o frio não seja tão rigoroso, tudo funciona em função do gelo, da noite, da “morte da natureza” no hemisfério norte. A partir daqui, a noite só aumenta, o dia só diminui, a natureza se esconde. Saturno parece dominar de forma desproporcional ao seu poder real.

Mercúrio é exaltado no próprio domicílio noturno, Virgem. A ideia é que, aqui, Mercúrio é o super-Mercúrio, porque Virgem é o signo do cálculo, da divisão, da repetição, das coisas calculadas e refeitas à perfeição, das engrenagens milimetricamente ajustadas. O planeta das trocas e do agir pequeno é muito bem- vindo aqui, o que não acontece no seu signo oposto.

Em Peixes, a bela Vênus é exaltada. No signo das águas de março fechando o verão (“é promessa de vida no meu coração”) no hemisfério sul, no signo em que a natureza se movimenta de amor e agitação pela explosão de vida da primavera, o planeta da união e da inspiração está exaltada: aqui ela não é só o amor, mas a musa inspiradora, o amor que vem do alto.

Como falei no capítulo anterior, há algumas oposições interessantes entre os significados dos planetas. As exaltações ressaltam algumas delas.

O Senhor da Vida (Sol) e o Senhor da Morte (Saturno) são uma oposição óbvia e que se repete no domicílio e na exaltação.

Vênus e Mercúrio repetem o que todos sabemos, que o amor e o cálculo não combinam, é como levar a planilha de contas do casal para um jantar romântico, ou estragar uma noite de amor contando quantas espinhas o/a amado/a tem e dividindo pela quantidade de unhas encravadas.

Marte e Júpiter representam tipos de ação opostos. Marte em Capricórnio é o herói no signo mais obviamente relacionado com o exército (Capricórnio, signo cardinal da terra, a unidade fria e seca, a organização do movimento, a resistência ativa). É o pôster da lenda nos quartéis e locais de recrutamento, o herói cujas qualidades – resistência, impulso, determinação, coragem, destemor – inspiram.

Júpiter em Câncer são as bênçãos do alto no seio da família, é o Papai Noel visitando as crianças na manhã de natal. Júpiter é abundância, magnanimidade, excesso: no signo íntimo, dos desejos infantis. Essas qualidades são bastante apreciadas.

Touro, o signo do conforto e da fruição, do repouso, é um lugar entusiasmadamente acolhedor para o planeta que significa a mãe, a maternidade, e também a fome, os desejos básicos.

3– Triplicidade

A dignidade seguinte em importância é a triplicidade.

Não há uma escala suave e regular entre os tipos de dignidade. A triplicidade é uma dignidade muito mais fraca que domicílio e exaltação.

Os signos, como vimos no capítulo sobre eles, formam trios que partilham o mesmo elemento.

Cada um desses signos é chamado de triplicidade.

Então, a triplicidade do fogo é composta pelos signos de Áries, Leão e Sagitário.

A triplicidade do ar são os signos de Gêmeos, Libra e Aquário.

A triplicidade da água são Câncer, Escorpião e Peixes.

A triplicidade da terra são os signos de Touro, Virgem e Capricórnio.

Há duas tabelas de regentes da triplicidade, uma com dois regentes (um diurno e outro noturno), outra com três regentes (um diurno, um noturno e outro participante).

Alguns autores sustentam que o sistema de três regentes é mais antigo que o regente de duas triplicidades (que seria uma degeneração), o que parece não se sustentar. Ptolomeu e Paulo de Alexandria já mencionavam o sistema de dois regentes; o que pode ter acontecido é que ambos os sistemas conviviam, cada um sendo usado num tipo diferente de aplicações, como muitos autores ainda hoje fazem.

Na minha experiência, o sistema de dois regentes funciona bem e parece mais conforme aos princípios básicos da arte; de qualquer forma, ele parece ter sido mais usado durante a maior parte da astrologia ocidental, então ele vai ser o que vou explicar com mais detalhes. No fim do capítulo, apresento a tabela com o outro sistema. O sistema de dois regentes está esquematizado na figura 9.

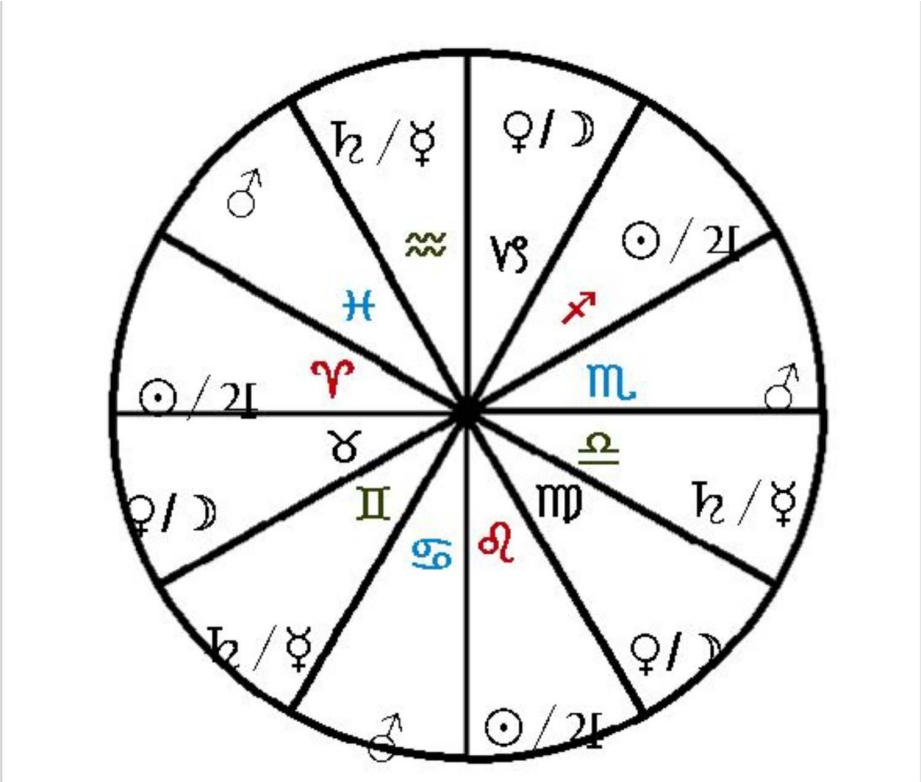

Figura 9 – As triplicidades – divididas de acordo com os elementos dos signos – e os planetas que as regem. O regente diurno vem sempre primeiro na ordem da leitura; Marte rege os signos de água de dia e de noite.

A triplicidade do **fogo** é regida pelo *Sol* de dia e por *Júpiter* de noite.

A triplicidade do **ar** é regida por *Saturno* de dia e por *Mercúrio* de noite.

A triplicidade da **terra** é regida por *Vênus* de dia e pela *Lua* de noite.

A triplicidade da **água** é regida por *Marte* de dia e de noite.

Uma relação entre as faculdades da alma que os planetas simbolizam e como cada elemento se manifesta pode tornar essa tabela menos estranha ao leitor.

O fogo é ação, atividade. A ação vem da vontade (Sol); Júpiter (o intelecto passivo, o entendimento sem esforço das coisas) é o que a alimenta.

O ar é o pensamento, que surge do interesse em inteligir (Saturno, o intelecto agente) e é alimentado pela estimativa, pela capacidade de cálculo, de classificação (Mercúrio)

A terra é a manutenção do mundo físico, é a materialidade, a permanência. Ela, propriamente, não age, mas suporta, mantém – coisa que só fazemos quando gostamos (Vênus, o apetite concupiscível) e só gostamos do que absorvemos, do que temos, ao menos em alguma medida, na alma (a Lua é o sentido comum, a "fantasia" no sentido grego, a capacidade da alma que absorve os dados brutos do exterior e os organiza na memória e para a imaginação e as outras faculdades).

A água simboliza os desejos, que seguimos usando o apetite irascível, Marte.

Essa relação sublinha outra: a cólera (fogo) e a fleuma (água) são dois modos opostos de impulsionar a ação, enquanto o ar e a terra são dois modos opostos de reagir ao mundo externo.

Eu usava um esquema para me ajudar a memorizar a tabela, quando comecei a estudar as dignidades. Ele não é explicativo, é apenas um arranjo para facilitar a lembrança das relações, mas pode ser útil ao leitor:

Triplicidades ativas (quentes)

Regente diurno do fogo: planeta que tem duas dignidades maiores no elemento, o Sol (domicílio em Leão, exaltação em Áries).

Regente diurno do ar: planeta que tem duas dignidades maiores no elemento, Saturno (domicílio em Aquário, exaltação em Libra).

O regente noturno do fogo é o regente do domicílio do signo restante (Sagitário), Júpiter; o regente noturno do ar é o regente do domicílio do signo restante (Gêmeos), Mercúrio.

Triplicidades passivas (frias):

Não há nenhum planeta com duas dignidades maiores na terra, então usamos o regente do primeiro signo como regente diurno, Vênus. Os regentes de domicílio dos outros signos (Mercúrio, Virgem, e Saturno, Capricórnio) já foram usados, então como regente noturno vou usar o planeta com exaltação no primeiro signo, a Lua.

Sobrou Marte e a triplicidade da água.

Esse esquema tem outra vantagem: por ser trabalhoso, nos lembra que é preciso decorar os regentes.

A significação da dignidade de triplicidade é bastante bem entendida quando pensamos que o planeta está no próprio elemento. Ele está à vontade, bem, mas sem poder para fazer muita coisa.

As dignidades são cumulativas, porque não são simplesmente a mesma coisa com variações de intensidade, mas são coisas diferentes.

4– Termo

As duas dignidades seguintes são extremamente mais fracas que a triplicidade, que já consideravelmente mais fraca que domicílio e exaltação. Eles são importantes em algumas técnicas, então é necessário que saibamos que existem.

Os signos são divididos em pedaços chamados de termos, ou limites (em inglês, *terms* ou *bounds*). Cada um dos termos recebe um dos cinco planetas (Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter, Saturno); os luminares nunca têm dignidade por termo.

A origem da ordem dos termos não é bem estabelecida, e há várias versões diferentes: Ptolomeu nos dá três, e Lilly, apesar de dizer seguir a Ptolomeu, apresenta uma tabela ligeiramente diferente.

Apresento a tabela com os termos segundo Lilly (e as outras dignidades, incluindo a seguinte) no fim do capítulo.

5– Face

Face é uma dignidade ainda mais fraca que termo, embora ambas sejam tão fracas que a diferença não seja muito importante.

Dividimos cada um dos signos em três pedaços iguais de dez graus cada um (chamados de faces ou decanatos). Cada face recebe um planeta como seu regente, na seguinte ordem: A primeira face (os dez primeiros graus de Áries) recebe Marte (que é o regente de Áries por domicílio) e os outros planetas se sucedem na chamada ordem caldaica (Saturno-Júpiter-Marte-Sol-Vênus-Mercúrio-Lua). Ou seja, a segunda face é regida pelo Sol, a terceira por Vênus, a quarta – a primeira face de Touro – por Mercúrio, a quinta pela Lua, a sexta por Saturno, a sétima – a primeira face de Gêmeos – por Júpiter, a oitava novamente por Marte, e por aí vai.

Debilidades

Da mesma forma que quando um planeta está num signo (ou pedaço de signo) em que tem regência de alguma das dignidades acima, ele está com dignidade essencial, existem alguns signos nos quais dizemos que ele está debilitado. Há duas debilidades diferentes.

1– Detrimento

O planeta está no próprio detrimento (também chamado de exílio por alguns autores) quando está no signo oposto ao do seu domicílio.

Ou seja, o Sol está em detrimento em Aquário; a Lua em Capricórnio; Mercúrio em Sagitário e Peixes; Vênus em Áries e Escorpião; Marte em Touro e Libra; Júpiter em Gêmeos e Virgem; Saturno em Câncer e Leão.

A significação é exatamente a inversa do domicílio. No próprio detrimento, o planeta está num signo totalmente incompatível com suas qualidades mais nobres.

Podemos pensar, por exemplo, em Marte, o guerreiro, completamente deslocado no repouso e na fruição de Touro, ou na conversa alegre e diplomática de Libra. Ou Saturno, o Senhor do Frio e da Morte, o ancião do céu, na intimidade familiar de Câncer ou no reino do orgulho, na casa do Rei.

Marte significa ação, não repouso nem ponderação. Saturno são limites, que são lavados pela água cardinal de Câncer e ignorados pelo fogo que se alastra em Leão.

O Sol, por sua vez, não pode reger nem fazer com que sua vontade seja obedecida no signo da orquestração; a Lua se ressente da frieza e impessoalidade de Capricórnio.

Júpiter, o planeta das coisas grandiosas, não consegue agir como quer no perene recomeço e nas conversas descompromissadas de Gêmeos, nem na classificação incessante e no cálculo de Mercúrio.

Vênus, por outro lado, se assusta com a rapidez de Áries e com a intensidade de Escorpião; Mercúrio se perde nas intuições irrefletidas de Peixes e na devoção de Sagitário.

2– Queda

Assim como o detrimento é o posto do domicílio, a queda é o contrário da exaltação.

Assim como a exaltação significa nobreza, ou força, exageradas, na queda as coisas estão ruins, mas um pouco menos do que parecem.

O Sol está em queda em Libra, a Lua em Escorpião, Mercúrio em Peixes, Vênus em Virgem, Marte em Câncer, Júpiter em Capricórnio, Saturno em Áries.

É fácil ver que o signo oposto ao da exaltação é ruim para os planetas. Se a Lua está bem no repouso e na fruição, não pode estar bem na tensão constante de Escorpião. Mercúrio está excepcionalmente forte (domicílio e exaltação em Virgem), então está excepcionalmente perdido (detrimento e queda) em Peixes, e por aí vai.

Há alguns casos em que o planeta está em alguma dignidade, mas em uma debilidade. Os mais evidentes são Vênus em Virgem de dia

(dignidade de triplicidade, debilidade de queda) e Marte em Câncer (dignidade de triplicidade, debilidade de queda), mas alguns planetas têm faces ou termos no próprio detrimento e/ou queda.

A ideia é que ele está mal, com alguns pontos de qualidade. Não ignoramos as dignidades, mas elas não anulam as debilidades.

Peregrino

Quando o planeta não está em nenhuma dignidade ou debilidade, ele está peregrino. Este estado não é exatamente bom. Um planeta peregrino não está nem corrompido, nem de acordo com a sua própria natureza em nenhum grau. Isso quer dizer que ele pode agir de forma íntegra ou degradada, mas, pela natureza das coisas, agir de forma ruim é mais fácil.

Estar peregrino é estar sem raízes, sem ligação com o lugar em que está. Alguns autores, antigos e modernos, defendem que o planeta está peregrino quando não está em nenhuma de suas dignidades, independente da debilidade – ou seja, o planeta em queda poderia estar peregrino e em queda.

Isso não faz sentido algum; se fosse desta forma, peregrino seria um termo inútil, porque não nos diria nada de novo – e ainda borraria a diferença de estado que há entre não ter dignidade nenhuma e estar em debilidade.

Para fazer uma analogia simples, uma pessoa na prisão não está peregrina; ela não está, de forma alguma, sem raízes.

Tabela de dignidades e debilidades

Esta tabela utiliza os termos segundo William Lilly.

Os números apresentados são graus ordinais (ou seja, “1” é o primeiro grau, que vai de 0º00’00” até 0º59’59”, não o grau 01º00').

Os números junto aos planetas na coluna de exaltação são o grau de exaltação do planeta, ou seja, o grau, dentro do signo de exaltação, no qual se considera que o planeta esteja mais exaltado que no resto do signo.

Ou seja, na linha de Touro, na coluna da exaltação, temos o símbolo da Lua e “03”. Isso quer dizer que a Lua é exaltada em todo o signo

de Touro e que seu grau de exaltação é o 3º (de 02º00'00” a 02º59'59”) grau do signo.

Na mesma linha, temos “Vênus 08” no primeiro segmento dos termos. Isso quer dizer que, em Touro, o primeiro termo é regido por Vênus e ele vai até o oitavo grau do signo (de 07º00'00” até 07º59'59”).

Omiti o fim das faces (ou decanatos), porque as divisões são sempre as mesmas: as três faces de cada signo contêm 10 graus; ou seja, a primeira face vai do primeiro ao décimo grau, a segunda do décimo-primeiro ao vigésimo e a terceira, do vigésimo-primeiro ao trigésimo.

Algumas tabelas apresentam, na coluna de exaltação, os chamados Nodos. Eles não estão aqui porque não faz sentido algum eles terem dignidade, como vai ficar claro quando virmos o que eles são.

Signos	Dom	Exalt.	Tripl.		Termos					Faces			Detr.	Queda
			D	N										
♈	♂	☉ 19	☉	♃	♃ 06	♀ 14	☿ 21	♂ 26	½ 30	♂	☉	♀	♀	½
♉	♀	☽ 03	♀	☽	♀ 08	☿ 15	♃ 22	½ 26	♂ 30	☿	☽	½	♂	
♊	☿		½	☿	☿ 07	♃ 14	♀ 21	½ 25	♂ 30	♃	♂	☉	♃	
♋	☽	♃ 15	♂	♂	♂ 06	♃ 13	☿ 20	♀ 27	½ 30	♀	☿	☽	½	♂
♌	☉		☉	♃	½ 06	☿ 13	♀ 19	♃ 25	♂ 30	½	♃	♂	½	
♍	☿	☿ 15	♀	☽	☿ 07	♀ 13	♃ 18	½ 24	♂ 30	☉	♀	☿	♃	♀
♎	♀	½ 21	½	☿	½ 06	♀ 11	♃ 18	☿ 24	♂ 30	☽	½	♃	♂	☉
♏	♂		♂	♂	♂ 06	♃ 14	♀ 21	☿ 27	½ 30	♂	☉	♀	♀	☽
♐	♃		☉	♃	♃ 08	♀ 14	☿ 19	½ 25	♂ 30	☿	☽	½	☿	
♑	½	♂ 28	♀	☽	♀ 06	☿ 12	♃ 19	♂ 25	½ 30	♃	♂	☉	☽	♃
♒	½		½	☿	½ 06	☿ 12	♀ 20	♃ 25	♂ 30	♀	☿	☽	☉	
♓	♃	♀ 27	♂	♂	♀ 08	♃ 14	☿ 20	♂ 26	½ 30	½	♃	♂	☿	☿

Tabela um: dignidades e debilidades conforme o signo ou parte do signo.

Sistema de três regentes

Explicando rapidamente, neste sistema o planeta sempre tem alguma dignidade. De dia, o mais forte é o regente diurno, depois o noturno, depois o participante. De noite, o mais forte é o noturno, depois o diurno, depois o participante.

Como se esperaria, há algumas semelhanças entre os dois sistemas.

	Diurno	Noturno	Participante
Fogo	Sol	Júpiter	Saturno
Ar	Saturno	Mercúrio	Júpiter
Água	Vênus	Marte	Lua
Terra	Vênus	Lua	Marte

Muitos astrólogos usam os dois, dependendo da aplicação.

Tabela dois: sistema de três regentes das triplicidades.

Capítulo 16: Aspectos, parte II – Os planetas se movem

Vamos falar de ação.

Os sete astros que consideramos como agentes no nosso modelo celeste se movem, cada um num passo diferente. À medida que se movem, eles se observam, se encontram e se opõem; essas interações simbolizam os eventos – ou, pelo menos, as oportunidades de evento – terrestres.

Esse capítulo vai repetir um pouco o que expliquei sobre os planetas, mas é necessário.

O Senhor dos Planetas

O Sol se move sempre mais ou menos na mesma velocidade e sempre, é claro, sobre a Eclíptica, no meio do Zodíaco. Seu movimento é sempre na ordem comum dos signos.

A velocidade do Sol é em torno de 59' de grau por dia.

A Senhora do Céu

A Lua se move bem mais rápido que o Sol. Sua velocidade média é de 13º11' por dia, mas pode chegar a menos de 11º, ou avançar a mais de 15º, por dia.

Mesmo com essa variação, ela sempre está muito mais rápida que qualquer outro corpo.

A Lua e sua Dança – os Nodos Lunares

Outro movimento que a Lua apresenta é a variação de latitude celeste. Ela não se movimenta sobre a Eclíptica, mas vai até o extremo norte da faixa do Zodíaco, retorna, cruza o círculo do Sol, avança até o extremo sul, retorna, cruza a Eclíptica de novo, volta a se afastar para o norte, etc.

Esse movimento forma dois pontos opostos – o ponto de cruzamento entre as trajetórias da Lua e do Sol. Estes dois pontos são o que chamamos de Nodos Lunares.

O ponto no qual a Lua cruza a Eclíptica indo em direção ao norte é o Nodo Norte (chamado também de Cabeça do Dragão). O ponto oposto, quando ela vai em direção ao Sul, é o Nodo Sul (a Cauda do Dragão).

Estes pontos são importantes, em primeiro lugar, porque é na proximidade deles que ocorrem os eclipses.

Se o Sol e a Lua se encontrarem longe dos Nodos, a Lua estará com latitude alta o suficiente para não se interpor ao centro do Sol. Assim, vamos ter uma Lua nova, quando a luminosidade do astro-rei a ofusca.

Da mesma forma, se eles se opuserem longe dos Nodos, o Sol ilumina completamente a Lua e temos uma Lua cheia.

Quando isso acontece perto dos Nodos, a Lua está alinhada com o Sol. Quando estão juntos, ela bloqueia sua luz, e temos o eclipse solar; quando estão opostos, a Terra bloqueia a luz, e temos o eclipse lunar.

O significado desses pontos, em resumo: o Nodo Norte está ligado à expansão, aumento, liberação, elevação, e o Sul à contração, diminuição, restrição, rebaixamento.

Perto do Sol – Mercúrio e Vênus

Há mais dois planetas com o movimento muito obviamente atrelado ao do Sol.

A velocidade média de Mercúrio é a mesma do astro-rei, 59' por dia, mas ele raramente anda neste passo.

Mercúrio se afasta do Sol, no máximo, a pouco menos de um signo. Quando chega a este ponto, ele está parado, a velocidade zero. Ele muda de direção, começa a se aproximar do Sol a velocidade crescente. Quando se encontra com o Sol, sua velocidade é máxima, podendo chegar a dois graus por dia. Ele desacelera a partir daí, a princípio muito pouco, mas quando chega a distâncias próximas de um signo, desacelera, pára, e reinicia o movimento no sentido contrário.

Estar parado é o que chamamos de estar **estacionário**. Quando o movimento aparente do planeta é na direção contrária dos signos, dizemos que ele está **retrógrado**.

Assim, a velocidade máxima de Mercúrio é de 2º por dia, mas pode ser positiva ou negativa. Quando ele está andando a menos de 20' por dia é considerado lento, acima de 01º30' minutos, rápido.

O movimento de Vênus é bastante parecido. Só que ela se afasta mais do Sol, e nunca chega a mais de 01º30' por dia. É considerada lenta quando anda a menos de 15' por dia, e rápida quando está a mais de 01º10'.

Lentos e Superiores – Marte, Júpiter e Saturno

Os três planetas têm uma maior independência do Sol. Eles mudam de direção por causa do Sol, mas podem estar a qualquer distância dele no zodíaco.

Marte anda com velocidade média de pouco mais de meio grau (31') por dia. É considerado lento quando está abaixo de 10', e rápido quando se desloca a mais de 40' diários. Ele também pára e muda seu sentido (ou seja, ele também fica estacionário e retrógrado).

Júpiter anda a uma velocidade média de 05' minutos, é considerado lento a menos de 03' e rápido a mais de 12', em qualquer sentido do movimento.

Saturno, o mais lento dos sete, anda normalmente a 02' por dia. Qualquer coisa abaixo disso, em qualquer sentido, o deixa lento; acima de 06' por dia, ele está rápido.

Essas classificações de planetas rápidos e lentos são apenas generalizações didáticas. Não há um consenso com precisão absoluta sobre esses limites, e não há necessidade disso, porque a intenção é sempre comparar os planetas uns com os outros e comparar as velocidades de um mesmo planeta em momentos diferentes.

A velocidade real (em vez da média) dos planetas deve sempre ser conhecida, porque ela nos diz se um planeta, quando parece estar saindo de um signo, vai sair realmente ou está prestes a ficar estacionário, retrogradar e voltar pelo mesmo caminho que veio.

Também precisamos saber a velocidade real deles para saber se os encontros entre os planetas vão acontecer ou não.

Vamos falar sobre esses encontros agora.

Conjunções

Vimos no capítulo 12 que há relações entre os signos que chamamos de aspectos.

Não pode haver aspecto, é claro, entre um signo e ele mesmo. No entanto, dois planetas estarem no mesmo é algo importante, pelo mesmo motivo que estarem em signos que façam aspectos é importante – estão nas mesmas condições.

Em tese, dois planetas que estejam no mesmo signo, em qualquer grau, estão em **conjunção** (chamada também de cópula ou sínodo).

Na prática, quando mais próxima for a conjunção, mais relevante ela é. Isso vale para os aspectos entre planetas, também.

Também há uma grande diferença entre uma conjunção que vai acontecer no futuro (quando o movimento dos planetas nos diz que eles vão se encontrar no mesmo grau, minuto e segundo de grau), e uma que já aconteceu (quando o movimento dos planetas nos diz que eles já se encontraram e estão se separando).

O primeiro caso é chamado de **conjunção aplicativa**. O segundo, **conjunção separativa**. Se o primeiro caso significa eventos – ou oportunidades – futuros, e o segundo significa eventos passados, é claro que o evento é significado pelos dois planetas exatamente no mesmo ponto do zodíaco. Este momento é chamado de **conjunção perfeita**[4].

Quando estamos falando de influência de um planeta sobre o outro, basta estarem no mesmo signo, embora, a partir de uma dada distância, o efeito seja desprezível. Se estivermos pensando num evento, pelo contrário, ele só acontece se a conjunção, em algum momento, ficar perfeita.

Se um dos planetas ficar retrógrado e voltar antes de levar a conjunção à perfeição, ou se um dos planetas mudar de signo antes

que a conjunção ocorra, ela não aconteceu. O evento simbolizado não ocorre.

Isto é importante, porque vale também para os aspectos.

Conjunção só ocorre no mesmo signo. Se um dos planetas mudar de signo, ela não acontece. Se o outro mudar de signo também e encontrar com o primeiro, vai acontecer outra conjunção, no futuro, entre os dois planetas, mas essa conjunção, no primeiro signo, não aconteceu. Se, dependendo do contexto, da área astrológica, do que estamos analisando, vamos considerar essa segunda conjunção ou ignorá-la, é outra história; mas a primeira não aconteceu.

O que a conjunção significa?

Literalmente, estar junto.

Isso é bom ou mau?

Depende do contexto. Não há como saber em abstrato. Encontrar minha amada e encontrar o meu assassino são eventos bastante diferentes em termos do quanto eu vou gostar e do que vai acontecer comigo, mas ambos são conjunções.

Combustão e Cazimi

Há duas conjunções especiais, que na maior parte dos casos têm uma significação mais bem definida.

Estar conjunto ao Sol normalmente é bem ruim para o outro planeta. A menos de 8 graus e meio do Sol, dizemos que o planeta está **combusto** (que quer dizer o que parece: esturricado, queimado).

Pela natureza do Sol, a combustão carrega o sentido de destruição, anulação, ocultação e cegueira.

Quando um planeta está combusto e com muita dignidade essencial (no próprio domicílio ou exaltação), a combustão não tem essa conotação ruim, se assemelhando a uma conjunção comum, mas o sentido de cegueira – a depender do contexto – permanece.

Há uma pequena faixa de alívio neste deserto solar. Quando um planeta está a menos de 17 minutos e meio do Sol, ele está **cazimi** ou **no coração do Sol**. De novo, ele significa o que parece. A ideia aqui é que o planeta está nas graças do rei, e fica protegido de

qualquer efeito ruim da proximidade com ele. Ele não se torna o rei, é lógico, mas abaixo dele, ele pode fazer o que quiser.

Eu acho que os capítulos sobre o céu e sobre os planetas deixaram claro a posição de primazia do Sol com relação aos outros planetas. Isso é bastante fácil de ver aqui. Quando mais próximo do Sol (sem estar cazimi, lógico), pior para o planeta; mesmo quando está fora da faixa de combustão, ele ainda é considerado como estando **Sob os raios do Sol** até que se afaste dele mais de 17 graus.

Isso vale para quando ambos estão no mesmo signo. Estar à distância do Sol equivalente à combustão, mas em signos diferentes, é estar sob os raios do Sol. O planeta pode estar sob os raios do Sol e em signo diferente, mas o efeito é bem mais fraco.

Essas distâncias não são gratuitas. O disco solar tem um diâmetro aparente médio de 35 minutos de grau no céu; seu raio, então, é de 17 minutos e meio.

Aspectos – estamos só olhando

Dois planetas que estejam em signos que fazem aspecto estão, em tese, em aspecto. Quando algum autor antigo menciona que dois planetas se observam (o termo em inglês é “beholding”), é disso que está falando.

No entanto, embora isso possa ser relevante em alguns casos, queremos saber de eventos, ou influência próxima. Aqui, vale exatamente o que falei para as conjunções.

Aspectos que vão acontecer no futuro são **aplicativos**. Aspectos que já aconteceram são **separativos**. Aspectos são **perfeitos** ou **exatos** quando acontecem. Se alguma coisa impedir o aspecto de chegar à perfeição, ele não aconteceu.

Eles são bons ou maus?

De novo, a pergunta não faz sentido (com uma exceção, vamos ver abaixo).

O que vai nos dizer se um aspecto é bom ou mau é o contexto. Eles podem ser classificados entre fracos e fortes, e entre fáceis e difíceis. O raciocínio por trás disso está no capítulo 12.

O sextil é fraco e fácil. É o mais fraco dos aspectos.

A quadradura é medianamente forte e difícil. Os eventos significados por ela não têm, a princípio, nada de ruim, mas – dependendo do contexto e do nível – podem ter alguma dificuldade ou atraso envolvidos.

O trígono é forte e fácil. Os planetas estão no mesmo elemento, a conexão é quase tão fácil quanto uma conjunção. Mas uma conexão fácil com o sujeito que vai roubar minha carteira não me deixa feliz, nem tem um desfecho positivo.

E a exceção?

A oposição. Ela é forte e extremamente difícil. Os eventos significados por ela, portanto, não acontecem, ou acontecem de forma desfavorável, ou ainda acontecem e algo ruim acontece em seguida.

Desta forma, a menos que o contexto dê um bom motivo para ignorar uma dificuldade tão grande, este aspecto é difícil e ruim.

Aspectos "novos"

Como dito no capítulo 12, os signos não têm afinidade com os signos adjacente a eles e os adjacentes aos signos opostos a eles. Assim, aspectos entre planetas que estejam em signos adjacentes (ou entre um signo e um signo adjacente ao postos) não existem porque os signos não estão em aspecto.

Da mesma forma, um ângulo que una dois planetas que estejam em signos que fazem sextil não é um aspecto porque o único que eles podem fazer é o sextil.

Ou seja, os "aspectos Keplerianos" são divisões interessantes do Zodíaco, mas não são aspectos.

Latitude. Conta?

Não mencionei a latitude (distância entre os planetas medida perpendicularmente à Eclíptica, em vez de medida ao longo da Eclíptica), exceto quando falei dos nodos.

Isso é porque ela não é importante neste contexto.

Como eu disse no começo do livro, o simbolismo da Eclíptica é claro. É o Sol, símbolo do Criador, atualizando ou lembrando as possibilidades da criação, ao longo dos signos. A posição com relação ao passo do Sol é extremamente importante, independente da latitude; estrelas bastante longe da Eclíptica (mais de vinte graus fora do Zodíaco, por exemplo) são importantes, para se ter uma ideia. Não há motivos para desprezar aspectos entre planetas, que nunca se afastam mais de 10 graus da eclíptica, por causa da latitude.

Isso vale para a posição Cazimi, também, embora alguns autores importantes discordem. Estar no mesmo hemisfério celeste que o Sol é o bastante para deixar o planeta invisível; não são alguns graus de distância da Eclíptica que fariam alguma diferença; o importante é estar naquele grau da trajetória do Sol exatamente junto com ele, a comunhão exata com relação às possibilidades do Cosmos.

O que posso apresentar como justificativa, além do que disse acima, é que, na minha experiência, Cazimi funciona independentemente da latitude.

A única exceção mencionada neste capítulo são os eclipses, e é fácil ver porquê. A Lua e o Sol têm discos visíveis no céu (o disco máximo normal da Lua é do mesmo tamanho que o do Sol, 35'); se eles não estiverem próximos em latitude, um não se interpõe ao outro e o eclipse não ocorre. Não faz nenhuma diferença para o Sol se Mercúrio está conjunto a ele a menos de 17', ou a mais de 6 graus, de latitude, então sua disposição com relação a ele não muda; mas a latitude da Lua na conjunção com ele faz diferença na imagem que ele apresenta no céu.

Capítulo 17: Antiscion

Preciso explicar um outro tipo de interação entre os planetas, que causa incredulidade e desconfiança entre alunos, mas não é tão difícil de entender e é bastante importante.

Vamos lembrar do caminho do Sol (o meu ponto de vista aqui é de alguém no hemisfério norte, para simplificar o texto). Quando ele chega em 00º00'01” de Câncer, o dia é o maior possível. A partir daí, ele se desloca, aumentando as noites e diminuindo os dias, até chegar em 00º de Capricórnio, quando o dia é mínimo e a noite é máxima.

Aí, o Sol volta a aumentar os dias e diminuir as noites, até voltar a 0º de Câncer.

Quando o Sol está a um grau de distância do início de Câncer, indo para Capricórnio, o dia tem a mesma duração de quando ele estava a um grau de distância de Câncer, mas se aproximando.

Isso acontece em qualquer ponto da Eclíptica. Dois pontos notáveis são 0º de Áries e 0º de Libra. Quando o Sol está num deles, o dia e a noite têm a mesma duração (que é, claro, a mesma duração do dia e da noite quando o Sol está no outro ponto).

Então: se cortarmos a Eclíptica com um eixo entre o ponto 0º de Câncer e o ponto 0º de Capricórnio, pontos com distâncias iguais ao eixo vão ter dias e noites com durações iguais.

É como se o Sol subisse para Câncer por uma escada e descesse de Câncer a Capricórnio por outra escada, e os degraus das escadas fossem equivalentes.

Agora vem a parte que normalmente confunde quem estuda o assunto pela primeira vez: estes pontos equivalentes parecem estar ligados, como se um fosse uma posição alternativa do outro.

Tecnicamente, um grau está no **antiscion** do outro.

Vamos observar a figura 10 para esclarecer isso.

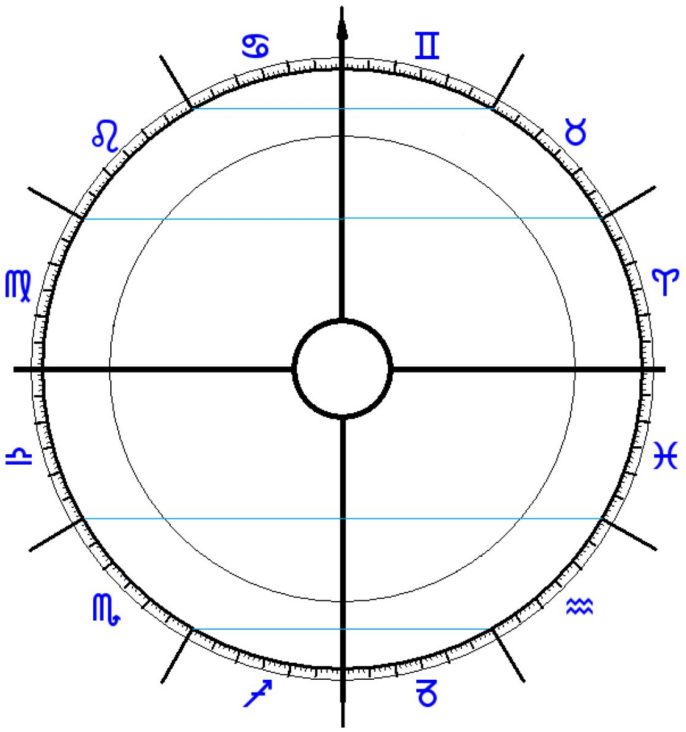

Figura 10 – Os signos, arranjados com relação ao eixo 0º de Câncer/0º de Capricórnio. As linhas horizontais unem os limites dos signos equivalentes, ou seja, que estão em antiscion. Desta forma, 00º00'01" de Câncer está em antiscion com 29º59'59" de Gêmeos; 00º00'01" de Leão está em antiscion com 29º59'59" de Touro, etc. Os signos que estão entre as linhas são os signos em antiscion: Câncer/Gêmeos; Leão/Touro, Virgem/Áries; Libra/Peixes; Escorpião/Aquário; Sagitário/Capricórnio. Para estar em antiscion, os graus têm que estar em signos que estejam em antiscion.

Vamos imaginar que o Sol esteja em 10º de Touro. O dia e a noite vão voltar a ter a mesma duração quando ele estiver em 20º de Leão.

Então, 10º de Leão e 20º de Touro estão em antiscion. Se um planeta estiver em 10º de Leão, seu antiscion vai estar em 20º de Touro, e assim para todos os graus do Zodíaco.

A dignidade essencial dos planetas não muda, é claro, mas sua interação com os outros planetas (e com as cúspides das casas), sim.

As posições mais importantes, quando falamos de antiscion (o plural da palavra é *antiscia*) são conjunção (um planeta no antiscion do outro. Isso é recíproco, é claro. Um planeta em 10º de Leão e um em 20º de Touro estão em conjunção por antiscion, ou um está no antiscion do outro. Não há diferença) e oposição (um planeta em 10º de Leão e o outro em 20º de Escorpião estão em oposição por antiscion, porque 20º de Escorpião está oposto a 20º de Touro, antiscion de 10º de Leão, e – o que dá no mesmo, 10º de Leão está oposto a 10º de Aquário, antiscion de 20º de Escorpião. Novamente, não faz diferença).

Muitos autores chamam a conjunção por antiscion simplesmente de antiscion e a oposição por antiscion de **contrantiscion**. Eu não sigo esta nomenclatura por dois motivos. Primeiro, é um aumento desnecessário de termos; depois, não há motivo para excluir completamente os outros aspectos. Com certeza são menos importantes e menos fortes, mas a princípio, ao menos, devem ter alguma relevância – embora eu não me lembre de ter percebido nenhuma até hoje.

A significação da conjunção e da oposição por antiscion são bastante parecidas com as da conjunção e da oposição, com algumas diferenças sutis.

As mais importantes são:

1) De forma geral, antiscia são mais fracas que seus correspondentes corporais;

2) Se o contexto permitir, eles significam coisas ocultas, ou escondidas;

3) É mais difícil que eventos obviamente ligados ao corpo, como a morte e gravidez, sejam simbolizados por antiscia.

Capítulo 18: As casas e suas significações

Já falei dos agentes astrológicos, os planetas, de como eles interagem uns com os outros, os aspectos, e sobre a natureza do pano de fundo sobre o qual eles atuam, o Zodíaco.

Vou tratar, agora, dos assuntos com relação aos quais eles agem; a origem do papel que cada ator recebe.

Já vimos o que são as casas (chamadas também de *casas mundanas* em oposição às *casas celestes*, os signos) e o princípio que norteia as divisões dos quadrantes. No apêndice, eu explico brevemente como se encontram os ângulos.

A divisão de cada quadrante varia de sistema a sistema. Não vamos entrar no cálculo dessa divisão.

De qualquer forma, os dois sistemas mais comuns, *Placidus* e *Regiomontanus*, apresentam muito pouca diferença na maior parte do território brasileiro.

Vamos ver o que cada casa significa. Grande parte dos assuntos pode ser derivado do simbolismo básico, mas alguns são mais difíceis de perceber, enquanto o raciocínio de outros se perdeu ao longo dos tempos.

Antes de entrar em cada uma delas, preciso explicar algumas generalidades.

As casas, na maior parte das vezes, como vimos no capítulo seis, não têm o mesmo tamanho quando medidas em graus da Eclíptica. Isso não é uma distorção nem um problema; a sua divisão leva em consideração outros referenciais de medida, porque a Eclíptica, do ponto de vista do observador, é torta. Com relação ao movimento celeste geral, o Zodíaco está inclinado, e as casas traduzem, de alguma forma, essa diferença.

Além disso: elas não são equivalentes; algumas são mais concretas que outras.

Ângulos ou Casas cardinais

Os ângulos, ou casas cardinais, são os pontos mais fortes. São as casas mais óbvias, determinam os quadrantes; fixam, por assim dizer, o céu à terra conforme o observador.

Assim, eles significam, de uma forma geral, duas coisas aparentemente contraditórias.

Por um lado, elas são as casas mais fixas. São as mais estáveis; então, significam permanência.

Por outro lado, são as mais reais, e as mais evidentes. Então, significam mais oportunidade de agir. Se algo tem oportunidade de agir, e quer agir, age mais rápido – assim, elas significam velocidade.

Isso tem algumas aplicações interessantes (em astrologia horária, por exemplo na determinação de quando as coisas acontecem), mas a confusão é só aparente. O que acontece é que oportunidade de agir é algo importante para agentes conscientes. Uma pessoa, quando quer algo e pode fazer esse algo, o fará, normalmente, mais rápido; mas coisas (o clima, uma carta, uma doença) não querem nem deixam de querer nada, então não aproveitam a oportunidade para agir mais rápido.

Casas cadentes e sucedentes

Nós contamos as casas na ordem anti-horária, da mesma forma que os signos; mas o movimento aparente primário do céu é horário.

Assim, chamamos “cadentes” as casas para as quais as coisas vão, quando saem dos ângulos, segundo o movimento primário, porque parecem estar caindo deles. Ou seja, a casa cadente adjacente à casa um é a XII, não a II.

As casas que sobraram, as que não são nem cardinais nem cadentes, são as sucedentes. São as casas que, na ordem dos signos, sucedem aos ângulos. Para ficar no mesmo exemplo, a casa II é sucedente porque, no sentido anti-horário, ela sucede a I.

Essa é uma vantagem visual do mapa quadrado; ele enfatiza essa centralidade dos ângulos, que são as ligações estruturais entre o céu e a terra naquele momento. As outras casas “caem” por um lado ou seguem a ordem normal por outro.

Derivando as casas

Cada uma das casas significa alguns assuntos. Uns são delas por elas serem o que são; outros são assuntos delas por sua relação com as outras casas.

Explico. Entre outras coisas, como vamos ver logo abaixo, a casa um pode significar a pessoa. A casa dois significa as posses móveis da pessoa.

A casa quatro significa o pai da pessoa. Não há uma casa cujo significado intrínseco (na terminologia astrológica, *radical*) signifique "dinheiro do pai". Mas, se considerarmos a casa quatro como a casa um do pai, a casa seguinte, a cinco, é a casa dois a partir da quatro. Então, pode significar as posses móveis (os assuntos "de casa dois") de quem for significado pela casa anterior – o dinheiro do pai.

Isso se chama **derivar uma casa**; o significado obtido desta forma é chamado **significado derivado**.

Isso garante que todo assunto da vida possa ser atribuído a uma das doze casas do céu.

Duas notas técnicas, antes de entrarmos nos detalhes dos assuntos.

1) O início da casa, é chamado de **cúspide**. Dizemos que o planeta que rege o signo que está na cúspide de uma casa rege a casa. Ele é a corporificação do assunto.

2) Há um espaço antes da cúspide, normalmente de cinco graus (ele pode ser considerado um pouco maior ou menor dependendo do tamanho da casa), que é considerado como se já pertencesse à casa. É como se fosse o jardim da frente, ou a varanda, da casa. Ainda não estamos dentro da propriedade, mas já não estamos na rua nem na casa do vizinho.

Este espaço tem, necessariamente, que estar no mesmo signo que a cúspide.

Ou seja, se a cúspide estiver a 3º de Touro, essa "folga" anterior só vai até o grau zero, sem entrar em Áries.

As Casas, uma por uma

CASA I – o Ascendente

É uma casa cardinal. As casas cardinais, também chamadas de ângulos, significam direções do espaço: a casa um significa o leste.

Como é o ângulo em que o céu e a terra se encontram no nascimento, significa a coisa analisada, porque, afinal, tudo neste mundo é fruto de uma união entre a terra (a matéria) e o céu (a forma, a essência).

Em astrologia natal, é a pessoa, o nativo. Em astrologia horária, é o querente, quem faz a pergunta. Em mapas de países, é o povo.

O nativo é representado, num certo sentido, pelo mapa natal inteiro.

Em outro nível, no entanto, a casa um e seu regente significam o nativo; mais especificamente, seu corpo (mais especificamente ainda, sua cabeça), enquanto o resto do mapa são suas circunstâncias, as coisas e as pessoas que ele encontra na vida.

Em mapas de eventos esportivos, é o favorito. Em mapas de astrometeorologia, é o local, é o “aqui”.

Vamos ver que há outra casa que pode significar terrenos, casas, etc. Mas “meu lar”, quando não há a necessidade de fazer a diferenciação entre mim e minha casa, também é a casa I.

De forma mais geral, é o “aqui”, mesmo quando não é meu lar.

Ela também é o “navio em que navego”, ou o “eu estendido” – “nós”, em perguntas sobre um grupo do qual a pessoa pertença, tomados em conjunto; o time pelo qual a pessoa torce, também (como podemos ver pelos gritos dos torcedores, “ganhamos”, “vocês perderam de nós”, etc).

O navio, aqui, pode ser também o carro. Vamos ver na casa seguinte, carros nunca são casa III. Como bens móveis, são assunto da casa II. Como transportadores da pessoa, são casa I.

Em eletivas, significa a pessoa que começa o empreendimento e o próprio empreendimento.

Em casas, ou qualquer ambiente bem determinado, ela significa a porta de entrada, ou o quarto do dono da casa (ou do morador que fez a pergunta, no caso de uma pergunta horária).

Como significa a pessoa, significa o “comando” na pessoa – a cabeça.

A casa I também significa o nome, seja do nativo, do querente, ou da empresa.

Existe uma dignidade acidental dos planetas chamada “júbilo”. Provavelmente, mais um resquício de outra astrologia que foi incorporada com a nossa. Cada planeta tem uma casa em que se sente mais feliz, em que desempenha sua atividade de forma mais natural.

Mercúrio tem seu júbilo na casa I. Mercúrio é o mensageiro dos deuses, o “psicopompo”, a ponte entre o Céu e a Terra, ficando muito feliz na junção entre os mundos. Também é a razão, que fica muito feliz na cabeça.

O co-significador da casa I, segundo alguns autores, é Saturno.

Saturno é o planeta das limitações, da matéria, do peso, das prisões. É isso que a alma sente, subitamente presa neste aglomerado de matéria pesada que chamamos de corpo.

A Lua, ao contrário, não está confortável na I.

A Lua significa a alma, nada feliz ao conhecer a prisão onde vai passar uma vida inteira; ela também significa as emoções, a parte da alma que não se sente bem com a frieza dos cálculos de Mercúrio.

Isso evoca dois pares de opostos. Eu já falei da Lua e de Saturno quando expliquei as dignidades.

A Lua e Mercúrio também são opostos. A Lua simboliza as emoções, a imaginação livre, os desejos, o “coração” (no sentido romântico, o lugar do afeto; o coração como fonte de vida é o Sol); Mercúrio é a “cabeça” (a razão. A cabeça como comando é, mais uma vez, o Sol). Um não está muito bem onde o outro está feliz; o Ascendente é um exemplo.

Ela divide com a casa X a posição de casa mais forte; dependendo da situação, uma ou a outra prevalece.

É fácil ver a importância das duas casas se pusermos o Sol nelas. No Ascendente, ele está criando o dia, nascendo, expulsando as trevas. No Meio-Céu, está dominado o mundo, no topo do céu.

CASA II

É uma casa sucedente.

As casas adjacentes (sucedentes e cadentes) ao Ascendente e ao Descendente (a casa oposta ao Ascendente) têm conotações desagradáveis, menos esta.

As significações maléficas vêm de as casas não observarem o Ascendente (veja os capítulos sobre aspectos; o conceito é análogo); elas não têm conexão com a junção Céu-Terra que deu origem ao nativo, à pergunta, à coisa; enfim, que deu origem à situação significada pelo mapa.

A II é a única exceção (ou, pelo menos, a única exceção parcial).

Isso se dá porque ela é, no movimento secundário (o movimento "correto", o humilde, que vai na ordem dos signos e desce antes de subir), ela é a casa seguinte ao do Ascendente. Então, enquanto as coisas estiverem em ordem – ou seja, enquanto a casa dois servir ao Ascendente – ela é boa. Ou, pelo menos, não é necessariamente ruim.

A casa doze, por outro lado, que é Adjacente no sentido contrário, é a casa seguinte no movimento primário, o incorreto, o movimento do orgulho, de subir sem descer primeiro. É provavelmente a casa mais maléfica do Céu, e significa justamente o pecado, que nasce do orgulho. O orgulho, pecado associado ao Sol (e o pecado, na visão cristã, que fez Lúcifer cair), é justamente se pôr no lugar do Sol da vida, de Deus.

É a casa dos recursos materiais da casa I, é o que a sustenta.

Ela significa as finanças do nativo ou do querente, seus bens móveis e inanimados (definição de móvel: que o querente consegue mudar de lugar; definição de inanimado: não vivo), os recursos do estado, as testemunhas e o advogado (no tribunal), o ajudante no duelo.

Como sustenta a casa I, é a casa do pescoço, que sustenta a cabeça. Significa, além do pescoço, a garganta e o início da garganta, a boca, mesmo que anatomicamente ela fique na cabeça

(que é significada pela casa I). É não só por onde a comida e a bebida entram, mas elas mesmas quando ingeridas – é a casa da matéria, não só a que enche os bolsos, mas a que enche os estômagos.

NOTA: Há uma correspondência óbvia entre os signos e as casas, quando dividimos o corpo humano. Isso NÃO deve ser extrapolado para os demais significados. Essa correspondência se dá pelo seguinte: primeiro, dividimos uma coisa (o corpo humano) por doze (signos). Depois, vamos dividir a mesma coisa por doze (casas) de novo. Os pedaços, a menos que façamos uma divisão bem esquisita, vão ser mais ou menos iguais. O leitor vai perceber que há muitas diferenças entre as significações das casas e dos signos em geral.

Os bens móveis incluem todas as formas de dinheiro ou valor pecuniário (ações, ouro, joias, dinheiro em papel, cheques). Carros, motos, barcos, aviões (quando não são o “navio em que navegamos”) pertencem a esta casa (e não à casa III).

O co-significador da casa é Júpiter, que é o planeta da riqueza, da abundância, que aqui tem um sentido material.

Como significa nossas posses, tem um óbvio sentido positivo – e apresenta um óbvio problema. Ela é somente o segundo passo, não o final da viagem. Alguns textos antigos davam também a essa casa uma significação negativa, e é daí que ela vem, da tentação que ela representa.

Na casa, ela significa a cozinha (local da comida), a despensa. Por derivação, “o quarto seguinte”, a depender do contexto.

CASA III

A próxima casa é uma casa cadente. Ela “cai” do ângulo do sul, a casa dos pais – significa nossos irmãos, tanto *sensu stricto* quanto *sensu lato*: nossos primos e nossos parentes da mesma geração.

Também significa nossos vizinhos, os que estão “perto do nosso terreno” (a casa IV) e que acabam sendo, pelo menos no tipo de cidade e de vizinhança que existiam no mundo em que a astrologia foi codificada, nossa “família prática”, ou família estendida. Numa emergência (ou mesmo quando o açúcar acaba), a gente recorre ao vizinho, não ao nosso primo que mora na Rússia.

Além disso, os vizinhos e os familiares têm outra particularidade interessante: são as pessoas com que topamos ao longo da jornada diária da vida, mas que não escolhemos. Os colegas de escola, por terem as mesmas características (iguais hierarquicamente, convívio frequente, não escolhemos) também podem ser significados por essa casa (ou pela casa das “pessoas em geral”, que vamos ver mais tarde).

Continuando a divisão do corpo, ele rege as mãos (incluindo os dedos), os braços e os ombros.

Um significado conexo ao das mãos é o da comunicação. Embora a língua e a cabeça estejam na primeira casa, é na terceira que analisamos a comunicação do nativo, os modos mais básicos de se relacionar com o mundo (e os meios de comunicação existentes – telefonemas, cartas, e-mails, etc).

As habilidades intelectuais mais básicas (ler, escrever, falar) também são relacionadas a essa casa, bem como o ensino básico, a escola primária.

A capacidade de dirigir (e em alguns casos pilotar e navegar) não é básica, mas está relacionada à lida diária, à – em mais de um sentido – condução do dia a dia, e portanto também é significada por esta casa.

A casa III também significa as viagens curtas. A divisão entre “curtas” e “longas” não tem a ver com a distância, mas com o propósito. Para quem nunca saiu da cidade natal, uma ida até a praia é uma “viagem longa”. Para um executivo internacional, a conexão diária São Paulo – Nova Iorque é uma viagem curta. Se trata dos deslocamentos diários básicos, dos movimentos simples do dia a dia.

Os caminhos em si, além dos deslocamentos diários, são significados aqui. Esta é a casa da lida diária.

Por extensão, o atracadouro ou píer, o local de carga e descarga, de entrada e saída de passageiros (não a garagem), o heliporto. Corredores, locais de correio ou conexão de alguma forma.

NOTA: Esta casa significa os vizinhos. No entanto, locais (incluindo quartos, apartamentos, terrenos, ou casas) adjacentes podem ser significados pela casa dois derivada (a “casa seguinte”). Esta é a casa dos vizinhos, não necessariamente a casa vizinha.

O co-significador da casa é Marte, a energia por trás das atividades diárias. É o motor que nos leva a esses deslocamentos cotidianos necessários. Em doenças de falta de energia, a primeira coisa que fica prejudicada é a capacidade de lidar com as tarefas básicas.

A Lua tem seu júbilo nesta casa. Essa casa sugere movimento, a Lua é o astro mais rápido do céu, o único que muda de forma. Além disso, ela significa a alma, estando muito feliz em oposição ao júbilo do Sol, na casa nove. Por último, a Lua é o planeta relacionado às tarefas do lar, àquela infinidade de pequenos atos que fazemos para manter a casa funcionando.

É uma casa cadente; indiferente, nem maléfica nem benéfica, sem muita força.

CASA IV – O Fundo do Céu

Chegamos no ângulo seguinte: o ângulo do norte.

A casa IV é o fundo do mapa, seu ponto mais baixo.

O seu significado mais básico são as raízes do nativo, ou do objeto.

Ela significa tesouros escondidos ou enterrados, terrenos, casas, prédios, fazendas (embora “minha casa”, literalmente, seja a casa I, porque o dono da casa I, seu regente, sou eu), em questões sobre compra ou venda de propriedade, sua qualidade; minas e cavernas. O porão ou os fundamentos. No tribunal, o veredito, em campeonatos, o desafiante (por estar oposta à casa dez, o campeão); o inimigo do rei.

Ela tem um significado de “fim das coisas”, porque o fim das coisas é o pó da terra. Não significa a morte, no entanto.

Como significa as nossas raízes, significa nossos antepassados, nossos pais em geral e nosso pai em particular. Ela não significa a mãe (somente como membro de “antepassados” ou “pais”), nem “o mais importante dos responsáveis”, mas o pai. Também significa nossa terra natal, tanto o país quanto a cultura.

Numa casa, além da fundação e do porão, significa o salão informal (por ser oposta à dez, como veremos mais tarde); o quarto dos avós.

Embora seja o ângulo com menos força para agir (isso só é relevante se for necessário comparar os ângulos entre si), seu significado é bastante benéfico, se o contexto não indicar o contrário. Ele é o ponto mais baixo do mapa, é o fundo do céu. Qualquer movimento dali é ascendente, todos os caminhos são para cima.

O planeta co-significador da casa é o Sol, o planeta do Pai celeste e do pai terrestre.

Ela significa o peito e os pulmões.

CASA V

Mais uma casa sucedente. A Casa V é a casa da diversão.

Seu assunto mais comum é o esporte venéreo, o sexo. Um erro comum é atribuir os amantes a essa casa – isso só faria sentido se tivéssemos o mapa natal de Jocasta (como vamos ver pelo outro significado desta casa).

A Casa VII é a casa dos cônjuges, para a vida toda, mas também dos namorados, noivos, amantes, flertes fugazes, saídas de uma noite e programas de meia hora. A astrologia considera, independentemente dos preconceitos dos astrólogos e dos clientes, que tanto a esposa quanto a prostituta são pessoas.

Então, pessoas são casa VII, o prazer que temos com elas são casa V.

Aí também investigamos a consequência lógica das atividades mencionadas, pois a casa V também é a casa dos filhos e da gravidez.

Ela nunca, de forma alguma, significa as mulheres grávidas.

A mulher grávida ainda é uma mulher (se for a querente/nativa, é casa I. Se for a companheira/etc do querente/nativo, é casa VII). O filho é representado pela casa V (embora um planeta na casa da mulher também possa significar o filho).

Os esportes de uma forma geral, não só os praticados na cama, são representados aqui, bem como os prazeres não sexuais. A casa V também significa os bares, as tavernas, as danceterias, os restaurantes, as lanchonetes, (locais de diversão), as academias (locais de esporte). Pode significar festas, piqueniques, mostras, uma ida ao cinema ou ao teatro, etc.

Um último significado importante é o dos embaixadores. Esse significado tem a ver com o planeta co-significador da casa, Vênus, com o fato que o embaixador sempre mostra a parte boa, alegre, do seu país e com a associação de Vênus na quinta casa com o Espírito Santo.

O carteiro não é significado pela casa V, mas pela III. O embaixador tem liberdade para agir, o carteiro (ou os mensageiros de forma geral), só pode entregar a mensagem.

Dentro das casas, ela significa o quarto das crianças ou o salão de jogos.

Ela significa o coração, o fígado, o estômago, as costas e as laterais do tronco. É (por causa também do coração, mas, principalmente, do fígado) uma das casas mais importantes em astrologia médica.

Como eu disse acima, o planeta co-significador da casa é Vênus, que também tem seu júbilo aqui. Vênus é o pequeno benéfico, o planeta das diversões sensíveis, das coisas doces e agradáveis. A sua associação com a pomba e o fato de que a casa V faz um trígono com a casa I sugerem também, como dito acima, uma associação entre Vênus nesta casa e o Espírito Santo.

CASA VI

Esta casa cadente e maléfica é fonte de muitos mal-entendidos.

É comum ouvirmos que ela é a casa da saúde, o que está errado.

A casa da saúde, de forma geral, é a casa I, a casa do corpo, da pessoa.

A casa VI é a casa das doenças. Dos problemas deste mundo mau, que nos afligem sem que tenhamos culpa. Em astrologia médica, as coisas são mais complicadas que isso (o mapa inteiro é a pessoa e suas doenças), mas o regente e a casa VI têm esse significado no mapa natal e em horárias não médicas – por exemplo, se eu pergunto se vou chegar a tempo para um encontro e o planeta que impede a chegada é o regente da casa VI “não, porque você vai ficar doente”.

Os infortúnios com que o mundo nos brinda não se encerram nas doenças. Acidentes também são assuntos desta casa.

Essa casa não tem só significados ruins.

Enquanto a casa II é a casa dos bens móveis e inanimados, a IV é a casa dos bens imóveis e inanimados, a casa VI é a casa dos bens móveis e animados: os servos e os animais pequenos.

Numa sociedade escravagista, os escravos estariam localizados aqui, também. Os “servos”, aqui, são tanto os empregados domésticos como quaisquer empregados contratados para prestar serviço (encanadores, eletricistas, pedreiros, carpinteiros, mecânicos, etc) e os subordinados / encarregados nas empresas – são as pessoas que, em tese, ao menos, devem obediência ao nativo / querente.

Outro mal-entendido nesta casa é que ela significaria o trabalho da pessoa, o que não faz sentido nenhum.

O argumento básico dessa alegação é que o serviço, antigamente, era mais parecido com a escravidão.

O problema é que essa casa não é a casa da escravidão, mas dos escravos – não são as coisas que oprimem de cima, mas que incomodam de baixo (suas doenças, seus animais de estimação que adoecem, fazem cocô na sala e pedem atenção constante, o pedreiro que não quer trabalhar mas quer dinheiro, o assistente que quer seu cargo, etc).

Além disso, a astrologia natal era coisa de reis e aristocratas. Os nativos estavam, por assim dizer, no topo da cadeia alimentar, não eram servos nem estavam oprimidos por atividades degradantes de forma nenhuma.

Enfim, em mapas mundanos, eles mostram, além dos servos do palácio, os habitantes dos campos e os fazendeiros.

Os animais significados por esta casa são descritos como “do tamanho de um bode ou menores” por alguns autores, ou “que podem ser domados” por outros. O importante é a última definição, embora a primeira seja bastante prática. Um cachorro é seu animal de estimação num sentido em que um boi, por mais manso que seja, não é. É bom lembrar que essa divisão é específica. Um pônei não pertence a esta casa (mas à casa XII), um dogue alemão sim.

Em astrologia médica ela significa os intestinos, as entranhas e a barriga.

Dentro da casa, o quarto de empregadas, a área de serviço, o canil.

Por último, mais uma confusão. Os locatários são mencionados em alguns textos antigos como pertencentes a esta casa. Não são mais. Não foi a astrologia que mudou, mas sim a situação do aluguel. Hoje em dia, é o contrato entre duas pessoas livres, sem que uma seja subordinada à outra (casa I – casa VII). Antigamente, o locatário vivia nas terras do senhorio, que lhe era superior e a quem ele devia obrigações e serviço.

O co-significador dessa casa é Mercúrio, que portava o caduceu e já foi identificado com Asclépio, tendo significação óbvia em assuntos de doenças. Além disso, ele é o regente natural dos servos – e (tanto como Hermes quanto como Loki, dois deuses de características mercuriais) o causador de problemas e infortúnios.

Marte tem seu júbilo nesta casa. O pequeno maléfico está bastante feliz, causando problemas, ferindo pessoas, mas também usando a espada para consertar o mal do mundo. Por outro lado, Marte é o regente natural de cirurgias.

CASA VII – o Descendente

Chegamos ao ângulo do oeste, a terceira casa cardinal.

É a primeira casa que vamos investigar que é oposta a outra que já falamos.

Por ser oposta à casa um, “eu”, ela é a casa do “outro”. Assim, ela é a casa mais cheia do céu.

Ela significa os cônjuges, os namorados, os amantes, os noivos, os pretendentes – mesmo se a pessoa for apenas um candidato ao papel, ou uma possibilidade (em perguntas horárias do tipo “Fulano me ama?”, Fulano é casa VII, por exemplo).

Significa também os parceiros, não só no sentido amoroso – os parceiros comerciais, os sócios, os co-celebrantes de algum contrato. Os parceiros comerciais nem sempre têm o nosso interesse em mente, como os bancos, também significados por esta casa, deixam claro.

Como é a casa que faz oposição à casa I, significa as pessoas que se opõem ao seu regente, seus inimigos declarados. É importante a gente lembrar que é a natureza do ataque do inimigo que o classifica em declarado ou oculto. Um ladrão, mesmo que você não saiba quem é, pertence à casa VII, o roubo é um ato bastante claro de inimizade. O feitiço (ou, falando de forma moderna, a “dominação psíquica”) é assunto da casa XII, dos inimigos ocultos, mesmo que seja feita pelo famoso Dr. Fulano Maluco. É sempre bom lembrar que, nos vilarejos medievais, todo mundo sabia quem era a bruxa, mas a bruxaria continuava sendo assunto da casa XII.

Os candidatos à mesma vaga que a pessoa significada; os adversários no tribunal; os oponentes numa luta ou numa disputa esportiva, no xadrez ou no pôquer; o dono da casa de apostas (seu adversário na aposta); o time rival (“eles”, em “nós ou eles”).

Em mapas de eventos esportivos, ela significa os azarões.

Em mapas mundanos, os inimigos da cidade ou país.

A casa sete também significa qualquer pessoa que não seja melhor descrita por outra casa (ou seja, não seja irmão, pai, filho, servo, professor, chefe, amigo ou inimigo oculto da pessoa significada pela casa um, por exemplo).

Como significa pessoas em geral, significa também o respeitável público: os clientes, existentes ou em potencial.

Profissionais em ação, como um médico em uma situação médica determinada, ou um astrólogo em uma investigação astrológica, pertencem a esta casa porque, neste caso, são os “parceiros” da pessoa – são quem está ajudando a pessoa a tratar deste problema concreto. Astrólogos, médicos, advogados, por si mesmos, são assunto de outra casa, a IX.

O veterinário também é nosso parceiro no tratamento do nosso bichinho de estimação e é significado por esta casa. Ele não é o parceiro do bichinho, não é o bichinho que resolveu se tratar.

Os colegas de trabalho são normalmente significados por esta casa (“pessoas comuns” ou, dependendo do trabalho, “adversários declarados”), bem como os colegas de universidade, enquanto os colegas de escola, por não termos escolha nenhuma sobre eles, podem ser significados pela casa três.

Em astrologia médica, a casa VII significa o sistema reprodutor e o sistema urinário, bem como a parte inferior das costas.

Na casa, ela significa o quarto do cônjuge, se este for diferente do da pessoa que pergunta, ou as suas dependências, ou a parte oposta à porta de entrada. Dentro de um quarto, o local oposto à porta.

A co-significadora desta casa é a Lua. Ela é a significadora natural das pessoas comuns, do povo, e das esposas e mães. Além disso, o Sol nasce no ascendente; a Lua enche ao se opor ao Sol.

CASA VIII

Casa sucedente.

Outra casa que dá margens a alguns desentendimentos.

Esta é a casa da morte. Morte física, fim da vida, corpo sendo enterrado, alma indo para onde deve ir, ou – segundo a fé do leitor – lugar nenhum.

Não é “experiência transformadora”, “liberação”, “evolução espiritual”, ou “ascensão”. Qualquer que seja a crença do astrólogo sobre o que acontece após a morte, não pode modificar a existência dela.

A morte é parte inescapável e importante da vida, não faz sentido ela sumir do mapa.

Essa casa não está ligada, de forma nenhuma, de jeito nenhum, em nenhuma circunstância, com o sexo. É engraçado que seja eu, católico, que tenha que explicar isto, mas sexo é fundamentalmente bom, normalmente bastante agradável e o comum é que pessoas não morram no final.

A associação com a morte faz com que essa casa também esteja ligada com heranças, com dinheiro de mortos de forma geral. No entanto, quando vamos investigar a herança de uma pessoa determinada, temos que olhar a casa das posses da pessoa, viva ou não, não a casa oito.

Sendo uma das piores casas do céu, a oitava significa também medo e angústia – os planetas não estão (a menos que o contexto sugira outra coisa) felizes ali. É uma casa sucedente – ou seja, não está caindo de ângulo nenhum – mas bastante ruim, quase tanto quanto a XII e tão ruim ou pior que a VI, que são cadentes.

Um significado derivado importante desta casa, não necessariamente ruim, é o dinheiro. Sendo a casa dois a partir da sete, ela é o dinheiro, ou as posses móveis, dos outros, do cônjuge, do parceiro comercial, do inimigo declarado, dos clientes.

Sendo a casa oposta à dois, é a casa por onde a comida sai – ela representa, em astrologia médica, o sistema excretor e o ânus.

Nas casas, os banheiros e os toaletes, por onde a comida sai e onde a sujeira é removida.

Seguindo a ordem caldaica dos planetas, temos Saturno de novo como co-significador.

Saturno é, na mitologia greco-romana, o deus das portas; ele está ligado aos limites, às fronteiras, ao fim. Ele rege a porta de entrada na vida, a casa um, e sua porta de saída.

CASA IX

Casa cadente.

Vimos a casa III, a das viagens curtas e da comunicação básica.

Esta é a casa oposta a ela; a casa das viagens longas e do ensino superior, dois aspectos da mesma viagem que interessa – a viagem na direção de Deus.

O sentido primário da casa é a viagem final, a peregrinação maior, o que acontece depois da morte.

É a casa da religião, dos templos (casas de religião), das viagens longas (releia o que disse sobre viagens “longas” e “curtas” quando expliquei a casa três. Um feriado na cidade do lado é casa IX, a reunião semanal no outro lado do mundo é casa III), do estudo superior (qualquer coisa além do ensino mais básico – ler, escrever, as quatro operações fundamentais), universidades (casas de estudo superior) e, por extensão, das pessoas instruídas – médicos, professores, escritores, astrólogos, médicos, advogados.

Não podemos confundir as situações. O advogado é casa nove em si, como, por exemplo, na pergunta horária “esse advogado é bom?”. Como seu parceiro numa situação concreta, é casa VII. No tribunal, é seu segundo, seu preposto, casa II. O mesmo vale para os outros. Numa situação concreta, num tratamento de uma doença, o médico é casa VII. Numa pergunta “o médico vem aqui amanhã?”, ele é casa IX.

A casa IX é “conhecimento”, enquanto a casa III é “comunicação”; neste sentido, a primeira pode ser considerada como o assunto de que a última fala; ou, por outro lado, a casa III é a expressão terrena, mundana, da casa IX.

Ela também significa sonhos (no sentido literal, aquilo que acontece quando dormimos).

Seguindo a ordem dos planetas, a casa é co-significada por Júpiter, o planeta dos religiosos. Ele também é o júbilo do Sol, o planeta de Deus – e a imagem do Sol na nove sendo refletido pela Lua na três

explica muito da dinâmica dessas casas, do Espírito sendo refletido na alma, que é o motor da comunicação.

Dentro da casa, o estúdio, a biblioteca (locais de estudo), a capela, o oratório, a sala de meditação (locais de religião).

Em astrologia médica, ela significa as ancas e os quadris, até as coxas.

É uma casa benéfica, mas, por ser cadente, os planetas nela não têm muita força para agir – ao menos, em comparação com os ângulos.

CASA X – o Meio do Céu

Na ordem das casas, a última cardinal. O ângulo do sul, o topo do mundo, a parte mais alta do céu; o Medium Coeli.

As significações mais claras são devidas a esta posição no mapa.

Ela significa reis, juízes, patrões, senhores, pessoas em posição de autoridade, quem tem poder sobre o querente/nativo, em questões de compra/venda de terrenos, o preço deles; em questões de campeonato, o campeão.

O significado é sempre de quem está no trono, seja o trono do juiz, do rei, do chefe de repartição ou do preso mais forte dentro da cela.

Em questões médicas, é o tratamento da doença.

É a casa oposta à quatro e, portanto, significa a mãe.

Sendo o ponto mais alto do mapa, também significa magistério, profissão, honra pública – o agir no mundo, o pequeno pedaço da realidade no qual nós somos o rei. O casamento antigamente era algo relacionado à casa X (ascender socialmente, ser casado era mais nobre que ser solteiro), antes de virar assunto de casa VII.

É uma das casas que concede maior oportunidade de ação para os planetas, é uma casa bastante benéfica, mas também tem um ponto bastante negativo associado.

Ela é o ponto mais alto do mapa. De lá, só há uma saída, para baixo. Então, ela (principalmente sua cúspide) carrega esse significado de “fim da subida”.

Em astrologia médica, significa os joelhos.

Dentro da casa, o escritório, o salão formal, o sótão.

O seu co-significador é Marte, novamente, a energia necessária. Se na casa III é a energia para as atividades básicas, na X é para desempenhar nosso papel no mundo, defender nosso pequeno império.

CASA XI

Casa sucedente.

Se a casa V é a dos prazeres, das coisas agradáveis que vem do mesmo nível que nós (e, às vezes, de baixo), a casa XI é o bem que vem do alto. É a casa dos amigos, das bênçãos do alto, dos desejos e esperanças.

Amigo, aqui, não é contato de Facebook, parceiro ocasional de boteco, ou colega de faculdade.

Amigos são os canais pelos quais as bênçãos do céu caem sobre nós; é por isso que a literatura, religiosa ou não, é unânime em dizer que são poucos, raros e preciosos. É quem nos empresta dinheiro quando estamos mal, quem se arrisca por nós e quem pega em armas para nos defender, não quem divide uma cerveja gelada, ou dá “curtir” numa foto bonita.

Ou seja, é quem se dispõe a perder algo por nós, e por quem nós nos dispomos a perder algo, de forma livre. Não estamos ligados a eles nem por parentesco, nem contrato.

Enquanto os sonhos (aquilo que vem até nós quando dormimos) são assunto da casa IX, as esperanças, os desejos, os sonhos no sentido de “Eu tenho um sonho” do Martin Luther King, são daqui.

Esta é a casa a ser investigada em caso de loteria (“dinheiro do céu”).

Seu significado derivado mais importante é ser a casa dois a partir da dez. Ela significa, desta forma, o salário (“dinheiro do patrão”, ou “dinheiro do emprego”) e vistos e autorizações (“presentes do rei”).

Ela significa, também, a nora, esposa do filho.

Em astrologia médica, ela significa as canelas (a parte da perna entre os joelhos e os pés).

Ela é co-significada pelo Sol e é o júbilo de Júpiter, fazendo um paralelo bastante interessante com a casa IX. Lá é a verdade do alto

(casa X), o movimento ascendente na direção de Deus; aqui, são as bênçãos, a graça, o que cai do céu na nossa direção.

CASA XII

A última casa cadente.

Aqui chegamos no fim das casas – e no seu membro mais infame. Morin reserva os piores termos da sua descrição para ela, que era chamada de Malus Daemon, “Espírito Mau” (a casa onze era chamada de Bom Espírito, “Bonus Daemon”).

Pode ser um consolo, ou uma fonte de mais temores, o fato de que esta casa seja considerada pior do que a casa da morte.

O fato é que ela reúne algumas das piores significações, e é considerada a casa mais restritiva do céu – planetas nela têm menos força para agir do que em qualquer outra casa.

Isso deriva de ela ser a casa cadente do Ascendente. Além de estar caindo da casa mais importante do céu e de não fazer nenhum aspecto com ela, a XII representa a tentação do orgulho – a tentação de subir, em vez de fazer o movimento correto, menos difícil e menos brilhante, de descida.

Os antigos pais da Igreja diziam que o orgulho é a raiz dos vícios; e os vícios, o pecado, o autossabotamento, os males que provocamos a nós mesmos, são significados por esta casa.

Enquanto a casa VI é a casa dos males do mundo, pelos quais não temos culpa, o culpado pelos males da XII é o nosso maior inimigo oculto, “eu”.

Por extensão, ela é a casa dos outros inimigos ocultos, daqueles que atacam sem que a pessoa consiga ver – as bruxas, os ataques psíquicos, o domínio mental, e formas mais corriqueiras e menos fantásticas de ataques, como a difamação, a fofoca, a carta anônima ao chefe, o telefonema sem identificação à mulher.

Por isso, é a casa dos inimigos ocultos – ela não faz aspecto com o Ascendente. A casa VII é oposta à I, o Ascendente a vê muito bem, enquanto a XII está grudada ao lado, fora do campo de visão.

Ela é a casa das prisões, dos confinamentos, das restrições da vida, por espelhar aquela prisão primeira em que o auto-sabotamento nos

encarcera, a prisão do pecado e do vício.

Os dois significados não são excludentes de forma alguma; grande parte dos habitantes das prisões está lá por ter se entregue às próprias tentações, enquanto mais de um deles aprendeu alguns vícios novos na sua estadia forçada.

Ela não significa hospitais, que não são locais de confinamento, mas de tratamento (casa VI).

Sendo oposta à casa VI, também significa os animais maiores que um bode, ou animais que não podem ser domados. Um cavalo nunca obedece ao seu dono com tanta devoção quanto um cachorro, nem é tão íntimo. Além disto, um animal de casa XII é sempre perigoso. Ser chifrado, pisoteado, arrastado, etc, são riscos sempre presentes, mesmo para os animais “domésticos”.

Os grandes animais (cavalos, bois, camelos, elefantes) ecoam o princípio por trás da casa XII e de seus males: os desejos. São como o mar, que nunca é completamente pacificado, nem totalmente sem riscos.

Vênus é a co-significadora desta casa. Se na casa V tínhamos a parte mais agradável de Vênus, aqui temos as consequências desagradáveis de a tornar mestra das nossas ações. Aqui é o lugar das diversões auto-destrutivas.

O júbilo de Saturno é na XII.

Primeiro, junto com o júbilo de Marte, ela faz um corte no mapa, quadrando o eixo III-IX (do júbilo da Lua e do Sol). São as duas fontes de infortúnio (o mal externo e o mal interno) cortando nossa comunicação com Deus. A que nos afasta do caminho dele pelo desespero (VI) e a que nos afasta pelo descontrole (XII).

Além disso, Saturno é o planeta das privações, da limitação – portanto, das prisões e dessa grande prisão da alma, que é o pecado. Por outro lado, as qualidades saturninas são as necessárias para escapar dos vícios.

Em astrologia médica, a XII rege os pés, o fim das casas rege o fim do corpo.

Na casa, ela significa o estábulo e, por extensão, a garagem. O quarto em que guardamos as tranqueiras.

Os problemas mentais – vistos, ao mesmo tempo como problemas ocultos (doenças que não se vê nem se percebe fisicamente) e como autossabotamento (problemas causados pela própria mente) – são significados por esta casa. É daqui que vem a conexão da casa doze e da psicologia, são os males desta casa que psicólogo trata.

A relação entre as três casas maléficas e o Ascendente fica mais fácil de gravar quando lembramos das posições entre elas e ele.

A casa seis aflige o Ascendente “a partir de baixo”: as doenças e acidentes.

A casa oito aflige o Ascendente “do alto”: a morte.

A casa doze aflige o Ascendente “a partir dele”: o autossabotamento e o pecado.

É importante termos segurança ao identificar um determinado assunto em uma das doze casas; este é um dos maiores motivos de erro na astrologia. Se olharmos a casa errada, estamos procurando uma coisa no lugar em que ela não está; qualquer acerto seria fortuito.

Capítulo 19: As estrelas fixas

Este assunto está entre os últimos capítulos do livro, mas não porque seja pouco importante.

O que acontece é que não precisamos nos referir a elas para montar nosso teatro astrológico, embora elas sejam tanto pano de fundo quanto luzes, direcionadas para pontos específicos do palco.

Elas não interagem com os planetas – não ficam nem dignificadas, nem debilitadas, nem afligidas, nem assistidas. Elas ajudam ou atrapalham quem passa por elas, não porque tenham uma intenção particular, mas apenas porque continuam, sem parar, a manifestar a própria natureza.

As estrelas são o que são.

Além disso, elas são assuntos para um livro inteiro, ou mais de um. Aqui, o máximo que posso fazer é escrever uma introdução muito breve a este assunto.

As estrelas fixas são chamadas assim em comparação com os planetas, que são as estrelas móveis (vários textos antigos chamam os planetas de estrelas, ou tratam todos os astros como estrelas). Elas não são, na verdade, fixas. Elas se movimentam, embora muito lentamente – astronomicamente, esse é o famoso fenômeno chamado de “precessão dos equinócios”. Elas também se movem umas em relação às outras, nem sempre à mesma taxa – esse é o movimento que aparece na tevê quando algum programa menciona que o formato das constelações mudou.

Como vimos antes, as estrelas eram consideradas parte do Firmamento, um céu diferente dos céus planetários e dos signos.

Estando mais próximas que os signos, têm um pouco mais de “corporalidade”; o modo mais fácil de entendê-las é como parte do “pano de fundo” da ação dos planetas.

É por isso que não há menção a aspectos ou qualquer tipo de interação entre elas e os planetas, que são influenciados quando

passam perto delas (ou seja, quando estão em conjunção bem próxima, um, dois ou no máximo três graus). Elas também são importantes se estiverem exatamente sobre a cúspide de uma casa.

Elas estão, do ponto de vista da essência, num nível superior ao dos planetas (e inferior ao dos signos), mas, como os planetas são sete, e elas inúmeras, é mais fácil explicá-las usando as naturezas dos planetas – quase todas as listas sobre estrelas fixas associam-nas a um, dois ou, excepcionalmente, três planetas.

Além disso, os planetas podem ser vistos, como discutimos anteriormente, como as sete divisões fundamentais dos seres concretos, as sete cores que compõem a luz divina. Vamos ver qual (ou quais) dessas cores é mais importante em cada estrela.

A importância de uma dada estrela deriva de alguns fatores. Em primeiro lugar, magnitude – ser visível; em segundo lugar, proximidade da Eclíptica – ser visível perto do palco no qual as ações celestes acontecem; em terceiro lugar, o simbolismo – fazer sentido.

As estrelas são agrupadas em conjuntos mais ou menos próximos no céu, chamados de constelações.

A melhor definição de constelação é "*família*".

Elas reúnem estrelas com propriedades afins, ou pelo menos com explicações simbólicas (ou míticas, que facilitam a memorização das estrelas) parecidas. Os mitos associados às constelações nos ensinam que tipo de família estamos vendo.

A explicação científica da origem das constelações é francamente idiota.

Nenhum ser humano minimamente inteligente olharia para a constelação de Leão e pensaria "olha, parece um Leão", ou para Órion e pensaria "ei, mas é muito parecido com um guerreiro com um cinto legal e uma tocha erguida". Exceto por alguns poucos exemplos (Escorpião parece vagamente com um escorpião em posição de ataque, por exemplo), as constelações não são desenhos esquemáticos que lembram seus nomes.

Os nomes das constelações, como eu disse, são mitos, que explicam e facilitam a identificação da natureza de cada uma das constelações. É fácil explicar as estrelas de Leão (Regulus, o coração; Zozma, as costas) referindo-se ao simbolismo relacionado a este animal.

Evitamos os mitos nos signos porque sua significação é mais completa e menos distorcida quando nos atemos à sua natureza real – o modo de expressão e o elemento. No entanto, para as constelações zodiacais, pensar nos mitos pode facilitar a identificação do caráter de cada estrela, que são partes não aleatórias das imagens associadas.

A importância das estrelas fixas em astrologia aumenta conforme se sobe o nível. Em horária e eletiva, o risco de usá-las é muito maior que o risco de ignorá-las; são bastante importantes em astrologia natal e são de suma importância em astrologia mundana.

O simbolismo das estrelas, embora seja mais facilmente lembrado pelos mitos associados às constelações às quais pertencem, *não deriva das constelações*; é o contrário. O mito é uma história que reúne de forma coerente as estrelas.

É comum povos diferentes terem constelações diferentes, com mitos diferentes para cada uma, mas considerarem a mesma estrela da mesma forma. Um exemplo interessante é a estrela Antares, o coração do Escorpião. Os índios brasileiros viam nela a cabeça da constelação do Boitatá – mas suas características violentas são bem parecidas nos dois casos.

Exemplos de estrelas

Há uma enormidade de estrelas visíveis; por volta de cem delas têm alguma significação astrológica; algumas poucas dezenas são realmente importantes.

Vou mencionar um conjunto ainda menor, que serve como início de um estudo que foge ao propósito deste livro e que depende da intenção do leitor.

Essas são as mais comuns; é claro que esta lista é subjetiva, mas acredito que a grande maioria dos astrólogos concordaria com

grande parte dela.

Eu menciono a posição aproximada delas em 2019.

As guardiãs

São as estrelas que um dia já estiveram no início dos signos cardinais, marcando o início das estações. Hoje em dia, nenhuma delas está em signo cardinal, nem nos signos fixos seguintes, todas elas estão em signos mutáveis.

Regulus – o coração do Leão (Cor Leonis). Está em 0º de Virgem. Uma das estrelas mais fortes e brilhantes do céu, uma das estrelas reais (falo sobre elas abaixo). Da natureza de Marte e Júpiter.

“ O coração” sempre quer dizer, quando falamos de estrelas, “o núcleo” – ela é o “superleão”; reúne as características da constelação. Então, concede honrarias, dignidade, exaltação, poder – mas nem sempre felicidade; não é uma estrela calma, nem garante um futuro livre de tribulações.

Antares – “Outro Ares” ou seja, outro Marte. O Coração do Escorpião (Cor Scorpionis), está em 10º de Sagitário. O “superescorpião”. Violência, conflito, guerra, morte, mas também fim de ciclo, mudança.

Também da natureza de Marte e Júpiter; também é uma estrela real.

Aldebaran – “O olho do Touro” (Oculus Tauri). Apesar de não ser o coração, ela também é o “supertouro”: ela significa o início, a entrada da alma na matéria. Está ligada, portanto, aos inícios dos ciclos; funciona em conjunto com Antares e está oposta a ela, em 10º de Gêmeos.

É da natureza de Marte, mas, sendo o olho esquerdo do Touro, tem uma conexão clara com o significado da Lua (os olhos são atribuídos aos luminares. Nos machos, o direito é do Sol, o esquerdo da Lua, invertendo-se para as fêmeas); a Lua significa a alma, e também a fome – pela matéria, pela vida.

Também é uma estrela real.

Fomalhaut – A boca do peixe austral, em 04º de Peixes.

Da natureza de Vênus e Mercúrio.

A única das guardiãs que não é estrela real. Fomalhaut promete reinado, mas não deste mundo. Está ligada ao solstício de inverno – o nascimento de Cristo – e à história de Jonas (a boca do peixe evoca o animal que devorou o profeta), portanto, ao renascimento. Ela é extremamente poderosa, só não eleva ao trono.

Atenção: ela não é parte da constelação de Peixes, mas pertence a "Pisces Australis", ou Peixe do Sul, ou Grande Peixe, o que engole a água de Aquário.

Estrelas reais

Além das três primeiras guardiãs, ainda há outras estrelas. Elas são chamadas de "reais" porque são indicativas de ascensão ao trono em natividades de prováveis reis e rainhas.

Lucida Lancis – Alpha Librae, 15º de Escorpião. O prato do sul da balança (de onde vem seu outro nome, Zuben Algenubi, a Garra do Sul – a constelação de Libra já foi a constelação das Garras do Escorpião). Está exatamente sobre a eclíptica. Sendo o "prato de baixo", em latitude zero, significa, obviamente, elevação. Da natureza de Saturno e Marte.

Spica – 24º de Libra, o "Espigão [de trigo] da Virgem". A estrela mais feliz do Zodíaco. Ela normalmente concede felicidade, embora menos sucesso que Regulus. Ela é o presente da Virgem, é o que ela tem na mão oferecendo para baixo, para a terra, estando associada portanto às bênçãos e à proteção de Nossa Senhora. Da natureza de Vênus e Marte.

Pollux – 23º30' de Câncer. Um dos irmãos da constelação de Gêmeos, Pollux é o gêmeo imortal. Da natureza de Marte.

Outras estrelas importantes

Castor – 20º30' de Câncer, o gêmeo mortal, irmão de Pollux. Da natureza de Mercúrio.

Sirius – 14º de Câncer. A boca do Cão maior, o Sol do Sol. Extremamente brilhante, mas afastada da Eclíptica. É uma estrela feroz, mas que pode ser benéfica e protetora. Da natureza de Júpiter e Marte.

Procyon – 26º Câncer – o Cão menor. Muito da sua significação deriva da comparação com o grande cão: ela é mais rápida, mais agressiva, mas bem menos forte. Da natureza de Mercúrio e Marte.

Caput Algol – 26º Touro. A cabeça da medusa, a estrela mais perigosa do Zodíaco. Funciona como uma espada, pode ser usada contra ou a favor do nativo, mas nunca é calma, nem pacífica. Um dos seus significados é perda da cabeça, literal ou figurada. Da natureza de Saturno e Júpiter.

Alcyone – 00º de Gêmeos – também não é das mais benéficas. É a estrela principal das Plêiades (“As Irmãs que Choram”, que estão no fim de Touro e no começo de Gêmeos); fere os olhos e causa arrependimento. Da natureza de Marte e da Lua.

Vindemiatrix – 10º de Libra. Também conhecida com Vindemiator, é o(a) coletor(a) de uvas. Outra estrela perigosa, está associada com divórcio, separação, autossabotamento (ferir a si mesmo e aos outros), exceder as próprias capacidades. É a ponta da asa do norte, ou do braço do norte, da Virgem. Da natureza de Saturno e Mercúrio.

Altair – 2º de Aquário. A águia. Elevação espiritual. Da natureza de Marte e Júpiter.

Vega ou **Lira** – 15º de Capricórnio. Inspiração, ensino. Da natureza de Vênus e Mercúrio.

Beta Librae – 19º de Escorpião. O prato do norte da constelação de Libra. Conhecida também como Zuben Eschamali, a Garra do Norte. Da natureza de Júpiter e Mercúrio.

Há outras estrelas importantes e há muitas outras que podem ter alguma importância determinada em algum contexto especial, mas a lista já está grande o suficiente.

Uma última nota sobre constelações: já deve ter ficado claro para o leitor que signos e constelações não são a mesma coisa. As constelações que ficam perto da Eclíptica – as constelações zodiacais – levam o mesmo nome que os signos onde estavam, mais ou menos, quando foram nomeadas.

Capítulo 20: Urano, Netuno, Plutão

Preciso tratar dos três “planetas transaturninos”. Esta é a hora.

Desde que foram descobertos, estes corpos atraíram a atenção dos astrólogos. Eles receberam significados bastante variados; cada um recebeu um dos signos para reger; foram recebidos com entusiasmo e acolhidos na grande família astrológica.

Há alguns problemas nisto.

Em primeiro lugar, acho que consegui demonstrar no começo do livro que as coisas concretas têm sete facetas. Qualquer coisa inserida no modelo não pode entrar no conjunto dos sete.

Isso ocorre também com as significações. Eles não podem retirar significado dos planetas existentes, porque os significados não são, num certo sentido, deles.

Da mesma forma, não faz sentido nenhum mudar a regência dos signos, que obedece a regras que são independentes das relações *astronômicas* entre os planetas, e tem uma simetria bastante elegante, que é quebrada ao se inserirem novos regentes, sem melhorar em nada a precisão do modelo.

Isso é importante: considerá-los como planetas astrológicos não traz ganho nenhum. E é incoerente com os princípios astrológicos de base: planetas são os corpos que parecem se mover no sentido contrário ao do céu visível, independente de serem, astronomicamente, planetas, satélites da Terra (Lua) ou estrelas (Sol).

E, aqui, chegamos a outro ponto importante: eles não são visíveis. Então, estas significações todas são, no mínimo, exageradas.

Na China, Na Índia, no Japão, na Babilônia antiga, e provavelmente em qualquer outra astrologia, Marte está associado à guerra, conflito, rupturas, enquanto Vênus está relacionada a união e amor, por causa das suas aparências.

Marte rege Escorpião porque corporifica as qualidades relacionadas a Escorpião; Plutão virou o “regente moderno” de Escorpião numa votação num congresso.

Isso não quer dizer que eles não tenham papel nenhum na astrologia. O problema maior é decidir o que eles significam; mas, desde que não os tratemos como planetas, nem, com toda a certeza, não os empurremos para reger signo nenhum, eles podem ser assimilados.

O modo mais coerente de entendê-los é como estrelas fixas especiais. Pontos que só são importantes em aspectos próximos (apenas conjunções e oposições parecem ser importantes).

Não vejo sentido algum em não utilizá-los porque “não eram conhecidos à época do astrólogo X, ou no período Y”. Outras coisas que não eram conhecidas há alguns séculos eram computadores pessoais e a Nova Zelândia. Como ninguém se opõe ao uso do computador, ou à existência de astrólogos na Nova Zelândia, também não faz muito sentido ignorá-los.

Eles também são parte do Cosmos, também foram feitos pela mesma mão que fez o Céu.

O ponto mais delicado é determinar o que eles simbolizam. Muitas das associações feitas são baseadas em descobertas, ou eventos, que ocorreram perto da sua descoberta. Isso traduz mais o que o astrólogo quer que o corpo signifique do que o que ele significa na verdade.

Outras significações derivam dos mitos relacionados aos seus nomes, o que faz sentido: essas nomeações, embora inconscientes, não são inteiramente ao acaso. Mas é sempre bom lembrar que Urano já foi George e Herschel, então não é possível levar essas associações totalmente ao pé da letra.

Alguns significados (Urano, conflito, eletricidade; Netuno, confusão, excesso de água, terremotos; Plutão, mal oculto) parecem estar consistentemente ligados a eles.

Um modo de tentar derivar algumas das significações deles é analisar seu movimento, o equivalente mais próximo de “aparência

sensível” que eles têm.

Urano está visível em algumas épocas do ano, em alguns lugares do mundo, embora seja sempre fraco. Então, ele “liga e desliga”; está ligado ao divórcio, à separação e também à informática (eletricidade, corrente alternada, e linguagem digital – binário, sim ou não, um ou zero).

Netuno parece estar ligado ao engano, à autoilusão, às drogas, à embriaguez, à “cegueira voluntária”, e ao tempo ruim.

O aspecto que pode estar ligado a isso é ele estar sempre quase visível, sempre um pouco além da visão humana; além disso, enquanto Urano dá a volta ao redor do Sol em 84 anos, Netuno completa seu ciclo em 168, pouco tempo acima do máximo da vida humana. É como se ele estivesse quase ao nosso alcance.

Plutão parece estar relacionado, normalmente, ao mal, às coisas ruins de forma geral, mas principalmente ao autossabotamento, ao mal autoinfligido. Sua volta ao redor do Sol dura 248, muito mais do que a vida humana mais longeva; ele está muito afastado, muito escondido – algo sempre oculto e longe de nós não parece, a princípio, coisa boa.

A influência dos três parece sempre ser mais ou menos maléfica.

E os outros corpos?

Quando se desce mais na “cadeia alimentar astrológica”, a coisa fica ainda mais complicada. Planetas novos, planetas anões, asteroides, pontos fictícios, a imaginação não tem limites. Não há como arranjar significações novas para todas essas coisas, baseando-se somente nos nomes que lhe deram.

De forma geral, mesmo esses corpos menos importantes não são ruins ou proibidos, se respeitarem o modelo astrológico.

O único senão é que, se Urano, Netuno e Plutão já não são necessários (eles colorem uma análise, dão maior precisão a algumas coisas, mas nunca são indispensáveis), essas outras coisas

se aproximam cada vez mais da inutilidade completa e podem chegar a atrapalhar, pelo excesso de informação sem importância.

Capítulo 21: Dignidade acidental

No capítulo 14, vimos a relação entre os planetas e os signos em que estão: o que se chama de dignidade essencial.

Ela é chamada assim porque trata de como as qualidades essenciais dos planetas vai se manifestar: se eles estão de acordo com suas qualidades mais nobres ou não.

Isso está relacionado, por assim dizer, com a natureza da ação do planeta; mas não diz nada sobre a força desta ação.

Um exemplo simples: Marte pode significar um soldado honrado (em Áries, seu domicílio) ou um encrenqueiro violento (em Câncer, sua queda).

Essa distinção não nos informa, no entanto, se Marte consegue cumprir sua missão. O soldado vai conseguir me defender? O encrenqueiro pode me machucar?

A força da ação nos é dada pelo que chamamos de **dignidade acidental**, e sua contraparte, a **debilidade acidental**.

A palavra “acidente”, aqui, é usada no sentido aristotélico, em oposição a “essência”, e não significa necessariamente nada ruim ou inesperado. São auxílios ou aflições que não fazem parte da essência do planeta, mas que nos dizem o quanto de força para agir (ou o quanto de dificuldades para agir) o planeta tem.

Existem muitas dignidades e debilidades acidentais, porque, pela natureza das coisas, os acidentes são variados. Vamos ver rapidamente as principais.

Posição nas casas.

As casas angulares, por sua natureza, são mais reais que as outras regiões do céu: assim, quanto mais próximo de um ângulo, mais real é a influência do planeta, mais forte é a sua ação.

As casas seis, oito e doze, ao contrário, são restritivas. Os planetas nelas têm menos força de ação; eles estão afligidos nelas (doenças

e adversidades, morte, prisão e vícios: os significados das casas não prometem muita ajuda).

As demais, de forma geral, são neutras.

Esse efeito diminui bastante com a distância da cúspide (se o planeta estiver no meio da casa dez, tem muito menos força que um planeta próximo do Meio-Céu) e com estar em signo diferente da cúspide (o limite entre os signos funciona como uma barreira, um cordão de isolamento).

Cazimi

Estar *cazimi*, ou no coração do Sol (a menos de 17’ de longitude de distância do centro do Sol), é uma das dignidades acidentais mais fortes que existem: estando nas graças do rei, é possível fazer qualquer coisa – exceto, é claro, ser o rei. Então, é uma dignidade que promete quase qualquer coisa, menos a posição de domínio.

Por outro lado:

Combustão

É uma das piores aflições acidentais que existem. Combustão é quando o planeta está entre 17’ e 8º30’ de distância do Sol, no mesmo signo que ele.

O planeta está queimado, destruído, oculto, aniquilado – adjetivos que normalmente não acompanham ações bem-sucedidas. Estar **Sob os Raios do Sol** (estar entre 8°30’ e 17° de distância do Sol, independente de estar no mesmo signo ou não, ou estar entre 17’ e 8°30’ de distância em signos diferentes) é uma aflição também, mas não tão ruim.

Oposição ao Sol

Oposição próxima com o Sol (menos de 8 graus de afastamento) é quase tão ruim quanto a combustão, sem haver um oásis comparável ao cazimi.

Estrelas fixas

A conjunção próxima com estrelas fixas benéficas (especialmente as mais fortes, como Spica ou Regulus, e que tenham natureza

parecida com a do planeta) é uma dignidade acidental importante.

Da mesma forma, a conjunção com estrelas fixas maléficas, como Algol ou Antares, ou que signifiquem aflição grave dentro do contexto, é uma debilidade acidental grave.

Velocidade

Aqui não estamos falando da velocidade média, nem da velocidade normal, dos planetas.

A dignidade é estar mais rápido que o normal. A Lua é sempre mais rápida do que os outros planetas, mas isto não importa. No entanto, se ela estiver bastante mais rápida do que a sua própria velocidade normal, ela está acidentalmente dignificada.

A única exceção é Saturno. Estar mais rápido que o normal não é bom para o planeta da lentidão.

Estar muito mais lento que o normal é debilitante.

Estar estacionário – parado, com velocidade zero – é uma debilidade grave.

Estar retrógrado normalmente é considerado uma aflição grave; mas isso depende muito do contexto. Se o planeta significa um filho perdido, ele estar voltando é uma coisa boa.

Júbilo

Eu mencionei essa dignidade quando falei das casas.

Todo planeta tem seu júbilo em uma das casas. É uma casa na qual o planeta se sente bem, por assim dizer, porque as atividades da casa têm alguma semelhança com as atividades que o planeta significa.

O júbilo da **Lua** é a casa três; a do **Sol**, a nove. **Vênus** tem seu júbilo na cinco, **Júpiter** na onze. O júbilo de **Marte** é a casa seis, o de **Saturno,** a doze. **Mercúrio** tem seu júbilo na casa um.

Estar na casa contrária ao próprio júbilo é uma aflição.

Aspectos próximos

Aspectos próximos de planetas com muita dignidade essencial são benéficos; aspectos próximos de planetas debilitados são maléficos.

Oposições, de forma geral, são maléficas.

Isso, como tudo em astrologia, depende do contexto: o que os planetas envolvidos significam, o que o próprio aspecto significa, etc.

Conjunção com os Nodos

De forma geral, uma conjunção com o Nodo Norte é extremamente benéfica: é como se o planeta subisse num banquinho.

A conjunção com o Nodo Sul, ao contrário, é uma restrição grave: é como se o planeta tivesse caído num buraco.

Outros aspectos não são importantes; não há como fazer um aspecto a um dos nodos sem fazer aspecto ao outro.

Oriental e ocidental

Estes termos têm mais de um sentido possível. O significado normalmente associado à dignidade e debilidade acidental tem a ver com a posição com relação ao Sol.

Estar oriental é estar antes do Sol em movimento primário: ou seja, nascer antes do Sol. Estar ocidental, ao contrário, é estar depois do Sol no movimento primário.

O significado deriva da visibilidade. Planetas orientais nascem antes do Sol; ou seja, são visíveis no céu escuro. Planetas ocidentais nascem quando o Sol já nasceu, então não são visíveis.

Para saber se o planeta está ocidental ou oriental, imagine que o Sol esteja no Ascendente. Qualquer planeta “acima do horizonte” está oriental; qualquer planeta no outro hemisfério está ocidental.

De forma geral, estar oriental pode ser considerado uma dignidade acidental: o planeta é mais óbvio, mais manifesto no mundo, enquanto estar ocidental é estar mais escondido, mais oculto.

Halb e Hayz

Os termos têm origem árabe.

Os signos e os planetas se dividem em planetas diurnos e noturnos.

Quando um planeta diurno está acima do horizonte (nas casas VII, VIII, IX, X, XI e XII) de dia ou abaixo do horizonte (nas casas I, II, III, IV, V e VI) de noite, ele está em **halb.** Um planeta noturno está em

halb quando está abaixo do horizonte de dia e acima do horizonte de noite.

Um planeta em **hayz** está em halb e, além disso, está num signo do próprio gênero (ou seja, um planeta masculino num signo masculino, um feminino num feminino).

Os conceitos são bastante simples, mas é sempre bom lembrar que Marte, apesar de noturno, é masculino, e que Mercúrio é diurno quando oriental, noturno quando ocidental, e que é masculino ou feminino dependendo dos planetas que estão em conjunção ou aspecto com ele ou do planeta que o rege.

As dignidades e debilidades da Lua

Por sua posição de destaque, e por ser o único dos astros cuja forma visível varia, a Lua tem algumas dignidades e debilidades especiais.

A primeira tem a ver com a quantidade de luz. Quando mais cheia a Lua estiver, mais ela é visível.

Então, estar aumentando em luz é uma dignidade para a Lua, enquanto estar diminuindo em luz é uma debilidade. Sim, isso quer dizer que para a Lua, estar ocidental é uma dignidade – isso também vale para Vênus e Mercúrio, segundo alguns autores, mas por outros motivos.

Há uma faixa do Zodíaco (entre 15º de Libra e 15º de Escorpião), chamada Via Combusta, no qual a Lua também está debilitada.

Os motivos para a existência dessa faixa são controversos e a discussão foge ao propósito deste livro. Ela parece afetar somente a Lua.

Lua Fora de Curso

Este conceito atrai confusão de todos os lados, desde o seu nome até a sua importância.

O “Lua Fora de Curso” vem de “Void of Course Moon”, que é uma tradução ao inglês da expressão em latim “Luna Vacua Cursu”, que quer dizer “Lua vazia, ou desocupada, pelo caminho”.

Isso quer dizer: ela não se envolve com nenhum planeta pelo seu caminho; termina o seu percurso por um signo sem fazer conjunção

ou aspecto.

A Lua, pela sua posição de intermediária entre o céu e a terra, pode significar o fluxo geral dos acontecimentos. Desta forma, ela não fazer nada é um sinal de que nada vai acontecer, de que as coisas permanecem como estão.

Repetindo: é um sinal, de importância variável de acordo com a situação. Não é um veredito. O cosmos não pára até que a Lua mude de signo. As pessoas que nascem quando a Lua está fora de curso crescem e se desenvolvem como o resto do mundo.

Como a ideia é a Lua ficar sem fazer nada, não faz sentido dizer que ela está fora de curso nos últimos graus de um signo, porque ela está prestes a fazer algo: mudar de signo.

Capítulo 22: O Mapa Natal não pára: Introdução aos Conceitos de Progressões e Direções; o que é uma Revolução Solar.

Este livro é introdutório, não se presta a ensinar técnica nenhuma.

Sempre que pude, evitei até o uso de terminologia mais complicada.

Então, não espere nenhuma dica ou manual de *interpretação* de nenhuma das técnicas mencionadas. Vou explicar os conceitos por trás delas, porque acredito que estes conceitos ajudem a melhorar a compreensão da astrologia como um todo.

Direções e progressões são técnicas de “grande escala”; há outras, mas estas são as que dependem de forma mais clara dos movimentos celestes, que são os importantes para este livro.

O mapa do céu no momento e no local de nascimento de uma pessoa – o seu mapa *natal* – mostra, através dos símbolos celestes, as possibilidades e impossibilidades daquela pessoa.

Isto é de forma muito mais geral do que a literatura astrológica pode nos levar a pensar. Se você leu o que escrevi sobre símbolos, já devia esperar algo assim. Símbolos não são listas, e – conforme a situação concreta do nativo, sua família, sua criação, sua carga genética, etc, as mesmas *formas* podem se manifestar de modos diferentes.

Além disto, o mapa natal não pode nos contar, *em si*, sobre período nenhum da vida em particular, porque ele exibe símbolos que valem para toda a vida do nativo.

Por outro lado, o Céu não pára.

O movimento aparente da esfera celeste vai arrastar os planetas e as estrelas consigo; aos poucos, os planetas vão se movendo com relação a esta esfera, e vão fazendo seus aspectos e conjunções uns com os outros.

Este movimento, como tudo na astrologia, é simbólico. Se as posições dos planetas nos signos e nas casas significam as possibilidades e as impossibilidades da vida do nativo, seu desenvolvimento ao longo do tempo podem significar os desdobramentos destas possibilidades.

Existem duas técnicas principais que utilizam estes movimentos, as direções (“primárias”) e as progressões (“secundárias”).

Direções primárias – O Primum Mobile.

É um bom momento para reler os capítulos anteriores sobre o modelo da Esfera e mecânica celeste.

Em resumo, o céu parece uma enorme esfera, girando ao redor do eixo que a corta no Polo Norte e no Polo Sul; o Equador Celeste é o grande círculo que marca este movimento. Esta revolução se completa a cada 24 horas. Ou, como os antigos acreditavam, o Primum Mobile, o Primeiro Móvel, é esta esfera, que, girando deste modo, arrasta tudo abaixo de si.

Os planetas e as cúspides das casas, ao serem arrastadas por este movimento, se encontram (fazem conjunção) com outras posições de planetas e casas do mapa natal.

O mais comum é focar nas posições originais de cinco pontos especiais, mais importantes: o Sol, a Lua, o Ascendente, o Meio-Céu e a Parte da Fortuna, chamados por alguns autores de *significadores*. Os pontos que, por movimento primário, fazem conjunção (alguns consideram também oposições e outros aspectos) com estes cinco (os pontos que são “dirigidos” até eles) são os promissores.

É possível também dirigir as posições dos promissores ao começo e ao fim dos diversos termos dentro dos signos.

Estes encontros não são importantes em tempo real, mas em simbólico. O raciocínio por trás da conversão entre o encontro e eventos na vida é que cada revolução completa (“um dia”) equivale a um ano de vida.

Mas a conversão, na prática, é feita usando-se a distância em graus. Toma-se a distância que o promissor percorreu, por movimento primário, até o encontro com o significador e a converte-se em anos, meses e dias.

Esta distância é chamada de “arco de direção”; direções são um pouco complicadas de calcular porque este movimento é paralelo ao Equador Celeste, e o arco, portanto, é medido em “ascensões retas” ou “ascensões diretas”, que são medidas angulares (graus) contadas sobre o Equador.

Como dito anteriormente, a Eclíptica (círculo sobre a qual as posições dos planetas e as casas são dadas no mapa natal) é inclinada com relação ao Equador, então é preciso converter os valores. Não é conceitualmente difícil, mas é um cálculo trabalhoso, do qual não tratarei.

Deve ter ficado claro, mas enfatizo: esta técnica é chamada de “Direções primárias” porque se dirigem alguns pontos a outros por *movimento primário*. Não quer dizer que elas sejam primárias com relação a outras direções.

O que nos interessa são as trajetórias. Não há um “mapa de direções”.

Progressões secundárias – Os planetas se movem no céu.

O Primeiro Móvel arrasta todas as coisas com seu movimento; mas os sete astros errantes resistem e, com relação ao Céu, vão fazendo seu movimento próprio, o chamado *movimento secundário*.

À medida que avançam, vão fazendo conjunções e oposições uns com os outros, e com as posições iniciais dos planetas e casas do mapa natal.

O raciocínio por trás da conversão, aqui, também é a correspondência “um dia de avanço do mapa” = “um ano de vida”; desta vez, feita de forma mais direta. O tempo, a partir do mapa natal, em que algum planeta ou ângulo progride para uma conjunção ou oposição com algum outro planeta ou casa, é convertido para se encontrar o momento em que o evento é mostrado.

Os cinco significadores mencionados nas direções são os elementos que são progredidos, normalmente; alguns astrólogos incluem Mercúrio, Vênus e Marte; outros incluem outras partes árabes além da Fortuna.

Mais uma vez, é comum progredi-los também para os diversos termos dentro de cada signo.

Repetindo dois pontos mencionados antes:

1) Elas são *progressões secundárias* (alguns textos as chamam de direções secundárias) porque se baseiam no movimento secundário; não há uma diferença hierárquica entre elas e as direções, e não há direções ou progressões “terciárias”, “quaternárias”, etc.

2) O que importa são as progressões individuais; não há um “mapa de progressão” a ser analisado, embora – para facilitar a apresentação – alguns mapas mostrem as progressões como um mapa.

Os mapas de retorno – Revoluções.

A lógica subjacente às revoluções (ou retornos) é diferente.

O mapa natal simboliza possibilidades.

Cada planeta, ao voltar à sua posição natal (a posição exata em que estava no nascimento), reatualiza essas possibilidades.

Todos os planetas podem fazer isto, claro (o famigerado “Retorno de Saturno” é isto, é quando Saturno volta ao local do Zodíaco em que estava no nascimento), mas há dois mais importantes: os luminares.

O Sol marca os anos – para todos e cada um de nós; ele dá a volta ao Zodíaco em um ano.

Então, cada ano “solar” da nossa vida é uma atualização das possibilidades do mapa para aquele ano, de forma cíclica. O Sol é sempre o mesmo (literalmente; a definição de Revolução, ou Retorno, Solar, como dito, é o Sol estar exatamente no mesmo grau em que estava no nascimento), mas o resto do mapa, não.

Neste caso, trata-se de um mapa, mesmo. Não estamos interessados no trajeto do Sol, mas em como o resto do mapa está naquele momento.

Uma consequência inevitável do explicado acima é que a Revolução Solar deve ser aberta para o local de nascimento.

Ela não é um “mapa do aniversário”, onde você vai *estar* quando o Sol voltar à mesma posição não faz a menor diferença. É um desenvolvimento das possibilidades contidas no mapa natal e, portanto, só faz sentido se for calculada a partir dele.

A Revolução, ou Retorno, Lunar é a mesma coisa, mas divide a vida em meses, não em anos.

Apêndices

Apêndice I: Níveis da análise astrológica

Os princípios básicos da astrologia são sempre os mesmos, mas os diferentes objetos e as diferentes escalas pedem técnicas e abordagens diferentes.

Não é a minha intenção esgotar o assunto, mas dar uma visão geral dos diferentes níveis de análise astrológica.

É mais fácil descrever as diversas aplicações como estando em diferentes níveis, num gradiente crescente de importância, que corresponde, mais ou menos, a uma escala de duração possível.

Mapas de eventos

Este é o nível mais baixo.

Na base da escala, temos o mapa do céu para o momento em que um evento acontece.

É muito comum vermos análises de mapas de tragédias, ou do dia de eleições, ou eventos esportivos (jogos de futebol, corridas de cavalo ou Fórmula 1, por exemplo).

Basicamente, abrimos o mapa para o momento e o lugar em que o evento acontece e tentamos tirar alguma conclusão sobre ele.

O alcance desses mapas é muito limitado. Eles podem ser analisados em separado, ou com referência a algum outro mapa (neste caso, chamam-se “trânsitos” – as posições dos planetas no momento do evento, com relação ao mapa de alguma outra coisa, pessoa, país, etc).

De qualquer forma, as coisas analisadas aqui não tem coerência interna, são aglomerados mais ou menos fortuitos.

Astrologia Horária

O nível seguinte é o nível das perguntas. Elas têm uma coerência interna, são “organismos”, têm uma organização própria.

Sua duração e sua abrangência variam, é claro, de acordo com a situação. Mas a sua característica maior não é essa. Sua existência

depende da existência do perguntado e do astrólogo.

A pergunta só “nasce” quando o astrólogo a aceita; então, sem astrólogo, sem pergunta horária. Da mesma forma, não há o que nascer se o perguntador não tem uma dúvida gestada.

Aqui, falamos de organismos mais simples, então as técnicas, embora não precisem se ajustar à efemeridade do nível anterior, têm que levar isso em conta.

De forma geral, abrimos um mapa para a hora e o lugar em que o astrólogo aceitou a pergunta do cliente, descobrimos quais casas significam quais partes da pergunta e analisamos a situação.

Astrologia eletiva.

A escolha do melhor momento.

Por um lado, eletiva está no mesmo nível de importância que horária; por outro, ela tem que levar em conta o mapa, ou os mapas, das pessoas envolvidas, e está no nível seguinte.

Na astrologia horária, a gente pergunta sobre as coisas (“Vou casar com Fulano?”; “Esta doença é grave?”; “Vou conseguir este emprego?”). Aqui, queremos escolher o melhor momento para que uma coisa aconteça (o lançamento de um livro ou de uma revista, a fundação de uma empresa, de um website, um casamento, um corte de cabelo, a demissão de um funcionário, um determinado plantio ou colheita).

Dentro dos parâmetros dados (as datas/horas/locais possíveis), escolhemos o horário que nos dê o melhor céu disponível, fazendo referência, sempre, ao mapa da pessoa que quer escolher o melhor momento – porque o evento e a pessoa têm que se combinar bem.

Astrologia natal

Este é o nível dos seres humanos. Esta é a área mais conhecida, o chamado “mapa natal” ou “mapa astral”.

Temos, agora, organismos cuja existência é independente do astrólogo.

Aqui, há dois tipos de análise.

A primeira é abrir o mapa do momento e da hora em que a pessoa (o nativo, no jargão astrológico) nasceu e dele tirar características gerais dele e do meio em que vive.

Personalidade, aparência geral, relacionamento com pais, irmãos, filhos, cônjuges, doenças, trabalho, estas coisas todas podem ser analisadas com relação às suas possibilidades.

Não é possível pedir muita precisão neste tipo de análise. Eu gosto sempre de lembrar que o mapa natal não é o “seu mapa”, mas o mapa da hora e do momento em que você – e mais muita gente – nasceu. Se ele vale para todas as pessoas que nasceram naquele lugar e naquela hora, não pode ser detalhista demais.

O outro tipo de análise é, a partir deste mapa inicial, e usando as informações contidas nele, acompanhar a vida do nativo ao longo dos anos, usando diversas técnicas de previsão.

Além das técnicas descritas anteriormente (progressões, direções e revoluções), há outras, como profecções, firdaria, etc.

Essa parte é muito mais precisa. Primeiro, porque investiga um determinado período de tempo com mais aprofundamento, mas, principalmente, porque depende da situação da pessoa, do contexto. Para duas pessoas que tenham nascido no mesmo horário e no mesmo lugar, essas técnicas mostram os mesmos significadores astrológicos, mas podem se referir a eventos inteiramente diferentes.

Astrologia Mundana

Ou astrologia mundial: a análise dos grandes ciclos, dos eventos maiores, dos países, governos, do mundo; o nível mais alto.

Agora, estamos falando de objetos (que também têm coerência interna) que são maiores que o ser humano em vários sentidos: famílias, dinastias, países, impérios.

Uma área interessante deste nível é a astrometeorologia: prever o clima em certas regiões em um determinado período.

Aqui, há uma série de mapas diferentes a serem usados ao mesmo tempo. O mais comum é começar com o mapa do ingresso do Sol em Áries (o ano-novo astrológico) no local de interesse, usando o

ingresso do Sol nos signos, o das lunações (lua nova, quadraturas, lua cheia), eclipses, aparições de cometas, conjunções entre Saturno e Júpiter, etc. Também se pode utilizar os mapas natais dos governantes e datas de inícios importantes.

Existem outros tipos de investigação astrológica, inclusive alguns que englobam alguns desses níveis (astrologia médica, por exemplo), mas essa visão geral introdutória já é o bastante para o meu objetivo.

Apêndice II: Cálculo dos ângulos

O que eu disse no capítulo 6 dá uma boa ideia dos princípios por trás das casas, mas a posição dos ângulos está imprecisa.

O Ascendente nem sempre coincide exatamente com o ponto leste no horizonte, e o Meio-Céu nem sempre está exatamente sobre as nossas cabeças; na verdade, dependendo da época do ano e da latitude, ele pode estar bastante abaixo.

Voltemos à nossa esfera celeste.

Como ela tem raio indefinido, e, portanto, perto dela, o raio da esfera terrestre é desprezível, o horizonte pode ser considerado um grande círculo, definido pelo zênite e pelo nadir.

Lembremos do **Meridiano**, o círculo horário de que falei anteriormente. É um grande círculo que, como todo círculo horário, passa pelos polos e, além disso, passa pelo zênite e pelo nadir.

Ele corta o horizonte em dois pontos: o ponto **norte** e o ponto **sul.**

O meridiano é um círculo horário, mas também é um **círculo vertical**: círculos verticais são grandes círculos que passam pelo zênite e pelo nadir.

Há um círculo vertical cujos polos são o ponto norte e o ponto sul, o **Primeiro Vertical**. Ele corta o horizonte nos pontos que chamamos ponto **leste** e ponto **oeste**.

Agora os quatro pontos cardeais estão definidos no horizonte.

Pois bem.

O Ascendente é o ponto, no Leste (ou seja, o ponto *mais próximo* do ponto leste) em que a Eclíptica corta o horizonte. Como vimos, este ponto pode coincidir com o ponto leste (quando a Eclíptica e o Equador se cortam: quando o ponto da Eclíptica que está passando pelo horizonte é o ponto de Áries ou o de Libra, porque o Equador sempre corta o horizonte no ponto leste) ou não.

O Descendente, é claro, é o ponto oposto.

O Meio-Céu é o ponto em que a Eclíptica corta o Meridiano, no hemisfério norte, ao sul do Primeiro Vertical (ou seja, na porção “ao sul” do Meridiano) e o Fundo do Céu é o ponto oposto.

É menos óbvio, mas com um pouco de esforço mental, é fácil de perceber que às vezes o Meio-céu e o Zênite coincidem (quando o ponto de Áries ou o de Libra passam pelo Meridiano em localidades próximas do Equador terrestre, por exemplo), e em outros casos, um está próximo do outro, mas não se confundem.

Apêndice III: As Horas planetárias

O tempo não é qualitativamente uniforme. Espero que este livro tenha deixado isso claro para o leitor.

Cada instante é único; todo momento é diferente do outro. Vemos isso pela mudança da posição dos astros, mas não é ela que influencia o momento: ele é como ele é, os astros só nos apontam a sua qualidade intrínseca.

Essa variação da qualidade do tempo é expressa pelas horas astrológicas. Cada hora recebe um planeta regente (essa é a base dos regentes do dia da semana, vamos ver mais abaixo).

O importante é que as horas de que estamos falando não são as horas de 60 minutos contadas no relógio.

O que acontece é o seguinte:

Para a astrologia, o dia começa ao nascer do Sol. O período entre este instante e o pôr do Sol é o “dia”. O período entre o pôr do Sol e o nascer seguinte é a “noite”.

Cada hora é um doze avos desse tempo. Ou seja, uma hora diurna é calculada assim: anotamos o instante do pôr do Sol; dele, retiramos o instante do nascer do Sol e dividimos o resultado por doze.

Isso vale uma hora diurna para aquele dia.

As horas noturnas são calculadas da mesma forma (o intervalo de tempo entre o pôr do Sol e o nascer do Sol é dividido em doze, cada um desses períodos é uma hora).

Para cada um desses períodos, damos um planeta como regente.

Como o dia começa ao nascer do Sol e o domingo é o primeiro dia da semana, damos à primeira hora de domingo ao Sol.

Os planetas se sucedem na ordem que eu mencionei antes, a chamada ordem caldaica (Saturno – Júpiter – Marte – Sol – Vênus – Mercúrio – Lua).

Ou seja, a segunda hora do dia é de Vênus, a terceira de Mercúrio, a quarta da Lua, a quinta de Saturno, a sexta de Júpiter, a sétima de Marte, a oitava do Sol novamente, a nona de Vênus, e por aí vai.

A sequência não pára; então, a primeira hora da noite é a décima-terceira a partir da primeira do dia: é regida por Júpiter.

Seguindo a sucessão dos planetas, a primeira hora do dia de segunda-feira é regida pela Lua; a primeira de terça por Marte, a primeira de quarta por Mercúrio, a primeira de quinta por Júpiter, a primeira de sexta por Vênus e a primeira de sábado por Saturno.

Ou seja, os regentes dos dias da semana são os regentes da primeira hora de cada dia.

Exemplo

Vamos calcular as horas para o primeiro domingo do ano de 2014, na cidade do Rio de Janeiro/RJ.

O Sol nasceu às 06:13:30 (horário de verão; figura 11).

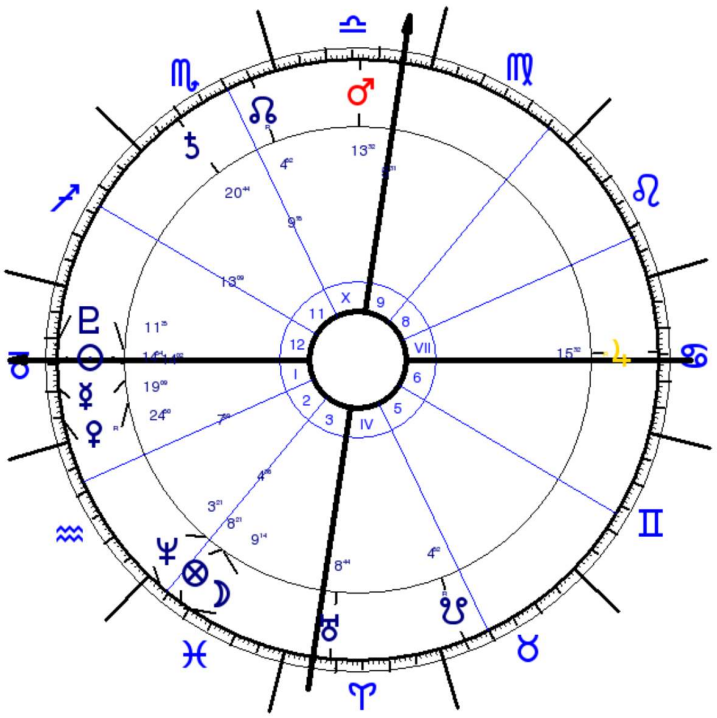

Figura 11 – nascer do Sol no dia 5 de janeiro de 2014, às 06:13:30, no Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Ele se pôs às 19:38:35.

Então, o dia durou 19h38min35seg – 06h13min30seg, ou seja, 13 horas, 25 minutos e 05 segundos.

Se o dia durou esse tempo, cada hora do dia durou isso dividido por 12: 1 hora, 6 minutos e 55 segundos (e alguns décimos de segundo, que vamos desprezar).

Assim, a primeira hora, regida pelo Sol, começa em 06h13min30seg e termina em 07h20min25seg.

A segunda hora, regida por Vênus, começa em 07h20min25seg e termina em 08h27min20seg, e por aí vai.

Não vou calcular todas as horas do dia, nem as da noite, mas é interessante mostrar o quanto dura uma hora na noite deste mesmo dia.

Anoiteceu, como eu disse, às 19h38min35seg.

O dia nasceu de novo às 06h14min07seg.

Então, a noite durou 10 horas, 35 minutos e 32 segundos.

Ou seja, cada hora noturna durou, então, 54 minutos e 57 segundos.

Bibliografia resumida

Uma boa parte dos livros desta bibliografia não é de astrologia; isso não é por acaso. Muitos autores astrológicos, modernos ou antigos, se repetem uns aos outros.

Além disso, o mais importante para entender o simbolismo astrológico é entender o solo no qual ele se mantém e do qual se alimenta.

Algumas das obras citadas aqui foram fonte direta para este livro ("bibliografia utilizada"); outras podem ser usadas como aprofundamento, complementação, contraste, ou que estejam de algum modo relacionadas ao nosso assunto ("bibliografia sugerida"). O assunto do livro e meus comentários ajudam a esclarecer a qual dos dois tipos cada obra pertence.

*****

Al-Biruni, *Book of Instructions in the Elements of the Art of Astrology*, 2006, Astrology Classics, Abingdon, EUA.

Al-Khayyat, Abu 'Ali. *The Judgments of Nativities (transl. byJames Holden)*, 2009, American Federation of Astrologers, EUA.

Ambrósio, Santo. *Examerão,* 2009, Paulus, São Paulo.

Sermões do grande santo que, juntos, recontam os seis primeiros dias da Criação. O tratamento que ele dá ao Sol, à Lua, e à luz são especialmente interessantes.

Aristóteles, *Física*. Diversas edições, diversas línguas. Há uma edição barata e fácil de consultar, em inglês, das obras completas de Aristóteles em e-book à venda na Amazon: *The Complete Works of Aristotle*, Delphi Classics.

Aristóteles é um dos pilares da filosofia ocidental, então toda a sua obra é importante; mas ela nem sempre é fácil. Vários conceitos importantes são discutidos aqui; a explicação das quatro causas (Livro II, capítulo 3) merece atenção especial.

Bettencourt, D. Estêvão. *Para Entender o Antigo Testamento*, 1990, Editora Santuário, Aparecida.

Importante pelos motivos explicados no título.

Broughton, Luke Dennis. *Elements of Astrology* (1895, publicado pelo autor, Nova York, EUA), 2010, Kessinger Publishing LLC, EUA.

Obra importante para nos lembrar de que cadeia de transmissão de conhecimento astrológico não foi quebrada. Ele menciona desde autores mais próximos a ele, como Sepharial, até Lilly e Ptolomeu (de cujas obras ele afirma ter várias cópias em mãos).

Burckhardt, Titus.*Clé Spirituelle de l'Astrologie Musulmane d'après Mohyddin Ibn Arabi,* 1974, Les Editions Traditionelles, Paris, França. Há uma tradução em inglês, *Mystical Astrology according to Ibn Arabi*, e uma tradução não publicada em português, do Pedro Sette Câmara, *Chave Espiritual da Astrologia Muçulmana segundo Mohyddîn ibn Arabi*, que pode ser solicitada ao próprio autor.

Culpeper, Nicholas. *Astrological Judgment of Diseases from the Decumbiture of the Sick*, 1655, Nath Brookes, Londres, Inglaterra. Também há uma edição do Astrology Classics e uma tradução pela Biblioteca Sadalsuud.

Vale mais como diversão do que como estudo; Culpeper é extremamente sarcástico. No entanto, há uma boa descrição de doenças e planetas, doenças e signos, e uma descrição física dos diversos temperamentos.

Culpeper, Nicholas. *Complete Herbal,* 1655. Há diversas edições em inglês (inclusive online), com diversos graus de fidelidade ao texto original, desta obra que nunca saiu de circulação desde que foi publicada.

Uma extensa lista (411 espécies) de plantas com suas aparências e seus empregos médicos.

Dariot, Claude. *L'Introduction au Jugement des Astres: Suivie d'un Traité des élections propres pour le commencement des choses* (1558, Maurice Roy e Loys Pesont, Lyon, França), 1996, Editora Pardés, Puiseaux, França.

Existe uma tradução famosa para o inglês (A Briefe and Most Easie Introduction of the Astrologicall Judgement of the Starres, 1598, Thomas Purfoot, Londres, Inglaterra) por Fabian Wither, que na verdade adaptou e acrescentou muita coisa (com a ajuda do misterioso "cavalheiro G. C"). Dariot é um autor bastante citado pelos escritores do século seguinte.

De Carvalho, Olavo. *Astros e Símbolos,* 1985, Nova Stella Editorial, São Paulo.

De Carvalho, Olavo. *Astrologia e Religião,* 1986, Nova Stella Editorial, São Paulo.

Alguns dos capítulos dos dois livros, se não me engano, foram republicados em obras posteriores. O autor já disse que eles foram escritos para um público bastante restrito, que o que ele disse neles deve ser lido com cuidado, e que há coisas que ele mudaria. No entanto, eles têm seu valor e vários capítulos valem um estudo atento.

Dos Santos, Mário Ferreira. *A Sabedoria das Leis Eternas,* 2001, É Realizações, São Paulo.

Dos Santos, Mário Ferreira. *Pitágoras e o Tema do Número*, 2000, IBRASA, São Paulo.

Dos Santos, Mário Ferreira. *Platão – O Um e o Múltiplo. Comentários sobre o Parmênides,* 2001, IBRASA, São Paulo.

Mário Ferreira dos Santos é um gigante. Toda a parte do simbolismo numérico e muito do resto do livro não existiria sem ele.

Einstein, Albert. *A Teoria da Relatividade Especial e Geral*, 1999, Contraponto, Rio de Janeiro.

" *O que Einstein está fazendo aqui?" Neste pequeno livro, ele apresenta uma ideia geral muito boa do que a ciência é (e do que ela não é) e suas relações com a realidade.*

Ferrier, Auger. *Jugements Astronomiques sur les Nativités*, 1550, Lyon, diversas edições seguintes.

Uma das fontes de William Lilly, Ferrier, além de astrólogo, era médico. O livro é pequeno e descreve de forma resumida a sua visão

sobre os fundamentos da astrologia natal.

Estou preparando uma tradução comentada.

Frawley, John. *The Real Astrology*, 2001, Apprentice Books, Londres, Inglaterra.

Melhor introdução à astrologia ocidental que já li.

Frawley, John. *The Real Astrology Applied*, 2002, Apprentice Books, Londres, Inglaterra.

Frawley, John. *Sports Astrology,* 2007, Apprentice Books, Londres, Inglaterra.

Frawley, John. *Manual de Astrologia Horária, Edição Revista*, 2014, Apprentice Books, Londres, Inglaterra.

A tradução deste livro é minha.

Gadbury, John. *Collection Geniturarum; or, a Collection of Nativities in 150 Genitures*, 1661, Londres, Inglaterra.

Aluno, adversário e amigo de William Lilly em diferentes épocas de suas vidas, Gadbury era tão envolvido quanto seu ex-mestre na política e nas disputas religiosas de seu tempo – parte dos motivos das suas desavenças era estarem os dois nos lados opostos, enquanto Lilly era pró-parlamento e protestante, Gadbury era pró-Charles e católico.

Gadbury misturava, muito mais que Lilly, suas posições politico-ideológicas na sua astrologia, e boa parte das suas análises era propaganda; mas é uma coleção respeitável (da qual um dos exemplos deste livro foi tirado) de mapas expostos, com análises breves. Além disto, a leitura tem trechos divertidos (por exemplo, a análise insultuosa que ele faz do mapa do próprio Lilly).

Guénon, René. *La Métaphysique Oriental*, 1939, Editions Traditionelles, Paris, França.

Guénon, René. *La Grande Triade*, 1946, Gallimard, Paris, França.

Guénon, René. *Le Règne de la Quantité et les Signes du Temps*, 1945, Gallimard, Paris, França.

Simbolismo e religião comparada. Há diversas edições em francês, espanhol, inglês e português.

Hofman, Oscar. *Classical Medical Astrology – Healing with the Elements*, 2009, The Wessex Astrologer, Bournemouth, Inglaterra.

Curto e completo.

Ibn Ezra, Abraham. *The Beginning* o*f Wisdom (Translation from Hebrew*), 1998, Arhat Publications.

Lilly, William. *Christian Astrology, Modestly Treated of in Three Books, The Second Edition Corrected, and Amended,*1659, John Macock, Londres, Inglaterra. A obra foi reeditada diversas vezes. Uma edição boa é a da Astrology Classics (2005, Abingdon, EUA), que divide a obra em dois volumes, o primeiro contendo os dois primeiros livros (*An Introduction to Astrology* e *The Resolution of All Manners of Questions and Demands*), o segundo contendo o terceiro livro (*An Easie and Plain Method Teaching How to Judge upon Nativities*). Também há uma edição dele em português pela Biblioteca Sadalsuud.

Eu traduzi esta obra ao português, com diversas notas explicativas; o primeiro volume está publicado pela Editora Concreta, os outros sairão, algum dia.

Escrito no início da carreira do grande astrólogo inglês, ele inclui exemplos de astrologia horária (35 mapas explicados) e um exemplo bastante detalhado de astrologia natal. Poucas vezes um astrólogo se expôs tanto em um livro. A parte teórica é importante, mas não tanto quanto a prática, que é imensamente valiosa.

Lúlio, Raimundo. *O Novo Tratado de Astronomia (Astrologia Medieval)* 2011, Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), São Paulo.

Makransky, Bob. *Primary Directions: a Primer of Calculation*, 2005, Dear Brutus Press, Guatemala.

Este livro está, até onde consegui ver, esgotado e seu autor não parece querer reeditá-lo (sua página na Amazon mostra vários livros sobre magia, mas nenhum sobre astrologia); ele ainda é encontrável

usado, eu acho – eu tenho uma versão impressa do arquivo .pdf que ele disponibilizava de graça, antes de resolver vendê-lo.

Mesmo com essas dificuldades, ele merece ser citado pela explicação simples e clara da trigonometria envolvida no cálculo das casas mundanas.

Ptolomeu, Claudius. *Tetrabiblos,* diversas edições em diversas línguas. Há uma edição em português pela **Biblioteca Sadalsuud**, de Portugal.

Obra fundamental. Seu valor não é intrínseco, mas extrínseco. Ptolomeu tem várias passagens estranhas, falhas, e trechos em que ele parece não saber do que está falando, mas foi o texto base durante muitos séculos, e a tradição astrológica cresceu, em larga medida, sobre ele.

Ratzinger, Joseph, *Fé, Verdade, Tolerância*. *O Cristianismo e as Grandes Religiões do Mundo,* 2007, Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência "Raimundo Lúlio" (Ramon Llull), São Paulo.

O livro entrega o que o título promete: as relações (ou seja, as semelhanças e as diferenças fundamentais) entre o mundo cristão e as outras tradições.

Ratzinger, Joseph. *Introdução ao Cristianismo: Preleções sobre o Símbolo Apostólico Com um novo ensaio introdutório.* 2005, Edições Loyola, São Paulo.

O papa emérito introduz a fé cristã para o mundo intelectual moderno.

Reale, Giovanni. *História da Filosofia Antiga, Vol I: Das origens a Sócrates* e *Vol II: Platão e Aristóteles*, 1994, Edições Loyola, São Paulo.

Robson, Vivian. *The Fixed Stars & Constellations in Astrology*, (1923) 2005, Astrology Classics, Abingdon, EUA.

Sacrobosco, João de. *Tratado da Esfera – Cosmologia tradicional e mecânica celeste,* Traduzido por D. Pedro Nunes (1230?, 1537), 2018, Ed. Concreta.

Tratado simples, curto e didático do modelo da Esfera. A tradução é de um gigante.

Saunders, Richard. *The Astrological Judgment and Practice of Physick*, 1677, L.C., Londres, Inglaterra. (Astrology Classics, 2005, Abingdon, EUA).

Zambelli, Paula. *The Speculum Astronomiae and its Enigma: Astrology, Theology and Science in Albertus Magnus and its Contemporaries (Boston Studies in the Philosophy and History of Science),*1992, Springer.

Um trabalho impressionante. Além do original e da tradução em inglês do Speculum, Zambelli descreve o contexto em que ele foi escrito e discute as controvérsias sobre sua autoria, dando fortes argumentos a favor de Santo Alberto. Pesquisas recentes parecem pender para a conclusão contrária – de que o Speculum não seja de sua autoria – mas a obra de Zambelli ainda é uma referência inescapável.

---

[1] O efeito Forer, também conhecido por efeito Barnum, é o fenômeno psicológico no qual as pessoas se identificam com uma descrição vaga e geral quando são informadas de que ela foi feita especificamente para elas.

[2] Esta história começou, ou pelo menos ficou popular, em “A History of the Life and Voyages of Christopher Columbus” um romance-biografia de Colombo escrito por Washington Irving (norte-americano autor de “Rip van Winkle” e “A lenda do cavaleiro sem cabeça”) e publicado em 1828.

[3] Grátis para computadores. Há um aplicativo pago, disponível para Android.

[4] O termo técnico, empregado por muitos autores, é “partil”. Quando a conjunção não é exata, se chama “plática”. Os termos também são usados para aspectos.